



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL LINHA DE FORMAÇÃO JORNALISMO

**ROTINAS PRODUTIVAS, CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A
ARTE DE FAZER UM JORNAL DIÁRIO
OS BASTIDORES DA GAZETA DO SUL E DA FOLHA DO MATE**

Fábio Alex Kuhn

Lajeado, novembro de 2015

Fábio Alex Kuhn

**ROTINAS PRODUTIVAS, CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A
ARTE DE FAZER UM JORNAL DIÁRIO
OS BASTIDORES DA GAZETA DO SUL E DA FOLHA DO MATE**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Comunicação Social Linha de Formação Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Leonel José de Oliveira

Lajeado, novembro de 2015

DEDICATÓRIA

Por primeiro, aos meus pais. Sem eles nada disso seria possível.

Em segundo, ao orientador e mestre Leonel José de Oliveira que me guiou nessa trajetória rumo ao conhecimento.

Em terceiro, aos colegas, tanto de trabalho como de faculdade que me auxiliaram a ver o jornalismo da maneira como o vejo hoje.

Por último, e não menos importante, aos jornais Folha do Mate e Gazeta do Sul que abriram às portas para essa pesquisa acadêmica.

É claro que o resultado depende muito da garra, da vontade, do repórter. A impressão que tenho da maioria dos repórteres brasileiros é que eles vão fazer uma matéria, voltam e defecam na mesa do editor.

Cláudio Abramo – A Regra do Jogo

Fábio Alex Kuhn

**ROTINAS PRODUTIVAS, CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A
ARTE DE FAZER UM JORNAL DIÁRIO
OS BASTIDORES DA GAZETA DO SUL E DA FOLHA DO MATE**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Comunicação Social Linha de Formação Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau em Bacharel em Jornalismo.

Prof. Me. Leonel José de Oliveira – orientador
Centro Universitário UNIVATES

Prof. Dra. Jane Márcia Mazzarino
Centro Universitário UNIVATES

Prof. Ma. Rozana Ellwanger
Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, novembro de 2015

RESUMO

Explicar por que as notícias são como são é uma obsessão da comunidade acadêmica desde o surgimento dos primeiros jornais. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tenta abordar essa questão no contexto de dois periódicos do Vale do Rio Pardo: o Jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, e o Jornal Folha do Mate, de Venâncio Aires.

Para realizarmos essa análise, resumimos as principais hipóteses do jornalismo e juntamos os valores-notícia apontados por seis autores. Também fizemos uma observação participante nas duas redações durante os dias 13 a 24 de julho para entendermos a rotina produtiva de cada periódico. Em um segundo momento, utilizamos todos esses dados para realizar um estudo comparativo descritivo geral abordando as semelhanças e diferenças no que é notícia nos dois jornais. Em um terceiro momento, realizamos um cruzamento de dados entre as constatações da pesquisa e visão dos autores sobre o processo produtivo.

Constatamos que ambos os jornais possuem critérios de noticiabilidade singulares, uma rotina produtiva própria e sistemas hierárquicos que acabam afetando o produto final: a notícia.

Palavras-chave: Jornal. O que é notícia? Critérios de noticiabilidade. Rotinas produtivas.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Entrevista de Alvaro Pegoraro	59
Foto 2 - Reunião de pauta na Folha do Mate	61
Foto 3 - Siebeneichler em ação.....	62
Foto 4 - Redação da Folha do Mate	63
Foto 5 - Vanessa e a entrevista informal	65
Foto 6 - Siebeneichler e Giuliane em busca das ruas sem nome	66
Foto 7 - Reunião de pauta na Gazeta do Sul	68
Foto 8 - Mahara na cobertura da enchente	69
Foto 9 - Kämpf e Assmann em ação	72
Foto 10 - Ferreira e a cobertura da dupla Gre-Nal	73
Foto 11 - Redação da Gazeta do Sul	74
Foto 12 - Manhã tranquila na Gazeta do Sul.....	75
Foto 13 - Kämpf e Pedry em busca dos desaparecidos.....	78

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Assoeva na Liga Nacional.....	82
Imagem 2 - Discussão na Câmara de Vereadores.....	83
Imagem 3 - Enchente	84
Imagem 4 - Meningite em Venâncio Aires.....	87
Imagem 5 - Liga Carnavalesca.....	87
Imagem 6 - Editoria de esporte e o jornalismo de agenda	88
Imagem 7 - Matéria de Ijuí.....	92
Imagem 8 - Ruas sem identificação	93
Imagem 9 - Positivismo nas matérias da Folha do Mate	94
Imagem 10 - Enchente e preocupação em Mariante.....	97
Imagem 11 - Sem pediatras em Venâncio Aires	99
Imagem 12 - Mais enchente em Venâncio Aires.....	100
Imagem 13 - Mudanças de páginas	102
Imagem 14 - Marcel Stürmer na capa da Folha do Mate	103
Imagem 15 - Chamada com caráter positiva na capa	104
Imagem 16 - Foto chamativa na capa	105
Imagem 17 - Eliminação colorada nas páginas da Gazeta do Sul	108
Imagem 18 - Pedido atendido e Fórmula Truck nas páginas do jornal	111

Imagem 19 - Sugestões da editora-chefe Rose	112
Imagem 20 - Com ou sem obra?	113
Imagem 21 - Da coluna ao jornal de Santa Cruz do Sul	114
Imagem 22 - Série de matérias Caminhos do Contrabando	115
Imagem 23 - O interesse pelo inusitado nas matérias da Gazeta	118
Imagem 24 - Matérias com proximidade geográfica.....	119
Imagem 25 - Acompanhando o aumento da passagem.....	120
Imagem 26 - Mais suites na Gazeta do Sul.....	121
Imagem 27 - Novidades no “caso Ana Paula”	122
Imagem 28 - Pan-Americano e dupla Gre-Nal na Gazeta do Sul.....	123
Imagem 29 - Independência das fontes oficiais	126
Imagem 30 – Dupla Gre-Nal na capa.....	129

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Valores-notícia de Galtung e Ruge	43
Quadro 2 - Valores-notícia de Wolf	46
Quadro 3 - Valores-notícia de Traquina	49
Quadro 4 - Valores-notícia de Gislene Silva.....	50
Quadro 5 - Valores-notícia de Shoemaker e Vos	53
Quadro 6 - Análise Folha do Mate.....	106
Quadro 7 - Análise Gazeta do Sul.....	130
Quadro 8 - Comparação entre os periódicos.....	131

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MÉTODO.....	18
3 O <i>NEWSMAKING</i> E AS HIPÓTESES DO JORNALISMO	21
3.1 <i>Newsmaking</i>	22
3.2 Hipótese do agendamento.....	27
3.3 Hipótese da ação política	30
3.4 <i>Gatekeeper</i>	32
3.5 Hipótese organizacional	34
3.6 Hipótese construcionista.....	36
3.7 Hipótese estruturalista.....	37
3.8 Hipótese interacionista.....	38
4 VALORES-NOTÍCIA	40
4.1 Valores-notícia segundo Tobias Peucer	40
4.2 Valores-notícia segundo Johan Galtung e Mari Ruge.....	41
4.3 Valores-notícia segundo Mauro Wolf	44
4.4 Valores-notícia segundo Nelson Traquina.....	47
4.5 Valores-notícia segundo Gislene Silva.....	50
4.6 Valores-notícia segundo Pamela Shoemaker e Tim Vos	51
5 DIÁRIO DAS ROTINAS PRODUTIVAS.....	54
5.1 Sobre a Folha do Mate	54
5.1.1 Diário do Jornal Folha do Mate	56
5.1.2 Segunda-feira	56
5.1.2.1 Terça-feira	58
5.1.2.2 Quarta-feira	60
5.1.2.3 Quinta-feira	63
5.1.2.4 Sexta-feira	65
5.2 Sobre o jornal Gazeta do Sul.....	67
5.2.1 Diário do Jornal Gazeta do Sul	67
5.2.1.1 Segunda-feira	67
5.2.1.2 Terça-feira	71
5.2.1.3 Quarta-feira	73
5.2.1.4 Quinta-feira	75
5.2.1.5 Sexta-feira	76

6 ANÁLISE.....	79
6.1 Jornal Folha do Mate	80
6.1.1 Rotina Folha do Mate	80
6.1.2 O que é notícia na Folha do Mate? (selecionando os acontecimentos)....	84
6.1.2.1 Critérios de noticiabilidade na seleção dos acontecimentos	90
6.1.3 Construindo a matéria na Folha do Mate (a busca pela informação)	95
6.1.4 A hora do fechamento na Folha do Mate (edição).....	99
6.1.4.1 Critérios de noticiabilidade na produção da capa.....	102
6.2 Jornal Gazeta do Sul	106
6.2.1 Rotina Gazeta do Sul.....	106
6.2.2 O que é notícia na Gazeta do Sul? (selecionando os acontecimentos) ..	109
6.2.2.1 Critérios de noticiabilidade na seleção dos acontecimentos.....	116
6.2.3 Construindo a matéria na Gazeta do Sul (busca pela informação).....	124
6.2.4 A hora do fechamento na Gazeta do Sul (edição)	127
6.2.4.1 Critérios de noticiabilidade na produção da capa.....	128
6.3 Comparativo e análise do quadro	131
6.4 Considerações sobre o que é notícia: análise comparativa qualitativa a partir de quem participa, das fontes e dos critérios de noticiabilidade no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul	132
6.4.1 Considerações sobre a Hipótese do Gatekeeper e a Hipótese Organizacional no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul	136
6.4.2 Considerações sobre as hipóteses interacionista e estruturalista no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul	138
6.5 Cruzamento de Dados – as avaliações do presente trabalho e a perspectiva dos editores de Folha do Mate e Gazeta do Sul	140
6.5.1 Folha do Mate	141
6.5.2 Gazeta do Sul.....	142
7 CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES	149
APÊNDICE A - Entrevista semiestruturada com a editora do Jornal Folha do Mate, Letícia Wacholz	150
APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com o chefe de reportagem do Jornal Gazeta do Sul, Ricardo Düren	158

1 INTRODUÇÃO

No dia 14 de julho de 2015, o jornal Folha do Mate, de Venâncio Aires, destacava na capa a matéria “Gabinete é formado para alertar e monitorar cheias”. Acompanhado da chamada em letra MuseoSans (tamanho 47), estava uma imagem horizontal, enorme e chamativa. Nela aparecia uma mulher cercada pela água em frente ao estádio Edmundo Feix.

Exatamente uma semana depois, no dia 21 de julho de 2015, o jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, evidenciava na principal página: “Municípios mantêm alerta pelas cheias”. A chamada estava na parte superior. Abaixo se encontrava um pequeno texto com 138 caracteres. No lado esquerdo, havia a imagem de uma idosa caminhando em meio ao alagamento com a ajuda de um pedaço de pau.

Seria mera coincidência dois meios de comunicação de cidades distintas se interessarem pelo tema “cheia” e publicarem fotos com características tão semelhantes? Ou será que os profissionais da comunicação simplesmente possuem predileções muito parecidas e que podem ser identificadas e organizadas dentro de uma série de critérios de noticiabilidade?

Explicar o que é notícia é obsessão da comunidade acadêmica desde o surgimento dos primeiros periódicos. Esse interesse aumentou ainda mais no final dos anos 60, quando os meios de comunicação ganharam a atenção da sociedade moderna, em especial, nos Estados Unidos e Grã-Bretanha (VIZEU, 2014).

Pesquisas sobre critérios de noticiabilidade, rotinas de produção e controle social dentro das redações se multiplicaram e, embora passadas várias décadas, o tema continua complexo e merecedor de novos estudos, novos olhares e novas percepções.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é mais uma das abordagens a esta questão que vem inquietando estudiosos desde que o jornalismo é jornalismo. Para tal, a presente pesquisa foca dois periódicos do Vale do Rio Pardo citados acima: o Jornal Gazeta do Sul e o Jornal Folha do Mate. Escolhemos os periódicos por serem os maiores e mais tradicionais nas proximidades do Vale do Taquari, desta forma, facilitando a logística da pesquisa.

Tomamos inicialmente a famosa questão: afinal, “o que é notícia?”. Revendo a literatura sobre o tema observamos a seguinte indagação, proposta por Mauro Wolf: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?

A resposta a este questionamento, naturalmente, produziu outros questionamentos que, de alguma forma, esta pesquisa também procura analisar. São eles: como a rotina produtiva interfere no produto final: a notícia? Os periódicos possuem critérios de noticiabilidade para selecionar as notícias? Quais são eles? Quem pauta os meios de comunicação? Para quem os jornalistas escrevem? Como funciona a hierarquia dentro das organizações jornalísticas?

Assim, amparados pela teoria do *newsmaking*, realizamos uma observação participante nos dois meios de comunicação no período de 13 a 24 de julho.

No jornal Folha do Mate ficamos do dia 13 ao dia 17 de julho, totalizando 48 horas e 38 minutos. Vale destacar que foi analisado apenas o conteúdo produzido na sessão principal, sem se ater aos demais cadernos como o Na Pilha, Folha Dois, Folha Bairros, entre outros. Essa escolha foi tomada, pois, embora esses cadernos possam influir na produção do jornal principal, eles possuem uma rotina própria – situação que impossibilitaria uma análise precisa do pesquisador.

Dos dias 20 a 24 de julho acompanhamos o trabalho da redação no jornal Gazeta do Sul. O período de análise foi de 45 horas e 23 minutos. Da mesma forma

que na Folha do Mate, foi analisada apenas a sessão principal, deixando os demais cadernos de lado. A edição de segunda-feira, dia 20 de julho, também não foi analisada, pois, para tal, seria necessário observar o plantão do fim de semana.

O Jornal Folha do Mate é o único impresso diário do município de Venâncio Aires – cidade situada no Vale do Rio Pardo e que leva o nome do jornalista Venâncio de Oliveira Aires. Além do município, o periódico circula por Mato Leitão, Passo do Sobrado, Vale Verde e Monte Alverne (distrito de Santa Cruz do Sul). São cerca de sete mil assinantes em uma população alvo de 80 mil pessoas. A tiragem é de 7,4 mil exemplares, contando com os impressos que são vendidos nas bancas.

Em 6 de outubro de 1972, o meio de comunicação foi fundado pelos diretores Walter Kuhn, Astor José Reckziegel, Lauro Uhry e Lindor Lauro Muller. Conforme os documentos históricos, a criação da Folha do Mate foi inspirada no jornal O Informativo do Vale (impresso de Lajeado que iniciou as atividades em 1970).

O meio de comunicação leva esse nome pelo fato da erva-mate, na década de 70, ser um dos principais produtos cultivados pelos agricultores venâncio-airesenses. Até os dias de hoje, o chimarrão ainda é a bebida-símbolo de Venâncio Aires.

Em um primeiro momento, a redação da Folha do Mate funcionava em duas salas cedidas pela Paróquia São Sebastião Mártir (atual Centro da Pastoral). O impresso circulava uma vez por semana, às sextas-feiras. A partir do segundo ano de existência, em 1974, se tornou bissemanal com mais uma edição nas quartas-feiras.

Principais avanços da empresa foram constatados em 2011. Em agosto, a Folha do Mate inaugurou a atual e moderna sede na rua Visconde do Rio Branco, além de divulgar oficialmente a missão: “Informar e desenvolver com cidadania.” Em outubro do mesmo ano, o jornal criou o slogan “Parceria com a comunidade” e passou a ser diário.

Como linha editorial, a Folha do Mate elenca o desenvolvimento de um jornalismo focado na área de abrangência, priorizando a cobertura de fatos locais,

anseios e conquistas da comunidade, além de repercutir localmente as notícias do mundo.

A diretoria da Folha do Mate é composta hoje por três pessoas. O diretor Ricardo Silberschlag se encarrega pelo setor administrativo, enquanto a diretora Paula Carvalho comanda o setor comercial. Sergio Klafke é o diretor de conteúdo.

Na década de 40, quando a cidade de Santa Cruz do Sul vivia uma época de pleno crescimento socioeconômico, um grupo de empresários se mobilizou para criar um meio de comunicação impresso. Sob a liderança de Francisco José Frantz, surge a Gazeta de Santa Cruz.

A primeira edição circulou em 26 de janeiro de 1945. Nos primeiros 11 meses, o novo impresso de Santa Cruz do Sul era semanal. Passou para duas vezes por semana ainda em dezembro do mesmo ano. Em novembro de 1953 a Gazeta mudou a periodicidade novamente, passando a ter três edições por semana. Dois anos depois, estruturou a própria gráfica com a aquisição de uma impressora marca Goss Cox-O-Type. Para suportar os gastos, a empresa se transformou em sociedade anônima, com a participação de 163 acionistas.

Com a intenção de regionalizar a cobertura jornalística, o impresso mudou a nomenclatura em 1957. O nome Gazeta de Santa Cruz foi substituído por Gazeta do Sul. Desta forma, passou a circular por outros municípios do Vale do Rio Pardo.

A partir de 1988, a Gazeta do Sul começou a circular de terça-feira a sábado. Um ano depois, acrescentou a edição de segunda-feira, completando a circulação em seis dias da semana. Primeiras páginas coloridas foram registradas em 1997. Ao completar 65 anos de fundação, em janeiro de 2010, a Gazeta do Sul inaugurou o novo parque gráfico com investimento superior a R\$ 1,1 milhão.

Atualmente, a Gazeta do Sul é apontada como um dos jornais mais lidos do interior do Rio Grande do Sul. Tem 13 mil assinantes nas 27 cidades de abrangência. Conforme o Diretor Comercial e de Circulação Lau Ferreira, cerca de 70% do número de assinantes é composto por moradores de Santa Cruz do Sul. Tiragem do jornal durante a semana é de 15 mil exemplares. Na edição do fim de

semana, pula para 18 mil exemplares – isso ocorre devido ao aumento de venda dos jornais avulsos nas bancas.

Além do impresso, o Grupo Gazeta de Comunicações administra a Gazeta da Serra, quatro emissoras de rádio, o portal de notícias GAZ e a Editora Gazeta Ltda – responsável por editar publicações voltadas ao agronegócio e economia.

No capítulo 2, expomos o método do trabalho que, resumidamente, se caracteriza da seguinte maneira: quanto à análise de dados essa pesquisa é qualitativa. Quanto aos fins, a pesquisa é explicativa. Quanto aos meios, trata-se de um estudo bibliográfico. Optamos ainda por fazer uma entrevista semiestruturada com os gestores dos dois meios de comunicação.

Para embasarmos nossa análise, realizamos no capítulo 3 um apanhado histórico da hipótese do *newsmaking*, um resumo da hipótese do *gatekeeper*, hipótese organizacional, hipótese do agendamento, hipótese da ação política, hipótese construcionista, hipótese estruturalista e hipótese interacionista.

No capítulo 4 apresentamos a visão de seis pesquisadores sobre os valores-notícia. Os estudos dos capítulos 3 e 4 foram importantes para compreendermos teoricamente como funcionam os meios de comunicação pesquisados.

Os relatos sobre a rotina dos jornais durante as duas semanas de observação participante estão no capítulo 5, intitulado Diário das Rotinas Produtivas.

O capítulo 6 é dividido em três partes. Nelas se concentram os objetivos específicos desta pesquisa. Em um primeiro momento analisamos individualmente a rotina produtiva da Folha do Mate e da Gazeta do Sul. Para realizar esse trabalho, dividimos o processo produtivo em três fases distintas a partir do que propõe Mauro Wolf: a recolha do material informativo (momento onde o jornalista se vale das fontes e das agências de notícia para dar forma ao noticiário), a seleção das notícias (quando é feita a triagem e a organização dos materiais que chegam à redação) e a edição (quando o produto jornalístico é organizado e, subsequentemente, apresentado ao público).

Tais rotinas produtivas nos abastecem de informações para um estudo comparativo descritivo geral abordando as semelhanças e diferenças no que é

notícia nos dois veículos de comunicação. Neste momento apresentamos nosso segundo objetivo específico: um quadro comparativo geral entre os periódicos ressaltando os participantes do processo de escolha das pautas, as fontes utilizadas pelos repórteres e os critérios de noticiabilidade observados nos três momentos acima descritos.

Os critérios de noticiabilidade elencados na análise têm como base os estudos de Mauro Wolf. Escolhemos esse autor por ser, no nosso entendimento, um dos mais renomados e possuir a tabela com valores-notícia mais completa. Para reforçar a notoriedade dos critérios elencados por Wolf, utilizamos ainda os conceitos dos demais autores abordados nesta pesquisa.

Estes dados nos permitiram chegar à segunda parte de nossa análise, onde apresentamos nosso terceiro objetivo específico ao tecermos nossas considerações sobre o que é notícia na Folha e na Gazeta, comparando qualitativamente os três componentes de nossa avaliação (quem participa – fonte – critérios) nos três momentos do processo produtivo (recolha – seleção – edição). Neste contexto associamos algumas observações referentes aos conceitos de *gatekeeper*, da hipótese organizacional e das demais hipóteses apresentadas em nosso referencial.

Para finalizar o capítulo, realizamos nosso último objetivo específico ao produzirmos um cruzamento de dados observando as avaliações do trabalho relacionadas às perspectivas observadas na entrevista semiestruturada realizada com os editores de Folha do Mate e Gazeta do Sul, atingindo aqui a meta de comparar nossas observações com a dos representantes dos jornais analisados.

As entrevistas com a editora da Folha do Mate, Letícia Wacholz, e chefe de reportagem da Gazeta do Sul, Ricardo Düren, estão no apêndice do trabalho.

No capítulo 7 apresentamos as conclusões deste estudo.

Para finalizar, frisamos que, devido ao universo multifacetado dos assuntos abordados, este trabalho não irá – e nem possui essa pretensão – esgotar as possibilidades interpretativas das questões. Trata-se de uma pesquisa que pode nos auxiliar no entendimento de nossa pergunta inicial: afinal, “o que é notícia?”

2 MÉTODO

Para explicitar o método utilizado neste trabalho, referenciamos aqui as etapas percorridas e nossos objetivos. A partir do que fizemos, explicitaremos o método utilizado.

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois analisando a rotina e o conteúdo produzido pela Gazeta do Sul e Folha do Mate buscamos entender os motivos que fazem as notícias desses periódicos serem da maneira que são. O processo qualitativo é a forma mais adequada para entender a natureza de um fenômeno.

Quanto aos fins, o trabalho será explicativo, uma vez que tenta esclarecer a razão do fenômeno, no nosso caso, da produção das notícias. A pesquisa explicativa tem como objetivo aprofundar os conhecimentos de dada realidade.

Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com a utilização de livros e artigos que tratam do *newsmaking* e das demais hipóteses do jornalismo. Essas leituras serão importantes para entender e, posteriormente, analisar os processos de produção da Gazeta do Sul e da Folha do Mate. Conforme Gil (1997), o intuito desse tipo de pesquisa é se familiarizar com o problema e torná-lo mais explícito.

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para a realização de um trabalho. A bibliografia auxilia o pesquisador a entender o pensamento dos autores, desta forma, acrescentando às suas próprias ideias. “Para estabelecer as bases em que

vão avançar os alunos, precisamos conhecer o que já existe” (DUARTE; BARROS, 2008, p. 52).

Após o levantamento bibliográfico, foi feita uma observação participante nos meios de comunicação, descrevendo como é a rotina dos jornais Folha do Mate e Gazeta do Sul. O pesquisador ficou cinco dias em cada um dos dois jornais, totalizando dez dias de observações.

Desta forma, Wolf define a observação participante:

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que o objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos (WOLF, 2001, p. 186).

Conforme Angrosino (2009), a observação participante é feita "in loco", ou seja, no local onde as pessoas executam as atividades. Dessa forma, não é possível que o observador controle os elementos como ocorreria em um laboratório. Os dados podem ser recolhidos pela observação sistemática, conversas informais ou até verdadeiras entrevistas.

Wolf (2001) destaca a necessidade de reduzir ao máximo a interação com os indivíduos analisados. Para ele, se a pesquisa se estender por muito tempo, o pesquisador pode confundir o papel com um participante do processo, pois ele assimila a maneira de agir e pensar do jornalista.

Angrosino reforça a necessidade do distanciamento do pesquisador com os pesquisados. "[...] na observação participante os membros da comunidade estudada concordam com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisado" (ANGROSINO, 2009, p. 33).

Angrosino ressalta o fato da observação ser um retrato do olhar do observador, não necessariamente a verdade absoluta sobre o fato. "Embora possamos dar tudo de nós pela exatidão, temos de ter sempre em mente que os valores, as interações e os 'fatos' do comportamento humano às vezes estão no olhar do observador" (ANGROSINO, 2009, p. 54).

Depois do processo de observação participante, foi feita uma entrevista semiestruturada com os gestores dos dois periódicos. Neste tipo de entrevista, o pesquisador possui um conjunto de questões predefinidas, mas tem liberdade para colocar outras, caso se constate a necessidade no decorrer da conversa. As questões predefinidas se tornam uma diretriz, mas não delimitam o número de perguntas e nem ditam a forma como a entrevista irá ocorrer.

O tratamento de dados do período de observação participante foi feito a partir de uma seleção dos acontecimentos, classificados pelo pesquisador, como os mais importantes. Uma vez que era impossível acompanhar e relatar todos os fatos ocorridos, houve um interesse de destacar os momentos que influenciaram, de uma maneira mais potente e visível, a produção das notícias.

3 O NEWSMAKING E AS HIPÓTESES DO JORNALISMO

Neste capítulo centralizamos nossa apresentação na hipótese do *newsmaking*. Complementando-a, abordamos as demais hipóteses do jornalismo que, como veremos, são importantes para a compreensão do funcionamento geral do *newsmaking* na medida em que ele compreende, entre outros, o conjunto de critérios, operações e instrumentos utilizados pelos jornalistas para escolher, entre os inúmeros fatos do cotidiano, o que pode se tornar notícia. Portanto, nossa abordagem traz, além do *newsmaking*, o *gatekeeper*, a hipótese organizacional, o agendamento, a teoria da ação política, a teoria construcionista, estruturalista e a interacionista.

Os estudos sobre o processo de construção da notícia abrangem tanto a cultura profissional dos jornalistas quanto a organização do trabalho e dos processos produtivos. É a partir desta compreensão que Alfredo Vizeu Júnior (2014) em seu estudo “Decidindo o que é notícia” admite a necessidade de compreendermos as conexões existentes entre essas duas perspectivas. Para o autor, a complexidade do processo de produção das redações e de suas análises pode ser comparada à montagem de um quebra-cabeça. Por isso, no *newsmaking*, ao levarmos em conta as rotinas produtivas temos, entre outros, por exemplo, que admitir as questões relacionadas às decisões tomadas pelos jornalistas na escolha de uma notícia (*gatekeeper*) ou as influências das normas institucionais nas atividades rotineiras dos jornalistas (hipótese organizacional).

Wolf (2001) admite, por exemplo, que a ligação entre as normas institucionais e a cultura profissional é estreita e acaba por definir o conjunto de propriedades que

o acontecimento deve apresentar aos olhos do jornalista para que possa ser transformado em notícia. O presente conceito é definido por ele como “critério de noticiabilidade” e, portanto, deve ser compreendido como o conjunto de elementos por meio dos quais os veículos controlam e gerem a quantidade e os tipos de acontecimentos que irão selecionar como notícia. Nesse viés, surgem os valores-notícia (*news values*), conceitos que abordamos no capítulo 4.

Antes de iniciarmos a abordagem dos temas relacionados ao *newsmaking*, vale esclarecer que estamos tratando de hipóteses e não de teorias. Conforme Hohlfeldt (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001), a teoria é um paradigma fechado e excludente. Assim, assumir uma determinada linha de pesquisa significaria excluir todas as outras possibilidades. No caso da hipótese, se trata de um sistema aberto, inacabado e adverso ao conceito de erro. “Uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que se eventualmente não der certo naquela situação específica, não invalida necessariamente a perspectiva teórica” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 189).

3.1 *Newsmaking*

Conforme Hohlfeldt (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001), a palavra *newsmaking* tem a tradução de “fazedores de notícia” ou a “criação da notícia”. Estudiosos divergem sobre as origens da pesquisa sobre o *newsmaking*. Respeitando uma ordem cronológica, Silva (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) identificou os primórdios do *newsmaking* em uma tese acadêmica intitulada “De relationibus novellis” e apresentada por Tobias Paucer, em 1690, na Universidade de Leipzig.

Embora defenda a importância da pesquisa de Paucer para identificar os valores-notícia da época, a pesquisadora compreende que esse estudo foi muito prematuro pelo fato de não se referir precisamente à problemática do *newsmaking*. Talvez esse silogismo faça com que Traquina (2008) sugira que os primeiros autores a abordarem o *newsmaking* sejam Galtung e Ruge, quase três séculos depois, em 1965.

Indiferente à contextualização histórica da criação do *newsmaking*, uma verdade unânime entre os autores é a de que a hipótese tem como objetivo responder a pergunta: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?

Silva (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) afirma que os critérios de noticiabilidade surgiram após a constatação de que não há espaço nos meios de comunicação para todos os acontecimentos do dia-a-dia. “Frente ao volume tão grande de matéria-prima é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia” (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 54).

Traquina (2008) aponta outra necessidade para a criação dos critérios de noticiabilidade: o fato dos jornalistas não conseguirem explicar o que é notícia. Conforme o autor, estudos mostram que os profissionais da comunicação tendem a dar respostas vagas a essa pergunta do tipo “o que é importante” ou “o que interessa ao público”.

Os pesquisadores percebem que os critérios de noticiabilidade estão presentes não apenas na seleção das notícias, mas também podem ser observados em todo o processo de produção. Conforme Vizeu (2014), esse “[...] é um processo complexo que se desenvolve ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado em diferentes etapas, desde as fontes até o redator, editor, e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis” (VIZEU, 2014, p. 73).

Traquina (2000) divide o *newsmaking* em três saberes. O primeiro deles é o “saber de reconhecimento”: a percepção do jornalista para captar quais são os fatos capazes de virar notícia, se baseando, para isso, nos critérios de noticiabilidade. Em um segundo momento, o profissional necessita do “saber de procedimento”, ou seja, a capacidade de elaborar perguntas, escolher as fontes adequadas e recolher as informações em um tempo enxuto. Por último está o “saber da narração”, que é a capacidade do profissional de compilar as informações e transformá-las em uma narrativa interessante ao leitor.

Pena (2008) destaca que o *newsmaking* ajuda a construir uma realidade e possui uma lógica interna de constituição que influencia todo o processo de construção da matéria. “É no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia” (PENA, 2008, p.128).

Crítérios de noticiabilidade e valores-notícia parecem, mas não são a mesma coisa. Conforme Silva (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014), valores-notícia estão atrelados às características do fato em si ou as qualidades do evento. São, de certa forma, um mapa cultural utilizado pelos jornalistas na seleção primária dos acontecimentos. Esses valores-notícia formam os critérios de noticiabilidade utilizados no interior das rotinas profissionais para a seleção do que será noticiado.

Os autores destacam que os valores-notícia são mutáveis e podem variar com o passar dos anos. Traquina (2008), por exemplo, constatou tais mudanças que, de certa forma, considerou pouco significativas.

No século XVII, antes mesmo da criação dos primeiros jornais e utilização das folhas volantes (publicações não regulares que tratavam de um tema específico) como principais meios de informação, os assassinatos eram acontecimentos que geralmente eram noticiados. Milagres, abominações, catástrofes e fatos insólitos também ganhavam espaço nos primórdios da comunicação em papel.

Avançando para os anos 30 e 40 do século XX, Traquina (2008) nos mostra jornais que versavam sobre assuntos políticos e econômicos. Entretanto houve uma mudança nesses critérios com a criação do *New York Sun*, jornal que priorizava histórias de interesse humano, reportagens sensacionalistas e de fatos surpreendentes. O periódico se tornou sensação e virou propulsor da criação de outros meios de comunicação com esses critérios de noticiabilidade.

Em um terceiro momento, nos anos 70 do século XX, os estudos de sociólogo norte-americano Gans (apud TRAQUINA, 2008) apontam a importância da proeminência do ator principal da notícia. Ele constata que de 70% a 85% dos acontecimentos noticiados referiam-se a pessoas conhecidas, principalmente representantes do governo. Para além disso, Gans (apud, TRAQUINA, 2008) cita

que os demais temas abordados pelos jornalistas eram crimes, escândalos, negociações, protestos, desastres e o insólito.

No artigo *Perspectivas Históricas da Análise da Noticiabilidade*, o autor Silva (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) cita Gans ao afirmar que a seleção das notícias pode ser explicada por meio de quatro grupos distintos.

O primeiro grupo é centrado nos jornalistas e defende que a formatação do conteúdo noticioso depende exclusivamente do julgamento subjetivo dos profissionais da área. “Por esse ponto de vista teórico, portanto, as notícias submetem-se e decorrem necessariamente dos vieses – ideológicos e políticos, entre outros – de cada um dos integrantes das salas de redação” (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 27).

Muito mais influente, ao menos na opinião do referido autor, o segundo grupo enfatiza as rotinas produtivas dos meios de comunicação e pretende mostrar como o processo de seleção das notícias é influenciado pelas organizações jornalísticas.

O terceiro grupo apontado por Gans (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) desvia o olhar dos jornalistas e das instituições de comunicação e concentra-se na própria natureza dos eventos noticiados. Perante essa premissa, o fato possui qualidade que o faz ser percebido pelos profissionais da comunicação.

Classificado como o mais amplo, o quarto e último grupo analisado por Gans (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) explica o processo de seleção noticiosa por meio de forças oriundas do exterior das organizações jornalísticas. Em outras palavras, o autor afirma que as fontes, grupos de interesse e grandes anunciantes podem influenciar no que é divulgado ao público.

Numa análise epistêmica, Gans (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) acredita que cada uma das quatro alternativas de explicação do processo de seleção dos fatos possui grau de verdade e validade. Significa dizer que todos os fragmentos de repostas apresentados pelo autor ajudam na compreensão crítica sobre a noticiabilidade.

Além de definir o que é notícia, Wolf (2001) destaca que o objetivo do *newsmaking* é rotinizar o processo produtivo e torná-lo possível de ser executado.

"A seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente. [...] Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis para que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão" (GANS, 1979, p. 82 apud WOLF, 1999, p. 197).

Wolf (2001) elenca três fases que, conforme ele, são encontradas em todos os meios de comunicação: a recolha dos materiais informativos, a seleção das notícias e a edição ou apresentação das notícias.

Na primeira etapa – recolha dos materiais informativos – o jornalista se vale das fontes e das agências de notícia para dar forma ao noticiário. Wolf (2001) destaca que essa recolha é factível e proporcional aos recursos das redações. Cada uma possui canais estruturados que facilitam a extração das notícias. “Na enorme maioria dos casos, trata-se de material produzido em outro local, que a redação se limita a receber e a reestruturar, em conformidade com os valores/notícia relativos ao produto” (WOLF, 2001, p. 219).

A preocupação de se possuir notícias atuais e importantes é enaltecida por Wolf (2001). Esse fluxo deve ser constante e seguro possibilitando que o profissional consiga produzir o conteúdo exigido.

A seleção das notícias, segundo processo descrito por Wolf (2001), corresponde à triagem e a organização dos materiais que chegam à redação. Esse conteúdo é reduzido a um número x de notícias que acabam sendo difundidos ao público. Esclarecendo essa etapa, Wolf (2001) usa o exemplo de um funil, onde são colocados inúmeros dados e apenas uma parte consegue ser filtrada.

Como já dito, o último processo é o da edição ou apresentação dos acontecimentos. Conforme Wolf (2001), esse processo não pode ser exibido, senão o público saberia que as organizações criam as notícias ao invés de apenas relatá-las. Essa constatação se baseia no fato dos repórteres retirarem um pequeno acontecimento de seu contexto e reinserirem ele dentro de um formato informativo.

Se todas as fases anteriores funcionam no sentido de descontextualizar os factos do quadro social, histórico, económico, político e cultural em que acontecem e em que são interpretáveis, [...] nesta última fase produtiva, executa-se uma operação inversa: recontextualizam-se esses acontecimentos, mas num quadro diferente, dentro do formato do noticiário (WOLF, 2001, p. 244).

Segundo Wolf (2001), o objetivo da edição é fornecer uma apresentação sintética, breve e coerente do fato. Dessa forma, nessa etapa, o jornalista foca certos aspectos do acontecimento, elimina outros e produz a notícia que chegará, posteriormente, aos consumidores da informação. Para realizar esse trabalho, o jornalista se baseia no que o público quer ver ou, ao menos, no que ele acredita que o público quer ver.

Vizeu (2014) elenca uma quarta etapa nesse processo que é a de recepção, ou seja, o momento em que o produto informativo chega ao público. Para Vizeu (2014), a análise da recepção é o ponto de partida para averiguar como os discursos dos meios de comunicação se associam aos discursos e práticas culturais da audiência. Trata-se de um aspecto importante, uma vez que as organizações jornalísticas precisam se habituar a uma variedade de interesses e necessidades para conseguir se legitimar com o público consumidor da informação.

3.2 Hipótese do agendamento

A hipótese do agendamento afirma que a mídia define quais os fatos que serão discutidos pelo público. Defende que a maior parte dos assuntos públicos que chamam a nossa atenção não está disponível a nossa experiência direta pessoal. Isso quer dizer que dependemos dos meios de comunicação para nos informar. “O mundo no qual devemos nos envolver politicamente está fora do alcance, fora do campo de visão, indisponível à mente” (MCCOMBS, 2009, p. 17).

Essa hipótese foi desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw no início dos anos 70 e se originou do livro *Opinião Pública*, escrito por Walter Lippmann em 1922. Nessa obra literária, Lippmann (apud MCCOMBS, 2009) elabora a tese de que os veículos noticiosos são nossa janela ao vasto mundo além da experiência direta e que eles constroem os mapas cognitivos que guiam as pessoas.

Conforme Lippmann (apud MCCOMBS, 2009), cada pessoa possui um pseudoambiente (um mundo que existe em nossa mente formado por imagens

incompletas da realidade). Lippmann (2009) classifica o jornal como o elo entre o mundo exterior e o pseudoambiente.

Na pesquisa elaborada por McCombs e Shaw (apud MCCOMBS, 2009) durante as eleições presidenciais de 1968 se percebeu que os assuntos listados como importantes pelos eleitores eram abordados pelos meios de comunicação. Desta forma, se constata que os meios de comunicação, na maioria das vezes, não conseguiam dizer como as pessoas deveriam pensar, mas possuíam a capacidade de influenciar no que as pessoas iriam pensar – fato que motiva o batismo dessa hipótese.

Conforme os autores, ao selecionarem os assuntos e apresentarem ao público, os jornalistas influenciam na percepção do que é importante. As pessoas usam essas informações para montarem as agendas próprias e discutirem aquilo que elas considerarem mais relevante.

McCombs (2009) defende que o efeito do agendamento pode ocorrer em qualquer lugar no qual exista um sistema político razoavelmente aberto e um sistema midiático razoavelmente aberto. Segundo o autor, uma corrente contínua de opinião pública se desenvolve nessas áreas cívicas. Os assuntos de interesse crescem e diminuem de acordo com a maneira como a atenção da mídia e do público se altera.

McCombs (2009) cita a competição entre os fatos por um lugar na agenda pública como um aspecto importante desse processo. “A qualquer momento há dezenas de temas disputando a atenção do público. Mas sociedade alguma e suas instituições podem prestar a atenção a não mais do que alguns assuntos de cada vez” (MCCOMBS, 2009, p. 67). O autor acredita que a agenda pública pode concentrar até sete temas de cada vez. Isso ocorre devido ao tempo e capacidade psicológica limitada do público.

Segundo McCombs (2009), o agendamento ocorre devido à necessidade psicológica humana de entender o ambiente que nos envolve. “Sempre que estivermos numa nova situação, num vácuo cognitivo, por assim dizer, predomina um sentimento desconfortável até que possamos explorar e mapear aquele lugar” (MCCOMBS, 2009, p. 89).

McCombs (2009) explica que essa necessidade do indivíduo por orientação é definida por dois conceitos: relevância e incerteza. O conceito da relevância refere-se à importância que nós damos ao assunto, enquanto a incerteza trata daquilo que desconhecemos sobre o fato. Quanto maior for o nível de relevância e o nível de incerteza, mais o indivíduo terá interesse em pesquisar e detectar modificações no acontecimento.

Dessa forma, Hohlfeldt (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001) exemplifica a influência da relevância para o indivíduo:

[...] pode-se dizer que a percepção de relevância poderá ser alta, média ou baixa. Sendo baixa, evidentemente o receptor não demonstrará nenhum grau de interesse em adquirir qualquer tipo de informação em torno daquele tema. No entanto, se houver um nível médio de relevância ao assunto, haverá, em consequência, um interesse mínimo na aquisição de informação sobre tal acontecimento (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 198 e 199).

O processo de agendamento também pode funcionar de maneira invertida. Ou seja, além da mídia influenciar no que o público pensa, a própria agenda do receptor pode interferir na pauta da mídia.

Além disso, há um interagendamento entre os meios de comunicação que se estabelece como uma relação onde cada veículo de comunicação agenda o outro de maneira recíproca e contínua. Em outras palavras, esse fenômeno ocorre quando os meios de comunicação aproveitam notícias previamente publicadas por concorrentes, fazendo com que ocorra uma transferência de informações. “No desempenho das funções, os jornalistas observam os seus pares, seguindo tendencialmente aqueles que têm maior estrutura” (SILVA, 2012, p. 3).

Conforme McCombs (apud SILVA, 2012), quando se verifica o processo de agendamento intermídia, um meio de comunicação é utilizado como ponto de partida, sendo que as demais notícias têm propensão a serem parecidas ou até iguais à primeira matéria noticiada.

Silva (2012) enumera três razões para justificar o agendamento intermediário. A primeira trata da impossibilidade dos meios de comunicação observarem diretamente todos os fatos que ocorrem no mundo. Há ainda, na opinião do autor, uma ausência de percepção exata dos interesses do público consumidor da notícia.

Por isso, o jornalista precisa se basear no trabalho de outros concorrentes para definir assuntos prioritários.

Seguindo essa lógica, o segundo motivo citado por Silva (2012) indica que a repetição de reportagens entre meios competidores serve para validar o fato como algo noticiável. “O facto de outro meio de massa imitar a decisão de cobrir um evento e o considerar noticiável valida indirectamente a decisão inicial do primeiro media” (VLIEGENTHART; WALGRAVE, 2008, p. 860-861 apud SILVA, 2012, p. 5).

Na terceira razão, Silva (2012) associa o agendamento intermídia à inclinação econômica. Conforme ele, os grupos de comunicação menores tendem a imitar os meios mais categorizados e elitizados.

Como consequência à longo prazo do agendamento intermídia, Silva (2012) cita a definição das normas jornalísticas, desde a seleção dos temas até a abordagem e produção das matérias. Em outras palavras, os jornalistas acabam absorvendo os valores-notícia dos colegas observados, criando assim um consenso geral do que é ou não noticiável. Chomsky (apud SILVA, 2012) percebe uma problemática nesse resultado. Para ele, os meios de comunicação da elite acabam por estabelecer a forma como as instituições menores vão operar. Dessa forma se cria um sistema que impede a existência de modelos alternativos.

Outra consequência é o fato de um assunto divulgado por diversos meios de comunicação tornar-se importante para a comunidade a ponto de outro tema, sem tanto enfoque, perder relevância.

3.3 Hipótese da ação política

Na década de 60 e 70, inspirados por autores marxistas como o italiano Antônio Gramsci, os estudos referentes à comunicação passaram a investigar as implicações políticas e sociais da atividade jornalística. O interesse dos pesquisadores ultrapassa o âmbito do indivíduo e se alarga ao âmbito da organização (apud TRAQUINA, 2005).

Assim começam as primeiras pesquisas sobre a parcialidade dos meios de comunicação. O filão dessa investigação parte da ideia de que as notícias devem refletir a realidade sem distorções. Esse, inclusive, é uma das posturas profissionais que são estabelecidas como prioritárias para o bom jornalismo.

Entretanto durante o trabalho, os pesquisadores constataam que a notícia pode ser distorcida, dependendo da preocupação política dos produtores da informação. Nas palavras de Traquina (2005): “os media noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista. Isto é, servem objetivamente certos interesses políticos” (TRAQUINA, 2005, p. 163).

Traquina (2005) separa a hipótese da ação política em dois grupos, um em referência aos pesquisadores da esquerda e outro em referência aos pesquisadores da direita. Vale lembrar que o estudo se desenvolveu durante o auge da Guerra Fria, época em que o mundo estava dividido pelas duas ideologias.

Na visão direitista, os meios de comunicação fazem parte de uma nova classe de burocratas e intelectuais que têm como interesse expandir a atividade reguladora do Estado às empresas privadas. Nessa versão da hipótese, o jornalista tem um papel ativo na hora de definir o que será noticiado. Para chegar nessa conclusão, os pesquisadores se baseiam no fato do profissional deter o controle pessoal sobre o produto jornalístico, de ter interesse em injetar suas preferências políticas e possuir, de acordo com as pesquisas, opiniões anticapitalistas e divergentes da maioria da população.

Já os esquerdistas defendem que o relato dos fatos é alterado de acordo com o interesse e perspectiva das elites políticas e econômicas. Desta forma, o jornalista é subordinado e tem um papel pouco relevante na produção das notícias. O seu trabalho é reduzido a um mero executante a serviço dos interesses capitalistas. “Assim, segundo essa versão da teoria, existe um diretório dirigente da classe capitalista que dita aos diretores e jornalistas o que sai nos jornais” (TRAQUINA, 2005, p. 164). Conforme Herman e Chomsky (apud TRAQUINA, 2005), os meios de comunicação reforçam os pontos de vista do poder estabelecido devido ao poder dos donos dos jornais e anunciantes.

3.4 *Gatekeeper*

A palavra inglesa *gatekeeper* deriva do *gates* (portão) e *keeper* (guardião). Dessa forma, Pena (2008) define o significado do *gatekeeper*. “O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (PENA, 2008, p. 133).

A ideia central dessa hipótese é que os acontecimentos passam por uma série de “portões” antes de virarem notícia. Conforme Shoemaker e Vos (2011), o termo “portão” não se refere a um objeto físico, mas sim a série de processos pela qual uma informação precisa passar, passo a passo, da descoberta ao uso. “A informação que atravessa todos os portões pode se tornar parte da realidade social das pessoas, ao passo que o mesmo não ocorre normalmente com informações que param em alguns dos portões” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p.14).

O conceito de *gatekeeper* foi elaborado pelo psicólogo Kurt Lewin, em 1947, enquanto ele estudava os problemas ligados às mudanças dos hábitos alimentares em um determinado grupo social. Lewin (apud SHOEMAKER; VOS, 2011) percebeu que haviam zonas que poderiam funcionar como cancelas na hora de decidir o que seria consumido. Por exemplo, o fato do armazém não possuir um produto impossibilitava que a dona de casa o comprasse, sendo uma das cancelas no processo de escolha dos alimentos.

Para Lewin (apud SHOEMAKER; VOS, 2011), esse modelo teórico poderia ser utilizado não só aos alimentos, mas para a passagem de informações por certos canais de comunicação. Assim se cria a inspiração para estudar o fluxo de notícias por meio do *gatekeeper*.

Em 1950, David Manning White (apud WOLF, 2001) utilizou essa hipótese para estudar o caso de Mr. Gates – jornalista com 25 anos de experiência que selecionava as notícias, enviadas por agências, que seriam divulgadas nos jornais de Midwest. White percebeu que nove de dez notícias encaminhadas pela agência eram eliminadas por Mr. Gates. Entre os motivos para o descarte do material estavam: falta de espaço no jornal, história com pouco interesse jornalístico ou má qualidade na escrita.

Com esse estudo, White (apud TRAQUINA, 2005) concluiu que o processo de seleção de uma notícia é subjetivo e arbitrário, baseado muito no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. Um estudo de White com Mr. Gates foi refeito em 1966 por Paul Snider. Ele constatou que passados quase 17 anos, as escolhas de Gates ainda se baseavam naquilo que ele “gostava e que acreditava que seus leitores queriam ler” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 29).

Nos anos seguintes, a teoria do *gatekeeper* foi ampliada, abordando o trabalho do indivíduo dentro da organização jornalística. É o caso da pesquisa de Bass, em 1969 (apud SHOEMAKER; VOS, 2011). Ele concluiu que todos os *gatekeepers* fazem a mesma coisa, baseando-se nas necessidades da organização. Além disso, Bass dividiu-os em dois grupos: os coletores de notícia – formados pelos redatores, chefe de redação, repórteres – e os processadores de notícia – formado por editores, revisores e tradutores.

Seguindo essa linha de pensamento, Halloran, Elliot e Murdock (apud SHOEMAKER; VOS, 2011) constatam que o processo de *gatekeeper* não começa na redação, mas com o repórter na rua. Para eles, a independência do *gatekeeper* varia de um meio de comunicação para outro.

O fato da teoria do *gatekeeper* analisar as notícias apenas do ponto de vista de quem a produz é um dos argumentos que fizeram o estudo perder força. Conforme Traquina (2005), a pesquisa de White aborda as escolhas do *gatekeeper* sem levar em consideração as normas da organização jornalística onde o profissional estava inserido. “[...] o jornalista exerceu a sua liberdade dentro de uma latitude limitada [...] a grande maioria das razões apresentadas por ‘Mr. Gates’ refletiu o peso das normas profissionais e não razões subjetivas” (TRAQUINA, 2005, p. 151).

Mesmo com as contestações, Wolf (2001) destaca a importância dessa teoria para o jornalismo. "O mérito destes primeiros estudos foi de individualizarem onde, em que ponto do aparelho, a acção de filtro é exercida explícita e institucionalmente" (WOLF, 2001, p. 181).

3.5 Hipótese organizacional

O primeiro estudo sobre a hipótese organizacional foi publicado pelo sociólogo norte-americano Warren Breed na revista *Forças Sociais*, em 1955, e intitulado “Controle social da redação: uma análise funcional”. Nesse trabalho, Breed (apud PENA, 2008) observa a influência do processo produtivo e da organização na atividade jornalística.

Dessa forma, Pena (2008) exemplifica como o trabalho jornalístico depende dos meios utilizados pela organização.

Toda a organização dispõe de meios específicos para realizar seu trabalho e eles influenciam diretamente o resultado desse trabalho, ou seja, o produto final. Em uma pizzaria, por exemplo, a qualidade do produto depende do tipo de farinha utilizado para fazer a massa, do molho de tomate, do queijo, do forno e de uma série de outros fatores. O pizzaiolo pode ser muito talentoso, mas seu ofício está condicionado pelos meios (PENA, 2008, p. 135).

Conforme o pesquisador, o fator mais influente de todos eles é o econômico. “O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro” (PENA, 2008, p. 135). Por isso, o autor destaca que o Departamento Comercial de uma empresa de comunicação é o setor mais importante. Tanto que os anúncios vendidos por ele recebem preferência em comparação com as notícias. “Para começar, o espaço da publicidade é reservado na página antes da notícia” (PENA, 2008, p. 136).

Há outros fatores organizacionais que influenciam na notícia como o controle social da redação, estudado por Breed (apud WOLF, 2001). De acordo com a pesquisa, o contexto profissional-organizativo-burocrático influencia nas escolhas dos jornalistas. Em outras palavras, os repórteres baseiam-se muito nas orientações dos colegas ou superiores, mais até do que na opinião do próprio público.

Breed (apud TRAQUINA, 2005) afirma que o jornalista acaba incorporando a política editorial da organização graças a uma lógica de recompensas e punições. Elas passam a ser mais importantes que as crenças que o profissional possuía antes de adentrar na redação. “Assim, na teoria organizacional, a ênfase está num processo de socialização organizacional em que é sublinhada a importância de uma cultura organizacional, e não uma cultura profissional” (TRAQUINA, 2005, p.153).

Seis fatores são apontados por Breed (apud TRAQUINA, 2005) para explicar como ocorre esse conformismo dos profissionais da comunicação. O primeiro é a autoridade institucional e as sanções. Ou seja, como em qualquer sistema hierárquico, os repórteres obedecem aos superiores. “Os chefes têm o poder de decidir quem fará as reportagens mais importantes, possuem a autoridade de mandar um redator reescrever o texto e até determinam se a matéria será assinada ou não” (PENA, 2008, p. 136).

O segundo fator diz respeito ao sentimento de dever cumprido e estima para com os chefes. O repórter acaba criando uma amizade e admiração pelos profissionais que estão a sua volta e esse sentimento se transforma em uma obrigação com a empresa jornalística. As aspirações profissionais também fazem parte dessa série de fatores. Os jornalistas procuram destaque na carreira e acreditam que não conseguirão isso se forem contra a linha editorial da empresa.

A ausência de fidelidade dos grupos contrapostos é o quarto elemento apontado por Breed (apud TRAQUINA, 2005). O quinto é o caráter prazeroso da profissão. Para o autor, os jornalistas consideram o trabalho agradável e classificam como importante para a sociedade. Por sexto e último, Breed (apud TRAQUINA, 2005) cita a importância das notícias para o profissional. “O jornalista investe na realização desse objetivo: obter mais notícias e não contestar a política editorial da empresa” (TRAQUINA, 2005, p. 155).

Em contraste com o conformismo, Breed (apud TRAQUINA, 2005) aponta outros cinco elementos que podem dar autonomia ao repórter. Entre eles esta a falta de clareza das normas editoriais, a ausência dos chefes durante a coleta da informação e especialização do repórter em determinada área.

Breed (apud TRAQUINA, 2005) conclui que a linha editorial da empresa é, na maioria das vezes, seguida e que a situação sociocultural da redação explica esse conformismo. Segundo ele, a fonte de recompensa do jornalista não são os leitores, mas sim os colegas de trabalho e superiores.

Assim, segundo a teoria organizacional, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista sabe que o seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos e as reprimendas (TRAQUINA, 2005, p.158).

3.6 Hipótese construcionista

O paradigma das notícias como sendo construção da realidade surge com estudos realizados na década de 70. Essa hipótese se contrapõe à perspectiva da distorção e discorda da ideia de notícia como um espelho da realidade. Conforme os defensores desse pensamento, é impossível estabelecer uma distinção entre realidade e os meios de comunicação, pois a matéria pode construir uma realidade. Eles também defendem que a linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado, pois a linguagem neutra é impossível e que as limitações dos órgãos de comunicação e dos profissionais podem influenciar na visão do que é a realidade.

Mesmo com a notícia sendo considerada uma construção da realidade, os autores destacam que isso não significa que os jornalistas mentem ou inventam histórias ficcionais. Conforme Gaye Tuchman (apud TRAQUINA, 2005), essa hipótese alerta que as notícias, como todos os documentos públicos, fazem parte de uma realidade construída e são possuidoras da própria validade interna.

Traquina (2005) destaca que os profissionais da comunicação rechaçam esse conceito, pois acreditam que a notícia é um relato de algum acontecimento. Itzhak Roeh (apud TRAQUINA, 2005) afirma que a crença de que a linguagem é transparente acaba induzindo o jornalista a acreditar que produz um relato fiel da realidade ao invés de simplesmente contar estórias.

Para o sociólogo Michael Schudson (apud TRAQUINA, 2005), as notícias são feitas por profissionais que operam inconscientemente num sistema cultural e dentro de padrões de discursos. Por isso, Schudson defende que o fato quando transformado em notícia incorpora suposições acerca do que importa e do que faz sentido.

Para explicar o conceito de construção de notícia, pesquisadores realizaram abordagens etnometodológicas – acompanharam a produção de um meio de comunicação por determinado período. Dessa forma, os estudiosos passaram a compreender melhor como funciona o processo. Como resultados, eles perceberam a influência da organização na construção de uma matéria, reconheceram a importância da rotina produtiva e contribuíram para o surgimento de novas hipóteses sobre a comunicação.

3.7 Hipótese estruturalista

Da mesma forma que a hipótese da ação política, a estruturalista também partilha a função dos meios de comunicação na reprodução do status quo, da ideologia dominante. Entretanto a diferença é que o pensamento estruturalista percebe a autonomia relativa dos jornalistas na escolha do que é divulgado.

Os autores desse pensamento constatarem que as notícias são resultado de vários fatores sociais. Citam a organização burocrática dos meios de comunicação, os valores-notícia e o momento de produção da matéria, que reúne os processos de identificação e contextualização das pautas. Esse trabalho é feito com o auxílio de mapas culturais do mundo social.

Na hipótese estruturalista, os autores abordam uma relação estrutural entre jornalista e os chamados “definidores primários”. A pressão do fator tempo e as exigências profissionais de imparcialidade e objetividade fazem com que os profissionais da comunicação procurem sempre as mesmas fontes de informação, privilegiando muitas vezes os detentores do poder e criando um acesso sistematicamente estruturado.

Dessa forma, os defensores da hipótese estruturalista acreditam que os jornalistas não se limitam a criar notícias ou transmitir a ideologia da classe dominante numa ação conspiratória. Na verdade, eles acabam criando vínculos com pessoas ou instituições que acabam se tornando fontes acreditadas. Hall (apud TRAQUINA, 2005) admite que esse vínculo com os definidores primários pode ser rompido pelo fato dos meios de comunicação serem distintos uns dos outros e pelo

fato dos jornalistas terem ideologias que podem ir contra as ideias das fontes acreditadas.

3.8 Hipótese interacionista

A tirania do tempo e espaço é analisada na hipótese interacionista. Diariamente, o profissional da comunicação tem o desafio de elaborar um material noticioso completo, mesmo se naquele dia não houver fatos que mereçam destaque. “[...] é impensável a hipótese do apresentador do telejornal, por exemplo, dizer ‘hoje não há notícias’ ou ‘teremos hoje um programa mais curto porque não havia notícias suficientes’” (TRAQUINA, 2005, p.181).

Segundo a hipótese, um fato merecedor para virar notícia pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora. Para tentar controlar essa imprevisibilidade da matéria-prima (acontecimento), as empresas de comunicação criaram uma rede noticiosa. O objetivo é impor ordem no espaço e tempo, desta forma, vencendo a temida hora do fechamento.

Os meios de comunicação utilizam, segundo Tuchman (apud TRAQUINA, 2005), três estratégias para ordenar o espaço: dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial, colocam repórteres para cobrir organizações que produzem acontecimentos julgados com noticiabilidade (exemplo são repórteres que cobrem a assembleia legislativa e clubes de futebol) e criam editorias com setoristas.

Como uma falha dessa rede noticiosa, Tuchman (apud TRAQUINA, 2005) cita que algumas regiões ficam desprovidas da cobertura jornalística e possivelmente ganham as manchetes dos jornais apenas em casos extraordinários. “[...] acontecimentos julgados notícia terão assim tendência a ocorrer em certas localidades e não em outras” (TRAQUINA, 2005, p.182).

Para tentar ordenar o tempo, cada empresa possui uma sistemática diferenciada. O que é semelhante em todas elas, conforme Traquina (2005), é o fato de que se espera que os acontecimentos com valor-notícia se concentrem durante as horas normais de trabalho. Isso ocorre, pois é nesse período do dia que os repórteres e fotógrafos estão na redação. Fora desse horário, cabe à empresa

jornalística analisar o fato e ver se há valor-notícia que justifique o deslocamento de um repórter para cobri-lo.

Traquina (2005) cita outras formas para tentar controlar o tempo. Cita a criação de uma agenda ou lista de acontecimentos programados. Com esses mecanismos, os jornais podem se antecipar ao fato e organizar melhor o trabalho.

Traquina (2005) atenta para o fato da cobertura jornalística apressada resultar em uma ênfase no acontecimento ao invés de focar a problemática. Ou seja, a pressão do tempo faz com que o repórter não consiga aprofundar a coleta de dados. Assim, se pública apenas o ocorrido sem muitas vezes explicar qual foi a sua causa.

4 VALORES-NOTÍCIA

Tendo em vista o contexto da hipótese do *newsmaking*, neste capítulo abordaremos a visão de seis autores sobre os valores-notícia: Tobias Peucer (1690); Johan Galtung e Mari Ruge (1965); Mauro Wolf (2001); Nelson Traquina (2008); Gislene Silva (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014); Pâmela Shoemaker e Tim Vos (2011). Esses estudos serão importantes para a análise da rotina produtiva e critérios de noticiabilidade da Folha do Mate e Gazeta do Sul.

4.1 Valores-notícia segundo Tobias Peucer

Em 1690, o erudito alemão Peucer mostrou ao mundo ocidental o primeiro texto a abordar a noção de noticiabilidade (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014). O trabalho acadêmico intitulado “De Relationibus Novellis” possuía 29 páginas e foi apresentado na Universidade de Leipzig. Na época, o autor não tinha como intuito criar uma teoria para a atividade jornalística, entretanto suas constatações acabam delineando conceitos estimados até os dias contemporâneos.

Assim, mesmo sem configurar uma obra de elevada sofisticação do ponto de vista teórico-reflexivo (pesadas suas peculiaridades históricas), o estudo alemão tem sua contundência localizada na abrangência de temáticas que ainda nos dias atuais são inseridas no debate acadêmico em análise sobre o jornalismo (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 33).

Uma das primeiras constatações de Peucer (1690) é de que a matéria-prima dos periódicos era “coisas singulares, fatos realizados ou por Deus através da natureza, ou pelos anjos, ou pelos homens na sociedade civil ou na Igreja”

(PEUCER, 1690, p. 20). O autor destacava que esses fatos eram quase infinitos e por isso era preciso dar preferência aos “axiomnemóneuta, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos” (PEUCER, 1690, p. 20).

Os esboços da perspectiva de notícia enfatizados por Peucer se diluem em diferentes partes do trabalho. Entre os critérios, ele cita as coisas acontecidas recentemente. “Com efeito, o afã de saber coisas novas é tão grande que cada vez que os cidadãos se encontram em encruzilhada ou nas vias públicas perguntam: ‘o que há de novo?’” (PEUCER, 1690, p. 26).

Peucer (1690) também destaca os acontecimentos insólitos como merecedores de divulgação. Na opinião do autor, uma das precauções que fazedores dos relatos jornalísticos precisam ter é a de não colocar coisas de pouco peso ou as ações diárias dos homens.

Demais critérios abordados por Peucer (1690) são fatos históricos importantes, temas de interesse cívico, catástrofes e o que se passa com as pessoas ilustres.

4.2 Valores-notícia segundo Johan Galtung e Mari Ruge

Outra das tentativas pioneiras para identificar os valores-notícia ocorreu em 1965 nos estudos de Galtung e Ruge. Eles realizaram uma pesquisa sobre a cobertura da crise internacional em jornais europeus e colocaram-se como “os primeiros teóricos a formalizar no ambiente acadêmico a existência de parâmetros orientadores da seleção das notícias” (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 33).

Em resposta à pergunta ‘como os acontecimentos se tornam notícia’, os pesquisadores enumeraram doze critérios. Conforme eles, o acontecimento será mais noticiável dependendo do número de valores que possuir. Os autores também acreditam que o fato pode ter pouco de um dos critérios, mas compensar com os outros. De toda a forma, segundo Traquina (2008), Galtung e Ruge não conseguiram criar uma fórmula exata para calcular essa forma de noticiabilidade.

Os critérios por eles definidos são: frequência, amplitude, clareza, significância, consonância, inesperado, continuidade, composição, referência a nações de elite, referência a pessoas da elite, personalização e a negatividade. Traquina (2008) analisou cada um dos critérios abordados por Galtung e Ruge.

Frequência - espaço de tempo necessário para o acontecimento adquirir significado ou não. Para exemplificar isso, Traquina (2008) cita o caso de assassinatos que ocorrem a cada dois dias e que, neste caso, devem virar notícia. Agora se o homicídio ocorrer em uma guerra no meio de tantos outros homicídios, ele acaba perdendo o sentido.

Amplitude – número de pessoas afetadas direta ou indiretamente pelo fato. Quanto maior for, mais chances de virar notícia.

Clareza – a importância de não haver ambiguidades nos fatos. Quanto mais claros eles forem para o jornalista, maior é a tendência de ganharem as páginas do jornal.

Significância – critério com duas interpretações: a primeira diz respeito ao impacto da notícia sobre o público e a segunda a sua proximidade cultural.

Consonância – facilidade de inserir algo novo em uma ideia velha que corresponde ao que se espera que aconteça. Traquina (2008) cita como exemplo o “*Irãgate*” que acaba sendo uma nova versão do “*Watergate*”.

Inesperado – são as coisas incomuns que chamam a atenção do jornalista, o inesperado dentro do significativo e consonante que atraem o foco dos jornais.

Continuidade – possibilidade da notícia repercutir. Em outras palavras, ao chegar ao público, o fato ganhar mais destaque e render novas notícias durante algum tempo.

Composição – necessidade de manter um equilíbrio no noticiário com a diversidade de assuntos. Dessa forma, assuntos menos relevantes podem ganhar espaço, visto que eles acabam cobrindo uma lacuna informacional para agradar certo público.

Referência a nações de elite – conforme Galtung e Ruge (apud TRAQUINA, 2008), as ações das nações classificadas como elites tendem a ser mais importantes do que algo que ocorre num país subdesenvolvido, por exemplo.

Referência a pessoas de elite – é a proeminência do ator do acontecimento. Da mesma forma que nas nações de elite, há um consenso de que as pessoas de elite produzam fatos que possam ser noticiados.

Personalização – referência à pessoa envolvida. É quando existe uma pessoa ou um grupo de pessoas, sendo que os fatos são atribuídos a esse indivíduo ou esses indivíduos.

Negativo – fatos ruins tendem a ganhar maior destaque que os fatos positivos. Conforme Galtung e Ruge (apud TRAQUINA, 2008), isso ocorre pelo fato das notícias ruins serem mais raras e mais perceptíveis.

Para facilitar a visualização da classificação de Galtung e Ruge, propomos abaixo uma tabela que organiza os valores-notícia por eles destacados:

Quadro 1 - Valores-notícia de Galtung e Ruge

Frequência Espaço de tempo necessário para o acontecimento adquirir significado	Continuidade Repercussão do fato e possibilidade de novas notícias
Amplitude Número de pessoas afetadas pelo fato	Composição Equilíbrio na composição do noticiário
Clareza Fatos sem ambiguidade	Referência a nações de elite Ações das nações de elite são mais importantes
Significância Impacto da notícia e proximidade cultural	Referência a pessoas de elite Proeminência do ator do acontecimento
Consonância Algo novo em uma ideia velha	Personalização Fatos atribuídos à uma pessoa ou grupo
Inesperado Fatos incomuns	Negatividade Fatos ruins tendem a ganhar mais visibilidade

Fonte: do autor (2015).

4.3 Valores-notícia segundo Mauro Wolf

Mauro Wolf analisa os valores-notícia em quatro ângulos distintos (relativo aos critérios substantivos da notícia, a disponibilidade do material, ao público e a concorrência).

Críticos substantivos: Importância é determinada por quatro variáveis. O primeiro é o grau e nível hierárquico dos indivíduos ou entidades envolvidas no fato. Isso quer dizer que quanto mais importante ou conhecida seja a pessoa, mais chances do assunto aparecer no jornal. Essa regra também é aplicada para notícias estrangeiras. Geralmente, o que chega ao leitor são assuntos que envolvem as grandes potências mundiais.

O segundo critério é o impacto sobre o interesse nacional, ou seja, a capacidade que o fato tem de influir ou afetar a vida das pessoas. Associado a esse fator está a questão da proximidade. É sabido que algo que acontece próximo do meio de circulação do jornal tem mais relevância e mais chances de virar notícia.

A quantidade de pessoas que o acontecimento envolve é o terceiro critério. Quanto maior o público abrangido, mais chances do assunto ser noticiado. O último grau analisado é a significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. Neste quesito entra a capacidade de entretenimento que o efeito conseguirá no público.

Críticos relativos ao produto: Essa classe diz respeito à disponibilidade do produto informativo. Ou seja, a facilidade que o jornalista terá para ter acesso a ele, conseguir realizar a cobertura jornalística e, posteriormente, a divulgação.

Golding e Elliott (apud WOLF, 2001) incluem nessa classe o quesito de brevidade. Conforme os autores, as notícias precisam ser como as saias das mulheres: longas o bastante para cobrir o essencial, mas curtas o suficiente para atrair a atenção. "Limitar as notícias aos seus elementos manifestamente mais óbvios é essencial se se quiser deixar espaço para uma seleção mínima dos eventos do dia" (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 120 apud WOLF, 2001, p. 206).

Os critérios de relevância relativos ao produto também se referem à probabilidade de notícias "ruins" ganharem mais espaço nos meios de comunicação.

[...] acerca do pressuposto segundo o qual são noticiáveis, em primeiro lugar, os acontecimentos que constituem e representam uma infracção, um desvio, uma ruptura do uso normal das coisas. Constitui notícia aquilo que altera a rotina, as aparências normais (GALTUNG; RUGE, 1965, p.119 apud WOLF, 2001, p. 207).

Outro valor-notícia referente ao produto é a novidade. Quanto mais recente for o acontecimento, mais chances dele ser noticiado pelos meios de comunicação. Autores citam como ideal que os eventos tenham ocorrido nas 24 horas entre uma divulgação e outra – isso no caso de um jornal diário. Vale ressaltar que um fato pode ser considerado novo quando é percebido pelos profissionais de comunicação, embora possa ocorrer a muito tempo. "Os jornalistas avaliam a actualidade pelo facto de uma notícia ser actual para eles próprios, assumindo que, se o é, sê-lo á também para o público" (WOLF, 2001, p. 208). Em contrapartida, uma notícia considerada repetitiva ou semelhante à outra dificilmente será divulgada.

A qualidade da notícia também se enquadra nos critérios relativos ao produto. Gans (apud WOLF, 2001) determina cinco parâmetros de qualidade: ação, ritmo, caráter exaustivo, clareza da linguagem e padrões técnicos mínimos.

O último critério de noticiabilidade referente ao produto é o balanceamento. Significa que a composição global do noticiário precisa ser equilibrada, ou seja, ser interessante para todas as faixas etárias, culturas e gostos do público. Nesse caso, uma notícia menos importante em comparação a outra tem a probabilidade de ser divulgada apenas para suprir essa busca pelo balanceamento.

Critérios relativos ao público: Diz respeito à imagem que os jornalistas criam do público. Conforme Wolf, os profissionais da comunicação conhecem pouco o leitor. Por outro lado, os interesses dos consumidores da informação influenciam em todo o processo jornalístico: "[...] o interesse do público é, em última instância, o árbitro do que é incluído nos noticiários, e, por outro, à manutenção de uma atitude de autonomia" (SCHLESINGER, 1978a, p. 117-9 apud WOLF, 2001, p. 213).

Critérios relativos à concorrência: Trata-se da competição entre os meios de comunicação e como esse fator altera os critérios de noticiabilidade. Em primeiro lugar, Wolf (2001) destaca que a mídia compete para obter notícias exclusivas, os chamados "furos de reportagem".

Em segundo lugar, destaca que uma notícia pode ser divulgada por existir um consentimento que a concorrência irá o fazer. Desta forma, o autor fala do fato da “[...] competição gerar expectativas recíprocas, no sentido em que pode acontecer que uma notícia seja seleccionada porque se espera que os mass média concorrentes façam o mesmo” (WOLF, 2001, p. 224).

Gans (apud WOLF, 2001) explica que as expectativas recíprocas tornam-se um vínculo comum entre os jornais, fato que desencoraja as inovações na seleção de notícias e contribui na semelhança das coberturas informativas.

Para facilitar a visualização da classificação de Wolf (2001), propomos abaixo uma tabela que organiza os valores-notícia por ele destacados:

Quadro 2 - Valores-notícia de Wolf

Critérios substantivos	Relativos ao produto	Relativos ao público	Relativos à concorrência
Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos nos acontecimentos	Disponibilidade do produto informativo	Imagem que o jornalista tem do público	Competição entre os meios de comunicação
Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional	Brevidade		O furo de reportagem
Quantidade de pessoas que o acontecimento envolve	Bad news is good news		
Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação	Novidade do acontecimento		
	Qualidade da notícia		
	Balanceamento		

Fonte: do autor (2015).

4.4 Valores-notícia segundo Nelson Traquina

Após analisar uma série de estudos que contribuem com uma identificação do que é notícia, Traquina (2008) elabora uma lista própria de valores-notícia. Ele divide esses critérios em dois tipos – ao exemplo do que faz Wolf (2001). O primeiro deles, o valor-notícia de seleção, refere-se aos parâmetros adotados pelos jornalistas na hora de determinar quais acontecimentos podem se tornar um produto noticioso. Ele divide os valores-notícia de seleção em dois subgrupos: os critérios substantivos à avaliação da importância ou interesse do acontecimento como notícia e os critérios contextuais para a produção da notícia.

O segundo tipo de valores-notícia é o de construção. Ele é utilizado na hora do jornalista produzir o conteúdo e determinar como o fato será apresentado. Funciona como uma linha-guia e sugere o que o redator deve realçar, omitir e priorizar. “Por valores-notícia de construção entendem-se os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 91).

Dentro da seleção, nos critérios substantivos, Traquina (2008) enumera dez valores-notícia. O primeiro deles é a morte. O autor é emblemático ao dizer que “onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2008, p. 79), além de destacar que as pessoas serão notícia ao menos uma vez na vida: “no dia seguinte à morte, ou nas páginas interiores ou com destaque na primeira página” (TRAQUINA, 2008, p. 79).

O segundo critério é a notoriedade. Refere-se ao ator principal da notícia e sua importância hierárquica para a sociedade. Para exemplificar essa situação, Traquina (2008) cita que “o que o Presidente da República faz é importante por que o Presidente da República é importante” (TRAQUINA, 2008, p. 80). A proximidade também é classificada como um critério, principalmente, em questões geográficas, mas também em termos culturais.

O quarto valor notícia fundamental na cultura jornalística é a relevância. Trata-se de noticiar fatos que impactam de alguma maneira a vida das pessoas ou da nação. Seguindo, outro valor fundamental é o da novidade. Como o nome já diz, refere-se à necessidade da informação ser nova para o público.

O fator tempo é apontado por Traquina (2008) como o sexto critério. Faz referência ao fato voltar a ser notícia por ter ocorrido há um, dois, 10 ou x número de anos. O autor chama isso de gancho, pois é baseado em uma informação que já foi divulgada. Dentro deste critério está a realização de matérias em feriados e datas festivas, como por exemplo, o Dia do Ambiente ou a Semana Farroupilha.

Traquina (2008) também cita o inesperado como valor-notícia, ou seja, aquilo que surpreende a comunidade jornalística, e posteriormente, o público. Seguindo nessa linha, há o valor-notícia do conflito, que se refere à presença de violência física ou verbal. Essas situações podem representar rupturas na ordem social. Outro critério parecido é o da infração. Em outras palavras, trata da violação ou transgressão de regras, caracterizando-se um crime.

O décimo e último critério é o escândalo. Traquina (2008) explica que esse critério corresponde à função mítica do jornalista de ser um cão de guarda das instituições democráticas. O caso *Watergate* é citado como um dos exemplos pelo autor.

Dentro da seleção, nos critérios contextuais, Traquina (2008) cita mais cinco critérios. O primeiro deles é de disponibilidade, ou seja, a facilidade que o profissional terá para chegar às informações e conseguir montar o relato. Segundo valor é o do equilíbrio. Ele fala da possibilidade de uma notícia menos importante ganhar destaque por ser a única de uma editoria específica.

Outro critério é o da visualidade. Trata da possibilidade do acontecimento render uma boa imagem. “A existência de boas imagens, de ‘bom’ material visual, pode ser determinante na seleção desse acontecimento como notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 89). A concorrência também é apontada por Traquina (2008) como um dos valores-notícia. Conforme o autor, um dos maiores medos da empresa jornalística é levar o “furo”, ou seja, não possui uma informação que o concorrente tem. Da mesma forma, ser o único a noticiar algo é um dos prazeres do jornalista.

Por último, Traquina (2008) cita o dia noticioso, em outras palavras, o fato de haverem épocas do ano com poucos assuntos para serem tratados e outros períodos com vasta possibilidade. Assim, cada acontecimento acaba concorrendo com outro acontecimento para chegar às páginas do jornal.

Nos valores-notícia de construção, Traquina (2008) relaciona mais cinco critérios. O primeiro é a simplificação, ou seja, a necessidade do fato ser desprovido de ambiguidades. Quanto mais fácil for para o acontecimento ser percebido, mais chances ele tem de ser compreendido pelo público. O segundo valor é o da amplificação. Trata-se da possibilidade de ampliar o fato para as suas supostas consequências.

Outro valor é o da relevância, que tem como lógica a necessidade do jornalista dar sentido para a notícia, mostrando de alguma maneira isso ao público. O quarto valor é a personalização. Entende-se a personalização como o processo de individualizar um fato e valorizar as pessoas envolvidas. O último critério é o da dramatização. Trata da possibilidade de reforçar os aspectos mais críticos, o lado emocional da matéria.

Para facilitar a visualização da classificação de Traquina (2008), propomos abaixo uma tabela que organiza os valores-notícia por ele destacados:

Quadro 3 - Valores-notícia de Traquina

Seleção – critérios substantivos	Seleção – critérios contextuais	Construção
Morte	Disponibilidade	Simplificação
Notoriedade	Equilíbrio	Amplificação
Proximidade	Visualidade	Relevância
Relevância	Concorrência	Personalização
Novidade	Dia noticioso	Dramatização
Tempo		Consonância
Notabilidade		
Inesperado		
Conflito		
Infração		
Escândalo		

Fonte: do autor (2015).

4.5 Valores-notícia segundo Gislene Silva

No artigo “Para pensar critérios de noticiabilidade”, a jornalista e pesquisadora Silva (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) apresenta um quadro operacional que possibilita a análise de acontecimentos noticiosos selecionáveis. A proposta contempla atributos listados por diversos autores que possam contribuir para análises de acontecimentos noticiáveis.

Silva (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) separa os atributos entre macro-valores-notícia e micro-valores-notícia. Segundo a autora, macro-valores-notícia são pré-requisitos para qualquer seleção jornalística e regem os demais micro-valores-notícia.

Esse quadro foi aplicado, como primeiro experimento, por Érica Franzon na análise das chamadas de dois telejornais: o Jornal Nacional (TV Globo) e Jornal da Cultura (TV Cultura).

Abaixo, o quadro operacional proposto pela própria autora com os valores-notícia destacados por ela:

Quadro 4 - Valores-notícia de Gislene Silva

<p>Impacto</p> <p>Número de pessoas envolvidas</p> <p>Número de pessoas afetadas</p> <p>Grandes quantias de dinheiro</p>	<p>Proeminência</p> <p>Notoriedade</p> <p>Celebridade</p> <p>Posição hierárquica</p> <p>Elite</p> <p>Sucesso/herói</p>
<p>Conflito</p> <p>Guerra</p> <p>Rivalidade</p> <p>Confusão</p> <p>Briga</p> <p>Greve</p> <p>Reivindicação</p>	<p>Entretenimento</p> <p>Aventura</p> <p>Divertimento</p> <p>Esporte</p> <p>Comemoração</p>
<p>Polêmica</p> <p>Controvérsia</p>	<p>Conhecimento</p> <p>Descobertas</p>

continua

Escândalo	Invenções Pesquisas Progresso Atividade e valores culturais Religião
Raridade Incomum Original Inusitado	Proximidade Geográfica Cultural
Surpresa Inesperado	Governo Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
Tragédia Catástrofe Acidente Risco de morte e morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	Justiça Julgamento Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: Para pensar critérios de noticiabilidade (2014)

4.6 Valores-notícia segundo Pamela Shoemaker e Tim Vos

Ao analisarem o processo de *gatekeeping*, Shoemaker e Vos (2011) percebem que alguns eventos possuem mais probabilidade de passar pelos chamados portões – barreira que as informações precisam percorrer até virarem notícia – do que outros. Essa situação faz os autores se questionarem: o que distingue os eventos ignorados dos eventos que recebem uma ampla cobertura da imprensa?

Ao refletirem sobre essa pergunta, Shoemaker e Vos (2011) constataram que os fatos possuem características diferentes e que algumas dessas características são importantes, ou não. “Os jornalistas, como todas as pessoas, avaliam o valor de notícia que pensam haver nos eventos” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 42).

Os autores classificam os valores-notícia como um construto cognitivo que prevê parcialmente quais os eventos que ganharão espaço na mídia. Também afirmam que os valores-notícia são “uma espécie de abstração daquilo que o público valoriza” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 79). Eles elaboraram uma série de valores-notícia que atraem a atenção dos profissionais da comunicação. Destacamos nesse referencial teórico cinco deles.

O primeiro é o fato dos valores constituírem desvios de conduto. Em outras palavras, serem situações que fujam da realidade ou do modo como tudo acontece corriqueiramente.

As leis e as normas definem as fronteiras do mundo civilizado. Dentro das fronteiras está o mundo da civilização, a sociedade como se supõem que ela deva ser. O que está do lado de fora é desvio, um mundo repleto de violações de normas e regras, algumas menores outras maiores (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 41).

Para exemplificar esse valor-notícia, os autores destacam que o boletim escolar de uma criança é um evento ignorado pelos meios de comunicação por ser trivial. Agora, se uma mãe mata o filho porque ele tirou uma nota baixa em matemática, isso se torna notícia.

O interesse em noticiar fatos que envolvam celebridades ou pessoas proeminentes é a segunda tendência constatada por Shoemaker e Vos (2011). Os autores destacam que se a pessoa for muito popular, ilustre e poderosa, até fatos rotineiros podem transpor grandes portões e ganhar os holofotes da mídia. “Isso explica o desfile interminável de notícias sobre celebridades e colunas de fofoca, que ao longo das últimas décadas invadiu a programação de notícias” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 41).

Terceiro item assinalado por Shoemaker e Vos (2011) afirma que o público tem maior propensão em armazenar informações vívidas do que informações sem graça. Como exemplo, os autores usam uma matéria sobre os esforços de uma

família sem-teto para celebrar o Natal com o filho de quatro anos. Para eles, essa informação tem mais chances de passar pelos portões do *gatekeeper* do que um relato estático e seco sobre a saga dos sem-teto durante as celebrações do fim de ano. Intrínseco a esse valor-notícia está a possibilidade do fato gerar boas imagens, envolver alguém próximo ou conhecido do leitor e ser classificado como uma anedota ou caso.

O quarto fator trata da qualidade da mensagem, que abrange desde o ineditismo até a probabilidade do fato não possuir características duvidosas.

Como quinto e último valor de notícia, os autores citam a dificuldade de cobertura de um evento. Conforme eles, essa característica pode impedir a divulgação de um fato. Em contraste, há o conceito de subsídio de informação. Trata-se das mensagens preparadas fora da mídia de massa em um formato que seja de fácil utilização. Dessa forma, a mensagem pode ser atraente à imprensa simplesmente por não exigir muito trabalho na hora da produção.

Para facilitar a visualização da classificação de Shoemaker e Vos (2011), propomos abaixo o quadro que organiza os valores-notícia por eles destacados:

Quadro 5 - Valores-notícia de Shoemaker e Vos

<p>Desvio de conduta</p> <p>Situações que fujam da realidade ou do modo como tudo acontece se o mundo ocorrer bem.</p>
<p>Proeminência do autor</p> <p>Interesse de divulgar fatos que envolvam celebridades ou pessoas proeminentes.</p>
<p>Informações vividas</p> <p>Possibilidade da história ser emocionante, gerar boas imagens, envolver alguém conhecido e ser classificado como uma anedota ou caso.</p>
<p>Qualidade da mensagem</p> <p>Possibilidade do fato ser inédito e não possuir características duvidosas.</p>
<p>Acesso à informação</p> <p>Quanto mais difícil é a cobertura de um fato, mas chances ele tem de não ser divulgado. Em contraste, mensagens prontas tendem a ser atrativos à imprensa.</p>

Fonte: do autor (2015).

5 DIÁRIO DAS ROTINAS PRODUTIVAS

Neste capítulo relatamos a rotina produtiva dos dois periódicos. Os dados foram coletados no período de observação participante, dos dias 13 a 24 de julho.

5.1 Sobre a Folha do Mate

Em outubro de 2013, a Folha do Mate estreou o novo projeto gráfico. A sequência de páginas é bem definida: 2 e 3 é o Mateando (espaço destinado para notas, erratas e chamadas criativas das matérias). Segue com a Manchete (espaço destinado para a reportagem principal da capa. Pode ter uma, duas ou até quatro páginas), Cotidiano (matérias classificadas como geral), Política, Rural, Regional (matérias sobre Mato Leitão, Passo do Sobrado e Vale Verde), Pelo Mundo (conteúdos nacionais ou internacionais), Polícia e Esporte.

A redação que produz o Caderno Principal é composta por 16 pessoas. Entre eles, está o diretor de conteúdo Sérgio Klafke. Mesmo ocupando um cargo na direção, Klafke é figura frequente entre os repórteres. Costuma dar dicas na hora da edição do jornal. Durante o período estudado, Klafke chegou a corrigir páginas em função das férias da revisora.

Letícia Walcholz ocupa o cargo de editora. Cabe a ela coordenar o trabalho dos repórteres, definir os locais das matérias e, se for necessário, censurar alguns conteúdos. Dentro da redação, na figura de Letícia pode se observar bem o papel do *gatekeeper*, o porteiro que barra ou deixa passar as informações.

A revisão fica a cargo de Beatriz Colombelli. Ela esteve de férias até a quarta-feira durante o período de análise. Repórteres se revezavam para corrigir os erros das páginas durante a ausência.

Algumas editorias são divididas entre os repórteres. Dois jornalistas cobrem as páginas regionais – destinado aos três municípios que possuem cobertura com exceção de Venâncio Aires. Renê Ruppenthal se responsabiliza por Mato Leitão, enquanto Claudio Froemming faz as matérias de Vale Verde e Passo do Sobrado.

Edemar Etges trabalha com a editoria de agricultura. O repórter produz em média uma página por dia. Quem cuida da editoria de polícia é Alvaro Pegoraro. Ele também é o fotógrafo oficial da empresa, embora todos os repórteres tenham o costume de levar câmeras para fotografar as entrevistas.

Dois jornalistas cobrem esporte. Daniel Heck é responsável pela cobertura da Assoeva (Associação de Esportes de Venâncio Aires), Guarani e matérias esportivas gerais. Durante a pesquisa, ele esteve acompanhando a equipe da Assoeva na Liga Nacional, em São Paulo. Por isso, retornou apenas na quinta-feira. O outro repórter da editoria é Roni Müller, responsável pela cobertura do futebol amador e outras matérias esportivas.

Guilherme Siebeneichler cobre a editoria de política. Entretanto, no período pesquisado ele esteve de férias e retornou na quarta-feira à tarde. No período, quem substituiu ele foi o repórter de geral, Alan Faleiro.

Os demais repórteres que produzem na área geral são Giuliane Giovanaz, Carolina Schmidt e Vanessa Behling. Dois profissionais estavam de férias e não retornaram até o fechamento da pesquisa.

Além de produzir conteúdo para o jornal principal, os repórteres também trabalham na Folha 2 (caderno cultural distribuído de terças-feiras a sextas-feiras), Folha Revista (caderno cultural com mais páginas que o Folha 2 e distribuído nos sábados) e produzem conteúdo para a página oficial da Folha no Mate na web.

5.1.1 Diário do Jornal Folha do Mate

A observação participante na Folha do Mate foi realizada do dia 13 ao dia 17 de julho. O período foi de 48 horas e 38 minutos. Na segunda e sexta-feira, estivemos na redação em dois turnos. Nos demais dias – terça-feira, quarta-feira e quinta-feira – a observação ocorreu no turno da tarde.

5.1.2 Segunda-feira

Dia 13/07/2015. Chego à redação às 9h da manhã de um dia chuvoso. Cinco repórteres estão na redação redigindo textos e fazendo ligações. Único repórter fora é Pegoraro. Ele foi averiguar a situação das áreas de risco de enchente em Venâncio Aires. Às 10h30min chega à redação a editora Letícia. Ela conversa separadamente com os repórteres sobre as pautas e encaminha e-mails.

Tenho uma conversa breve sobre a rotina produtiva da segunda-feira. Conforme ela, a edição circulante na terça-feira é uma das mais complicadas para ser produzida. Justifica que são utilizados fatos que ocorreram no fim de semana, entretanto o jornal chega às mãos dos leitores apenas dois dias depois. Por isso é necessário que os assuntos tenham um “fato novo”, como descreve a editora. Por volta das 11h30min, os repórteres deixam a redação para o período de intervalo do almoço. Alguns profissionais continuam na empresa até o meio-dia.

De tarde, participo da reunião de pauta. O encontro inicia pontualmente às 13h30min com a presença de sete repórteres e editora. Se estende até as 14h8min. Entre os assuntos abordados está a cobertura da enchente, programada para ser a principal matéria do dia. A produção de outra matéria que estava prevista para a capa sobre um curso de licenciatura acabou sendo transferida para a edição de quarta-feira.

Detalhe inusitado da reunião ocorre durante a discussão de uma pauta sobre a falta de pediatras no hospital São Sebastião Mártir. A informação de que os dois profissionais estariam com problemas de saúde chega para a editora e repórter Giuliane em uma conversa informal no meio-dia. A editora combina com os repórteres que o assunto renderia uma matéria caso prejudicasse o atendimento.

Poucos minutos depois, Jaqueline Carissími, profissional que iria substituir a revisora de férias, disse que não poderia fazê-lo, pois estava com o filho doente, mas não conseguiu atendimento médico no hospital. A situação serve de justificativa para os repórteres produzirem a matéria.

Logo após a reunião de pauta, Pegoraro e Carolina saem para produzir a matéria sobre a enchente. Eles acompanham uma reunião sobre a criação de um gabinete para alertar e monitorar cheias. Eles são os únicos repórteres que se deslocaram da redação na tarde de segunda-feira. Os demais fizeram as matérias por outros meios.

Ao retornarem, Pegoraro e Carolina se reúnem com o repórter Faleiro, que ficou encarregado de fazer a segunda parte da matéria das enchentes, abordando um sistema de monitoramento criado pela IFSul. Juntos, os três definem como dividirão a produção da matéria.

Por volta das 16h30min, a repórter Giuliane telefona para a direção do hospital São Sebastião Mártir para perguntar sobre as possíveis carências no atendimento pediátrico. A instituição de saúde nega qualquer irregularidade. Jaqueline, que substitui a revisora, diz que fará um novo contato com a direção do hospital para buscar mais informações.

Uma falha na comunicação entre editora e repórter Etges resultou em mais um fato inusitado na segunda-feira. Às 17h50min, o profissional responsável pela editoria de agricultura encerra o turno de trabalho e se despede dos colegas. Nesse momento, a editora avisa que ele não entregou a página rural. Etges justifica que não sabia da necessidade de fazê-la. Às pressas, ele produz um conteúdo e deixa a redação às 18h19min.

A matéria principal é liberada para diagramação às 18h. Nesse momento, a maioria dos repórteres começa a deixar a redação. Fica apenas a editora, diagramadores e Jaqueline, substituta da revisora. Às 18h35min, a editora descarta a publicação da matéria sobre a falta de atendimento pediátrico no hospital São Sebastião Mártir por estar “muito no achismo”.

Às 18h45min, o repórter Faleiro sai para cobrir a sessão da câmara de vereadores de Venâncio Aires. Por terminar depois das 20h, a empresa jornalística decide por não divulgar as informações do encontro dos edis na terça-feira e posterga o assunto para a edição de quarta-feira.

Às 19h, as 19 páginas do caderno principal estão concluídas. Resta apenas a revisão de algumas matérias, ajustes da diagramação e produção da capa. A edição de terça-feira é finalizada às 20h4min.

5.1.2.1 Terça-feira

Dia 14/07/2015. Chego à redação às 13h30min. A reunião de pauta inicia dois minutos depois e termina às 14h23min. Tem a participação de sete repórteres e da editora. Entre os assuntos abordados está um caso de meningite em Venâncio Aires, a discussão de dois vereadores na sessão da câmara e novo sistema on-line de parquímetros. Durante o encontro também foi definido que a foto de capa seria novamente sobre a possibilidade de enchente em Venâncio Aires.

Logo após o encontro, Pegoraro vai averiguar e fotografar a cheia do rio Taquari e arroios em Venâncio Aires. Às 15h14min, Faleiro e a editora conversam sobre a matéria da discussão na câmara de vereadores. Faleiro não quer colocar as ofensas proferidas pelos legisladores. A editora diz que esse relato é necessário para “a população ter melhor entendimento do que aconteceu”.

Às 15h19min, a editora orienta a repórter Giuliane para uma entrevista com o administrador do hospital São Sebastião Mártir, Marcelo Borges – informações para complementar a matéria sobre a falta de pediatras na instituição de saúde. Por ser a duas quadras da sede da Folha do Mate, Giuliane se desloca até o hospital a pé. A entrevista ocorre na sala do administrador e dura 14 minutos. Antes de iniciá-la, a repórter avisa que irá gravar a conversa. No fim, explica que a matéria tinha como objetivo “dar tranquilidade às pessoas”. Pede para tirar uma fotografia de Borges atrás da mesa de trabalho.

Após, a repórter se desloca, novamente a pé, até a Secretaria de Saúde, instituição que fica ao lado do hospital. Conforme ela, o secretário Celso Artus não

atendia as ligações. Essa era uma maneira dela conseguir falar com ele. Artus não estava na secretaria. Giuliane retorna à redação às 16h34min.

Às 16h47min, Pegoraro vai até a delegacia em busca de informações de um acidente. No exato momento, os policiais prendem um jovem com drogas e armas. Pegoraro abandona a pauta do acidente e se dedica à produção da matéria sobre a prisão do suspeito.

Às 16h59min, Etges recebe uma ligação de Luciano Walker, proprietário de um aviário em Linha Olavo Bilac. O agricultor queixa-se da falta de energia e afirma que as aves estão morrendo. O repórter se desloca até o local para produzir uma matéria.

Para a finalização da reportagem sobre a carência de pediatras, falta a foto e uma entrevista com uma mãe que teve problemas de atendimento pediátrico. Pegoraro fica responsável por produzir esse material. Às 18h05min, ele vai até o hospital. Não encontra nenhum “case”. É orientado pela recepcionista a ir para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Lá, Pegoraro acha uma mulher com uma criança no aguardo de atendimento. Pegoraro senta-se ao lado da mulher nos bancos destinados à espera. Contextualiza a pauta para ela, faz uma entrevista rápida de menos de dois minutos e tira uma foto dela e da criança. Ele anota apenas o nome da mulher. Ao chegar à redação, às 18h46min, ele passa as informações verbalmente para a repórter Giuliane. A foto acaba não sendo utilizada por decisão da editora, pois a criança e a mãe aparecem sorrindo.

Foto 1 - Entrevista de Alvaro Pegoraro



Fonte: do autor (2015).

Às 18h55min, o diretor de conteúdo, Sérgio Klafke queixa-se do início da matéria “Chuva constante e o medo de deixar a casa sozinha” (página nove do dia 15 de julho). Principal reclamação é com a frase: “famílias que recorreram a lonas para proteger suas residências.” Para o diretor de conteúdo, faltavam informações e sobravam comentários superficiais no primeiro parágrafo. Responsável pela matéria, Giuliane defende que essa era uma forma diferente e literal de iniciar o texto. Sérgio contesta dizendo que é necessário “mais informação e menos literatura”. Nesse momento, a editora defende o ponto de vista da repórter. A matéria se manteve com o primeiro parágrafo intacto.

A capa do jornal é finalizada às 20h30min. Antes, a editora e repórter Giuliane conversam sobre a divulgação dos nomes dos pediatras afastados por problemas de saúde. Repórter defendia que não, enquanto a editora dizia que sim. Elas pedem a opinião do diagramador Auri Wagner. Ele também é da opinião de que é necessário nomear os médicos com problemas de saúde.

Às 20h33min, editora e repórteres deixam a redação. Fica apenas o repórter de esporte, Müller. Ele se responsabiliza pela produção da matéria sobre a partida da Assoeva contra o Brasil Kirin (jogo da Liga Nacional que iniciou às 20h15min em São Paulo). As fotos são tiradas e enviadas por e-mail pelo repórter Heck, profissional que acompanha a equipe venâncio-airense no estado paulista.

Müller escuta a partida na rádio Venâncio AM e produz o texto para as páginas 22 e 23. Na primeira, conta detalhes sobre o jogo. Na subsequente, aproveita para pegar informações de uma entrevista que o técnico da Assoeva Fernando Malafaia concede à emissora radiofônica. A partida termina às 21h45min. Até a matéria ser produzida por Müller e diagramada são 23h05min.

5.1.2.2 Quarta-feira

Dia 15/07/2015. Chego na redação às 13h30min. A reunião de pauta começa cinco minutos depois e se estende até as 14h40min. Nesse encontro, a novidade é a presença do repórter Siebeneichler, profissional que retorna das férias. O restante do grupo é composto pelos mesmos sete repórteres dos outros dias e pela editora.

Foto 2 - Reunião de pauta na Folha do Mate



Fonte: do autor (2015).

Primeiro assunto é o Selo Sabor Gaúcho, matéria produzida pelo repórter Etges. Ela está pronta há dois dias, mas não havia sido divulgada por falta de espaço. Será a manchete principal da edição de quinta-feira. Pegoraro informa que a polícia está preparando uma grande apreensão de cigarros contrabandeados. Saí mais cedo da reunião para acompanhar a ação. Outros temas que surgem na reunião são sobre a Consulta Popular, enchente, greve da IFSul e sinalização precária no interior.

Ao sair da reunião de pauta, a editora recebe a informação que o caderno principal ganhou mais quatro páginas, passando de 20 para 24. Isso ocorre em função de editais que chegaram de última hora e ocuparão parte de três páginas.

Às 14h12min, acompanho o repórter Siebeneichler em uma saída para averiguar a situação das áreas de risco de Venâncio Aires. Em 50 minutos, ele percorreu, de automóvel, o acesso ao Grão Pará, Loteamento Artus, bairro Battisti, Bela Vista e Santa Tecla. Como constatou poucos estragos, o repórter parou apenas para tirar uma foto do nível do arroio Castelhana e não entrevistou ninguém.

Foto 3 - Siebeneichler em ação



Fonte: do autor (2015).

Ao retornar à redação, por volta das 17h, Siebeneichler liga para a Defesa Civil e pede algumas informações sobre as cheias. Ele passa as informações para a repórter Carolina, que conclui a matéria.

Às 18h39min, a editora analisa a possibilidade de mudar a manchete de capa, prevista inicialmente para ser sobre a reportagem do Selo Sabor Gaúcho. Conforme a editora, faltaram informações, fato que diminuiu a importância do material. Ela pede para o repórter Faleiro sobre a matéria dos atrasos de repasse aos hospitais. Faleiro informa que não há novidades que valham o ponto mais importante da capa. Neste momento, Carolina faz um pedido para que a matéria que ela produziu sobre a enchente se torne a manchete principal. A editora acata a sugestão. A edição de quinta-feira é finalizada às 20h44min.

Foto 4 - Redação da Folha do Mate



Fonte: do autor (2015).

5.1.2.3 Quinta-feira

Dia 16/07/2015. A reunião de pauta inicia pontualmente às 13h30min com a minha chegada à redação. Seis repórteres e a editora participam da conversa que se estende até as 14h02min. Novidade é a presença de Heck. Dois repórteres, Siebeneichler e Etges, estão cobrindo eventos e não participaram da reunião de pauta. Entre os assuntos abordados está o reinício do semestre letivo após férias escolares de inverno, perdas na agricultura com a cheia, possibilidade de demissões nas fumageiras e Consulta Popular. A equipe também define que a matéria principal do fim de semana será sobre a falta de sinalização no interior.

Uma informação equivocada marca a reunião de quinta-feira. A funcionária Jaqueline passa na sala de reuniões para informar que um dos pediatras do hospital São Sebastião Mártir faleceu. Os repórteres começam a discutir como irão cobrir o fato, visto que o suposto falecido é popular em Venâncio Aires. Entretanto, no fim da reunião, Jaqueline constata que a informação é falsa e avisa o erro aos jornalistas.

Ao finalizar a reunião, o repórter Pegoraro me relata que foi convidado para acompanhar uma ação em Estrela, mas que deixou de ir. Argumenta que há possibilidades de não ocorrer nada de interessante na ação. Desta forma, ele

perderia toda a tarde e nem teria assunto para divulgar no dia seguinte nas páginas de polícia.

Por volta das 14h20min, as repórteres Giuliane e Vanessa iniciam a busca pelas informações para a matéria principal do fim de semana. Por telefone, Giuliane agenda uma entrevista com o secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão, Celso Knies às 10h de sexta-feira.

Vanessa fez contato telefônico com Sirlei da Silva, moradora de Linha Picada Mariante, e marca entrevista para a tarde. Às 15h, ela se desloca de carro até a casa de Sirlei. Ironicamente em uma pauta sobre falta de sinalização, até a repórter tem dificuldades para localizar a casa dos entrevistados. Chega ao local após 49 minutos e dois pedidos de informação aos moradores da localidade.

A entrevista ocorre na cozinha com a participação da dona da casa, Sirlei e do marido Manuel da Silva. Vanessa conversa com os dois ao mesmo tempo. Grava e anota alguns tópicos em um bloco. Após, leva o casal para uma das placas de sinalização. Lá, os fotografa.

Na volta, a repórter passa nas lojas Quero-Quero em busca de um profissional que faz entregas no interior. Ao conversar com o responsável pelo estoque, chega até Mauro Bencke, motorista há duas décadas. A entrevista ocorre no estoque da Quero-Quero, sendo que Mauro fica até escorado em um dos equipamentos que utiliza para carregar o caminhão. A conversa dura oito minutos. Vanessa anota as informações em um bloco e não grava. A repórter retorna à redação às 17h01min – duas horas e um minuto após a saída. Ao total, percorreu 55 quilômetros para fazer as duas entrevistas.

Foto 5 - Vanessa e a entrevista informal



Fonte: do autor (2015).

Às 17h34min, o repórter Pegoraro liga para a Delegacia de Polícia para se inteirar sobre a operação em Estrela. Ele é informado que a ação não alcançou os resultados almejados.

Às 18h53min, a capa do jornal está impressa para a revisão. A foto e chamada principal são da matéria de Etges, “Produtor à espera do sol para retomar o trabalho na lavoura”. A edição de sexta-feira é finalizada às 19h51min.

5.1.2.4 Sexta-feira

Dia 17/07/2015. Chego à redação às 9h30min. Sete repórteres estão no local, além da editora. O único repórter na rua é Pegoraro. Ele fazia as visitas rotineiras aos órgãos de segurança para averiguar ocorrências que poderiam render pautas.

Faltando cinco minutos para as 10h, saio com a repórter Giuliane para a entrevista com o secretário Celso Knies. Vamos até o gabinete do secretário a pé. A conversa dura 15 minutos e é gravada pela jornalista. Após, Knies convida a repórter para observar um mapa e mostra onde se localizam as ruas sem nome. A repórter aproveita para fotografar o secretário no local. Na volta para a redação, Giuliane queixa-se que o secretário deixou de responder algumas perguntas por dizer que “não era da sua área”.

Por volta do meio-dia a redação fica deserta. Os repórteres retornam a partir das 13h. Na sexta-feira não ocorre reunião de pauta devido ao maior número de páginas – eram 32 apenas no caderno principal. Editora passa nas mesas e conversa individualmente com os repórteres.

Às 14h34min, a repórter Giuliane vai de carro à procura das ruas sem nome com o auxílio do repórter Siebeneichler. Em um primeiro momento, eles se deslocam até o bairro Battisti. Param no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e são informados que todas as ruas possuíam nomes. Os repórteres passam nos loteamentos novos do bairro Santa Tecla. Lá conversam com moradores e comerciantes, sem sucesso.

Giuliane liga para o secretário do Governo, Tiago Quintana e pergunta onde havia ruas sem nome. Por *whatsapp*, ele manda um mapa para a repórter com ruas sem nome no bairro União Bela Vista. Lá eles fazem duas entrevistas. A primeira com uma moradora que não quis ser fotografada. A entrevista gravada dura cerca de cinco minutos e ocorre na área da casa. Enquanto Giuliane conversa com a entrevistada, Siebeneichler tira fotos da rua. A segunda entrevista ocorre com o morador Pedro Soares na frente de sua casa. Dura quatro minutos e é gravada. Além de tirar fotos, Siebeneichler também auxilia com perguntas. Os repórteres retornam à redação às 16h11min.

Foto 6 - Siebeneichler e Giuliane em busca das ruas sem nome



Às 18h15min, as repórteres Giuliane e Vanessa entregam a matéria principal. Ela é diagramada e passa pela revisão. Uma hora depois, Letícia e Giuliane conversam sobre o título da matéria. A repórter defende que deveria ser feito um título mais questionador, enquanto a editora procura uma chamada “mais suave”. No fim elas optam pelo título: “‘A minha rua não tem nome’, diz Pedro”.

Às 19h54min, a edição do fim de semana está praticamente fechada. A editora começa a revisar a capa. Durante o trabalho, confidencia: “não importa quem revise, sempre olho a capa mais umas mil vezes.” Sete minutos depois, ela libera a página principal do jornal. A edição é concluída às 20h24min.

5.2 Sobre o jornal Gazeta do Sul

Vinte e cinco pessoas trabalham para a produção do caderno principal e caderno Mix da Gazeta do Sul. Está incluído a editora-chefe Rose Romero, diretor de conteúdo Romeu Inacio Neumann, chefe de reportagem Ricardo Düren, chefe de redação Maurício Goulart, editores Pedro Garcia (Política), Ângela Rocha (Opinião), José Carlos Ferreira (Esporte), Otto Tescher (Regional) e Mauro Ulrich (Variedades). Demais são repórteres, fotógrafos e estagiários.

5.2.1 Diário do Jornal Gazeta do Sul

Dos dias 20 a 24 de julho acompanhamos o trabalho da redação no jornal Gazeta do Sul. O período de análise foi de 45 horas e 23 minutos. Na segunda-feira, terça-feira, quarta-feira e sexta-feira, a observação participante ocorreu nos turnos da tarde e noite. Na quinta-feira, estivemos na redação durante a manhã.

5.2.1.1 Segunda-feira

Dia 20/07/2015. Chego à redação às 13h15min. O ambiente está vazio. Aos poucos, aparecem os primeiros repórteres. A reunião de pauta inicia às 13h40min. Participam nove pessoas: a editora-chefe Rose, diretor de conteúdo Neumann,

chefe de reportagem Düren, gerente comercial Lau Ferreira e demais editores. Nenhum repórter ou fotógrafo participam do encontro.

A primeira fala é de Düren. Ele pergunta se havia algo para ser citado sobre a edição que circulou no dia. Ninguém comenta. A editora de opinião, Ângela sugere uma matéria do Lava-Jato para as páginas do País. Garcia traz um comentário do vereador Ari Thessing sobre uma obra que deveria ser inaugurada, mas já estava com problemas. Rose duvida da informação. No fim, eles constataam que é muito longe ir até o local e se arriscar em não encontrar nada.

Rose fala sobre a precariedade de acesso ao cemitério Guarda Lhe Deus. Ângela complementa a pauta dizendo que nas proximidades também fica o Berçário Mãe de Deus, bairro com bastante moradores e estradas problemáticas.

Foto 7 - Reunião de pauta na Gazeta do Sul



Fonte: do autor (2015).

Garcia lembra de um tópico que leu na coluna de Rosane de Oliveira, da Zero Hora, sobre um aumento nos impostos do fumo. Ele destaca que irá averiguar a situação. Outros assuntos abordados são o aumento da violência em Santa Cruz do Sul, manutenção do preço dos imóveis e problemas na venda antecipada de ingressos para a Oktoberfest. A reunião termina pontualmente às 14h30min.

Após, Düren vai até a redação e repassa as pautas aos repórteres. Ele conversa com a repórter Heloisa Corrêa sobre a matéria dos ingressos da Oktoberfest. Às 14h40min, Heloisa dá um retorno para Düren. Diz que nem organizadores, nem a produtora responsável pela venda dos ingressos comentaram sobre o assunto. O chefe de redação sugere ligar para mais pessoas.

Às 15h10min, Düren muda de mãos a pauta sobre a cobertura das enchentes. Ela deveria ser feita pelo repórter Joel Haas, mas ele demorou para retornar de uma saída a campo. A repórter Mahara de Brito fica responsável pelo assunto. Düren pede para ela ligar para o tenente Barbosa, da Defesa Civil e, após, sair para as áreas de risco com o fotógrafo Rodrigo Assmann.

Eles saem de carro às 15h30min. O primeiro ponto que visitam é o bairro Várzea. Lá, a repórter encontra o tenente Barbosa. Conversa informalmente com ele, sem anotar ou gravar o diálogo. Como as ruas estavam alagadas, repórter e fotógrafo vão em um caminhão da Defesa Civil para chegar nos pontos críticos do bairro. No trajeto, além de Assmann, Mahara também faz fotos para o site.

Foto 8 - Mahara na cobertura da enchente



Fonte: do autor (2015).

O caminhão para em um dos pontos alagados. A repórter sai para conversar com uma das moradoras. A entrevista dura cinco minutos e Mahara utiliza um bloco para anotar as informações. Enquanto dialoga com a entrevistada, Assmann faz

fotos. No fim do trajeto, Mahara é parada por um morador que quer falar sobre “as condições precárias do bairro.” Ela conversa rapidamente com ele.

Na sequência, a dupla se desloca até o loteamento Hauber e Backenkamp, sem encontrar nada de anormal. No bairro Dona Carlota, eles percebem que a estrada está alagada próximo ao Corredor Marsch. Assmann tira uma foto da situação. Mahara liga para o tenente Barbosa pedindo se havia outros pontos alagados. Ele diz que não. Dessa forma, a dupla retorna e chega na redação às 17h39min.

Antes de iniciar a digitação do material, Mahara se reporta ao chefe de reportagem. Düren pede a ela se há estado de alerta por parte da Defesa Civil. Ela diz que não. Düren sugere o título “Defesa civil afasta risco de enchente”.

Às 17h47min, o repórter de polícia, Rodrigo Kämpf recebe a informação do Comandante de Polícia que o carro de Udo Klein Júnior havia sido encontrado pela polícia. O homem havia estampado a capa de segunda-feira pelo fato de seu veículo ter sido furtado duas vezes em menos de um mês.

Às 18h30min, Düren começa a produzir a capa do jornal. Ele conversa separadamente com o diagramador.

Um minuto depois, o tenente liga para a repórter Luana Rodrigues informando que havia situação de risco. Mahara muda o foco da matéria com essa nova informação. Sintonizado na RBS TV, às 19h30min, Düren vê que a cobertura de uma cancha de bocha caiu por causa da chuva. Ele pede para Mahara colocar mais essa informação na matéria.

Às 20h14min, Kämpf liga para os órgãos de segurança em busca de ocorrências de última hora que podem virar notícia. O repórter não encontra nenhum assunto relevante. Trinta minutos depois, Düren avisa a editora-chefe Rose que não há mais espaço no jornal para as informações da sessão da Câmara de Vereadores – reunião que o editor Garcia acompanhou.

Mahara finaliza a matéria sobre a enchente às 21h24min. O material passa pela revisão de Düren. Às 21h53min, com a capa e boa parte do jornal finalizado,

Düren deixa a redação. O restante do trabalho fica a cargo de Rose. A edição que circula na terça-feira é finalizada às 23h47min.

5.2.1.2 Terça-feira

Dia 21/07/2015. Chego à redação às 13h30min. Dez minutos depois, inicia a reunião de pauta com oito pessoas. Única mudança é a ausência de Mauro Ulrich – editor que entra de férias.

Rose começa a conversa citando uma informação que recebeu de uma amiga de Vale do Sol. No município, estava circulando pelo whats app a história de uma mulher que encomendou a morte do marido. Ela teria sido presa. Rose sugere que a redação dê atenção ao caso. Outros assuntos abordados foram: possibilidade de aumento de 80% na iluminação pública e enchente.

Um fato inusitado comentado na reunião ocorreu com o repórter de esporte, Ferreira. Ele viu no facebook que dois moradores de Santa Cruz do Sul iriam para o México acompanhar o confronto semifinal da Libertadores da América entre Internacional e Tigres. Entretanto ao entrar em contato com os torcedores, descobriu que não passava de uma brincadeira na internet.

A reunião de pauta termina pontualmente às 14h30min. Primeira ação de Düren ao chegar na redação é passar para o repórter Kämpf a pauta sobre a tentativa de homicídio em Vale do Sol.

Kämpf busca as informações por meio de telefonemas à Delegacia de Polícia do Vale do Sol. Mas o atendente informa que essas informações são sigilosas. Düren sugere que o repórter vá até a comunidade onde ocorreu a tentativa de homicídio e fale com os moradores.

Às 15h03min, Kämpf e o fotógrafo Assmann iniciam a viagem, de carro, até o município vizinho. Em um primeiro momento, acreditavam que o crime havia ocorrido em Linha Formosa. Mas ao conversarem com o dono de um bar, são informados que o fato foi registrado em Linha da Barra.

A ideia de procurar informações em um bar foi do fotógrafo Assmann. Conforme ele, “o bar é o ponto de encontro dos moradores. Lá as pessoas comentam de tudo.” Assmann cogita a possibilidade de encontrarem até um parente da vítima em um bar.

Em Linha Bernardini, a dupla para em um novo bar e realmente encontra o primo da vítima bebendo uma cerveja. Ele e o dono do bar passam algumas informações sobre o acontecido. Kämpf não anota nada e convence o primo da vítima a mostrar onde é a casa do parente.

Foto 9 - Kämpf e Assmann em ação



Fonte: do autor (2015).

Eles vão até lá e conversam com o pai da vítima, Norvaldo Hoesel. Ele chama o filho e alvo da tentativa de homicídio Ingo Hoesel, que aceita dar entrevista. A conversa é gravada e dura 16min55seg. Além do repórter, o fotógrafo Assmann faz perguntas. No fim, Kämpf pede autorização para tirar uma foto. Ingo aceita. Assmann organiza uma imagem com Ingo, o pai e a mãe abraçados.

A dupla chega à redação às 17h42min. Repórter conta as novidades para Düren. Ele sugere um contato com o advogado de defesa da mulher e mandante do crime, Marcela, e uma ligação ao delegado perguntando sobre o rumo das investigações. Kämpf faz o que o chefe de reportagem pede.

Às 18h02min, o repórter Garcia vê no site do Tribunal da Justiça a história de um casal de idosos que tentou impedir os vizinhos (pai e filho de nove anos) de jogar bola no próprio pátio. Ele começa a produzir uma matéria sobre o caso.

Às 20h46min, Rose informa ao chefe de redação que um corpo foi encontrado no Lago Dourado. Düren passa a pauta para Kämpf. Ele se desloca até o local e constata que se tratava de um atropelamento e que a pessoa já havia sido encaminhada ao hospital com fraturas graves.

Às 21h, o repórter de esporte, Ferreira se desloca até a sala de reuniões para acompanhar, pela televisão, o confronto entre Grêmio e Criciúma – partida da Copa do Brasil. O jogo termina às 23h18min com a classificação tricolor nos pênaltis. Ferreira produz a matéria após o apito final do jogo e pega uma foto da assessoria de imprensa do Grêmio. O jornal é finalizado à 00h02min.

Foto 10 - Ferreira e a cobertura da dupla Gre-Nal



Fonte: do autor (2015).

5.2.1.3 Quarta-feira

Dia 22/07/2015. A reunião de pauta começa às 13h30min, no mesmo momento que chego à redação. Ela se estende até as 14h15min. Nesse encontro, está ausente o editor Garcia. O revisor Luís Fernando Ferreira substitui Ulrich à frente do caderno de variedades e participa do encontro.

Rose inicia a conversa com a informação que um cavalo estaria em estado de inanição em Harmonia. Na sequência, ela fala da necessidade de se fazer uma matéria sobre uma equipe de Eisstochsport de Santa Cruz do Sul que foi para o Canadá disputar os Jogos Mundiais. A informação veio de uma funcionária da rádio Gazeta.

Düren informa que a página policial do dia terá uma matéria sobre o “caso Ana Paula” (menina de 15 anos assassinada em 2013). Seguindo a linha de polícia, Rose fala sobre um caso de uma criança queimada em Vera Cruz. Pede uma nova matéria sobre o caso para ver como está o estado da vítima.

Pela primeira vez desde o início da observação participante, o diretor comercial Lau Ferreira intervém na cobertura jornalística. Ele cita que a direção fechou uma parceria com os organizadores da Fórmula Truck, por isso será necessário fazer matérias sobre o assunto. A reunião termina às 14h15min.

Ao chegar na redação, Düren passa pautas para o repórter Joel Haas, Heloise Corrêa e Natany Borges. Ambos são assuntos discutidos em reuniões de pauta de outros dias.

Foto 11 - Redação da Gazeta do Sul



Fonte: do autor (2015).

Às 17h09min, a equipe do Portal Gaz recebe a informação de uma batida entre um automóvel e um caminhão na RSC-287. Düren pede para Kämpf se

deslocar até lá com o fotógrafo Assmann. Ele acredita que o acidente pode ser grave por envolver um caminhão. Eles foram até o local e constataram que não havia feridos. Kämpf fez algumas perguntas para os policiais, enquanto Assmann fotografava.

Às 22h, Ferreira começa a acompanhar, pela televisão, o jogo do Internacional versus Tigres, pela semifinal da Libertadores da América. Ele vai até a sala de reuniões e utiliza o smartphone para anotar informações e impressões que teve do jogo. Ele encaminha esse material para o próprio e-mail. Leva também um bloco, mas nem chega a utilizá-lo.

O jogo termina às 23h47min. Ferreira produz a matéria após a partida. Ela é revisada e diagramada até a 00h24min.

5.2.1.4 Quinta-feira

Dia 23/07/2015. Chego à redação às 9h. Duas repórteres estão redigindo textos e fazendo ligações telefônicas. O fotógrafo Assmann aparece na redação, fica alguns minutos e sai para fazer fotos de um caderno especial do Colono e Motorista.

Foto 12 - Manhã tranquila na Gazeta do Sul



Fonte: do autor (2015).

Às 10h, chega mais uma repórter na redação. Da mesma forma que as colegas, ela digita textos. Ao meio-dia, todos vão para o intervalo do almoço.

5.2.1.5 Sexta-feira

Dia 25/07/2015. Entro na redação às 13h30min. A reunião de pauta inicia 15 minutos depois com a presença de oito pessoas. Dessa vez, quem esteve ausente era o diretor comercial, Ferreira e o editor Garcia. Num primeiro momento, os jornalistas falaram sobre a crise dos hospitais. Após, Ângela informa que fará uma matéria sobre a alta do dólar para as páginas do Mundo. Düren relata que o repórter Kämpf conseguiu uma entrevista com a família da menina que sofreu queimaduras graves. Para ele, essa pauta iria render “uma matéria com bastante leitura”.

A equipe descartou a publicação de uma reportagem especial sobre o casamento entre pessoas de raças diferentes pelo fato do fim de semana ser comemorado o dia do Colono e Motorista. A pauta foi discutida pela primeira vez 20 dias atrás. O motivo era as ofensas racistas sofridas pela repórter do tempo do Jornal Nacional, Maju. Para a editora-chefe Rose, seria incoerente divulgar uma matéria sobre racismo em uma data festiva.

Os jornalistas também discutem qual será a foto de capa. Eles demonstram uma preocupação, pois nenhuma das matérias rende uma boa imagem. Düren sugere uma fotografia trabalhada para a matéria sobre os preços dos hotéis.

Fato incomum dessa reunião foi a participação do diretor presidente André Luís Jungblut. Ele entra na sala quase no fim do encontro, se senta em uma das cadeiras da ponta e começa a folhear o jornal do dia. Quando os jornalistas terminam as discussões, Jungblut começa a falar. Ele questiona a chamada de capa, “Duplicação da 287 é descartada pela EGR” – matéria produzida pelo editor Garcia. Conforme Jungblut, essa afirmação contradizia o que o Governo havia prometido. Ele sugere que o repórter entre em contato com mais pessoas para averiguar se de fato a obra pode parar. O encontro termina às 14h34min.

Às 15h07min, acompanho o repórter Kämpf na busca por informações para uma matéria de duas pessoas desaparecidas em Venâncio Aires. Novamente o

repórter não consegue informações com a Delegacia de Polícia. Desta forma, Kämpf liga para o Jornal (e concorrente) Folha do Mate e pede a localização das famílias dos desaparecidos. Ao conseguir as informações, ele e o fotógrafo Bruno Pedry vão de carro ao município vizinho em busca dos parentes dos desaparecidos.

A primeira parada da dupla é em um bar do bairro Coronel Britto. Lá, Kämpf pede onde pode localizar Anita Padilha, companheira de um dos desaparecidos. O comerciante indica onde ela mora – cerca de cem metros longe de onde eles estavam. Kämpf faz outras perguntas sobre o caso. Logo outros clientes se aproximam e se inicia uma espécie de bate-papo no estabelecimento comercial.

Kämpf deixa o bar e encontra Anita na frente de casa. Ele se identifica, justifica que está fazendo a matéria para alertar a população sobre os desaparecimentos e pede se ela aceita dar entrevista. Anita topa. A conversa dura 10min45seg e é gravada por Kämpf. O repórter utiliza ainda um bloco de notas. Pedry tira fotos durante o diálogo. Após, o fotógrafo pede uma fotografia do desaparecido. Ele fotografa a imagem.

Em um segundo momento, os profissionais se deslocam até Linha Estrela. Para chegarem ao local, pedem indicações num postos de gasolina. Ao encontrarem a Linha Estrela, eles param em uma casa e pedem para a dona informações sobre parentes do desaparecido. Ela relata que o desaparecido morava com um sobrinho. Indica onde ele mora.

Kämpf e Pedry encontram o sobrinho, chamado João Carlos Ilha. O repórter conversa com ele por 7min32seg, enquanto Pedry bate fotos. No fim, Kämpf pede se o homem tem alguma imagem do desaparecido. Ele diz que não. Com as duas entrevistas feitas, a dupla retorna à redação. Chegam ao local às 18h.

Foto 13 - Kämpf e Pedry em busca dos desaparecidos



Fonte: do autor (2015).

Às 19h13min, Düren deixa a redação, mas desta vez, o trabalho de fechar a capa não fica a cargo da editora-chefe Rose. O chefe de redação Maurício Goulart retornou de férias na quinta-feira e assumiu novamente essa função. O jornal é finalizado às 23h55min.

6 ANÁLISE

Este capítulo é dividido em três partes. Em um primeiro momento analisamos individualmente a rotina produtiva da Folha do Mate e da Gazeta do Sul. Para realizar esse trabalho, dividimos o processo produtivo em três fases distintas, tal qual nos propõe Mauro Wolf: recolha do material informativo (momento onde o jornalista se vale das fontes e das agências de notícia para dar forma ao noticiário), a seleção das notícias (quando é feita a triagem e a organização dos materiais que chegam à redação) e a edição (quando o produto jornalístico é organizado e, subsequentemente, apresentado ao público).

Após realizadas as análises individuais de cada meio de comunicação, tais rotinas produtivas nos abastecem de informações para um estudo comparativo descritivo geral abordando as semelhanças e diferenças no que é notícia nos dois veículos de comunicação. Neste momento apresentamos um quadro comparativo geral (quadro 8) entre os periódicos ressaltando os participantes do processo de escolha das pautas, as fontes utilizadas pelos jornais e os critérios de noticiabilidade observados nos três momentos acima descritos.

Estes dados nos permitem chegar à segunda parte, onde tecemos nossas considerações sobre o que é notícia na Folha do Mate e na Gazeta do Sul comparando qualitativamente os três componentes de nossa avaliação (quem participa – fonte – critérios) nos três momentos do processo produtivo. Neste contexto, associamos algumas observações referentes aos conceitos de *gatekeeper*, da hipótese organizacional e das demais hipóteses apresentadas em nosso

referencial e que, a nosso ver, nos auxiliam a ilustrar o contexto de produção da notícia nos referidos jornais.

Para finalizar, realizamos um cruzamento de dados observando as avaliações do presente trabalho relacionadas às perspectivas observadas na entrevista semiestruturada realizada com os gestores de Folha do Mate e Gazeta do Sul, atingindo aqui nosso último objetivo: o de comparar nossas observações com a dos representantes dos jornais analisados.

Antes de partirmos para os relatos, cabe nossa primeira constatação: há diferenças nas etapas descritas por Wolf se comparado com o processo jornalístico dos dois meios de comunicação.

Durante nossa observação participante, constatamos que há uma inversão entre os dois primeiros momentos descritos por Wolf. Em outras palavras, a seleção das notícias – que para Wolf é o segundo processo – se torna a etapa inicial na nossa análise. Com as pautas definidas, a segunda etapa passa a ser a busca pelas informações. A edição – descrita por Wolf e aproveitada para este trabalho – é a última fase antes da notícia chegar às mãos dos leitores.

6.1 Jornal Folha do Mate

6.1.1 Rotina Folha do Mate

A primeira repórter chega à redação às 6h30min. Cabe a ela fazer a ronda policial e publicar as primeiras notas no site do jornal. Embora o trabalho seja destinado à web, essas informações podem se tornar pauta para o caderno principal.

Os demais repórteres que trabalham de manhã iniciam a jornada às 8h ou 10h. No período matutino, eles têm como dever antecipar a busca por informações e procurar assuntos que possam render matérias. Por ser um horário mais folgado, os repórteres também costumam marcar entrevistas ou sair a campo.

Por volta das 10h, a editora Letícia Wacholz aparece na redação para repassar e-mail aos repórteres ou conversar individualmente. Em uma análise geral, pouco se produz no período até o meio-dia.

De tarde, a programação inicia, a partir das 13h30min, com a reunião de pauta, momento onde os repórteres se reúnem para discutir os assuntos que virarão notícia no dia seguinte. Na semana analisada, o encontro teve duração de 32 minutos a 65 minutos. Sexta-feira foi o único dia que não ocorreu reunião. A editora passou individualmente para discutir as pautas com os repórteres.

A produção do impresso funciona da seguinte maneira: quando a matéria é finalizada, o repórter a salva em uma pasta nomeada com o dia da publicação. Eles entregam para a editora uma folha com o título da reportagem. Essa era uma maneira dela controlar a produção de cada profissional.

O conteúdo passa pela conferência da editora – ela analisa as informações e vê a necessidade de melhorias no conteúdo. Após, o material é disposto graficamente nas páginas pelos diagramadores. Nessa etapa se constata se o conteúdo é suficiente para caber na página ou se o repórter terá de fazer mais uma matéria para cobrir o espaço.

Quando a página está completa, ela chega à revisão. A profissional confere os erros de português e, eventualmente, opina sobre o conteúdo. Essa é a última checagem antes da página ser liberada pelos diagramadores à gráfica.

Vale destacar que o processo de finalização da matéria pelo repórter, análise da editora, diagramação, revisão e posterior liberação ocorrem de maneira atemporal. Ou seja, uma matéria pode estar sendo produzida pelo repórter, enquanto outra está sendo diagramada e mais outra está sendo analisada pela editora.

O prazo de fechamento ideal – o chamado *deadline* – é das 20h às 21h. Durante o período analisado, a equipe de reportagem conseguiu se antecipar as expectativas num dia. Foi na quinta-feira, quando o impresso foi concluído às 19h51min.

propaganda de duas colunas da Supermercado Imecc entrou na página. A editora teve de ampliar a matéria para a página cinco, deixando outros assuntos de fora da edição.

Assim, o espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. Por exemplo na imprensa, os jornalistas enchem o espaço deixado em aberto pela publicidade. Assim, o espaço disponível para a informação, ou seja, para a notícia é antes de mais nada determinado pela publicidade (TRAQUINA, 2005, p. 158).

Imagem 3 - Enchente



Fonte: Folha do Mate (p. 5, 14 jul. 2015).

6.1.2 O que é notícia na Folha do Mate? (selecionando os acontecimentos)

A seleção dos acontecimentos é o trabalho inicial realizado pelo jornalista. Nessa etapa, o profissional analisa os acontecimentos cotidianos e separa os fatos com potencial para estamparem as páginas do jornal. Essa seleção ocorre durante todo o dia, mas é na reunião de pauta que esse trabalho chega ao ápice. Além de conversarem sobre as possíveis notícias, os repórteres também definem quais as matérias e quais fotos receberão destaque na capa.

Além dos assuntos serem discutidos na reunião de pauta, editora e repórteres costumam trocar e-mails ou discutirem individualmente as pautas.

As assessorias de imprensa são as principais fontes da Folha do Mate. Das 147 matérias divulgadas pelo meio de comunicação impresso de 14 a 18 de julho, 64 foram inspiradas ou possuíam informações dos releases encaminhados pelas mais diversas assessorias de imprensa, em especial, do governo de Venâncio Aires – quantidade corresponde a 43,5% das matérias.

Essas informações das assessorias de imprensa chegavam ao jornal em forma de releases. Conforme Kopplin e Ferrareto (2001), o release é um material de divulgação elaborado pela assessoria de imprensa. É escrito em linguagem jornalística, embora não deva ser aproveitado na íntegra como texto pronto. O release serve para levar à redação informações que possam servir de apoio para uma possível matéria.

Na maioria dos casos, o conteúdo do release passava por análise dos repórteres da Folha do Mate e era ampliado com mais informações. Também havia casos onde o release era publicado na íntegra – geralmente ocorriam nas matérias consideradas menos importantes e utilizadas na parte baixa das páginas. Esse processo de cópia “ipsis litteris” é apelidado por Moreira (1985) de “releasmania.” Conforme o autor, a maneira dos jornalistas pesquisarem os assuntos mudou com o fortalecimento das assessorias. “Ao invés do repórter ir diretamente à fonte, as fontes, representadas pelos inúmeros press-releases das assessorias, passaram a inundar as redações” (MOREIRA, 1985, p. 45).

Editora Leticia Walholz confirma a utilização dos releases e classifica as assessorias de imprensa como “muito atuantes”. Entretanto ela não aponta esses órgãos como os principais pauteiros do periódico de Venâncio Aires.

A rotina dos funcionários do jornal também gera pautas para a redação. Foi o que aconteceu na segunda-feira, quando a editora e a repórter Giuliane Giovanaz descobriram, durante o almoço, que um dos pediatras plantonistas no Hospital São Sebastião Mártir sofreu um infarto. A editora levou a informação para a mesa de discussões defendendo que o assunto deveria virar matéria caso houvesse problemas no atendimento médico. Dois minutos depois, uma funcionária do jornal, Jaqueline Caríssimi, veio participar da reunião e disse que o filho estava mal, mas

não havia conseguido leito no hospital. Essa situação incentivou ainda mais a produção da matéria.

Traquina (2005) nomeia esse fenômeno de indicação de pautas pelos próprios profissionais como “acesso direto”. Conforme o autor, isso demonstra o poder dos jornalistas e a capacidade que eles têm de definir que reportagens ou trabalhos de investigação pretendem fazer. Um exemplo, citado por Molotch e Lester (apud TRAQUINA, 2005), é o caso de um repórter policial que detecta o aumento na ocorrência de crimes. Ele pode fazer uma matéria sobre isso e construir uma realidade de que a população está mais insegura.

A interdependência entre mídias citado por McCombs (2009) na hipótese do agendamento foi constatada na Folha do Mate durante a reunião de terça-feira. A editora ouviu no Jornal do Almoço (programa televisivo da RBS TV) que Venâncio Aires teria um caso de meningite. A repórter Carolina Schmidt entrou em contato com a Secretária de Saúde e confirmou a informação. A matéria foi divulgada na página seis da quinta-feira (dia 16 de julho) com o título “Caso de Meningite em Venâncio não é motivo de preocupação”.

Um dos argumentos utilizados por Silva (2012) para justificar o agendamento intermídia é validar o fato como algo que precisa ser divulgado. “[...] imitar a decisão de cobrir um evento e o considerar noticiável valida indirectamente a decisão inicial do primeiro media. O agendamento midiático é o mecanismo que cria uma definição comum do que é ou não notícia” (VLIEGENTHART; WALGRAVE, 2008, apud SILVA, 2012, p. 4-5).

Imagem 4 - Meningite em Venâncio Aires



Fonte: Folha do Mate (p. 6, 16 jul. 2015).

Além de outras mídias, a redação da Folha do Mate se atentava às redes sociais para buscar pautas. Na quinta-feira, a repórter Vanessa Behling viu no facebook a informação de que um grupo de pessoas estava reestruturando a Liga Carnavalesca da Capital Nacional do Chimarrão. Dali surgiu a matéria publicada na página sete da sexta-feira (dia 17 de julho) e intitulada “Liga Carnavalesca será reorganizada em Venâncio.”

Imagem 5 - Liga Carnavalesca



Fonte: Folha do Mate (p. 7, 17 jul. 2015).

Nas editorias com repórteres específicos – esporte, agricultura e rural – se constata o uso viciante de certas fontes, principalmente, as oficiais. Dessa forma, os profissionais eram pautados por um grupo seletivo de pessoas. Essa relação é classificada por Wolf (2001) como corriqueira.

Normalmente, os jornalistas especializados estabelecem relações estreitas e continuadas com as próprias fontes, que acabam por se transformar em fontes pessoais, quase informadores que mantêm os repórteres atualizados, fornecendo-lhes indiscrições, notícias reservadas. Isto é, cria-se uma relação quase simbólica de obrigações recíprocas entre fonte e jornalista especializado, o que simplifica e simultaneamente, dificulta o trabalho, visto que o custo de perder semelhante tipo de fonte acaba por ser elevado, levando, mais tarde ou mais cedo, o jornalista a uma dependência mais ou menos consciente, justificada pela produtividade da própria fonte (WOLF, 2001, p. 227).

Nas páginas de esportes, além de buscar as fontes estruturadas, percebe-se a tendência de noticiar assuntos programados. Os repórteres se pautam bastante na agenda dos clubes ou tabela de jogos das competições. Como resultado, a maioria das notícias têm títulos como “Linha Hansel sedia as finais” (página 21 de 16 de julho), “Ingressos estão à venda” (pagina 15 de 17 de julho) e “Peneira de atletas confirmada no Edmundo Feix” (página 14 de 17 de julho).

Imagem 6 - Editoria de esporte e o jornalismo de agenda



Fonte: Folha do Mate (p. 21, 16 jul.; p. 15, 17 jul.; p. 14, 17 jul. 2015).

Na editoria de agricultura se verifica uma utilização viciante de órgãos governamentais como fonte para as matérias – exemplos são a Secretária Municipal de Agricultura de Venâncio Aires e Emater/Ascar.

O repórter de polícia Pegoraro costuma passar duas vezes por dia na Brigada Militar e Polícia Civil para buscar informações e fazer a seleção do que pode ser aproveitado. Além disso, ele tem o número de celular dos delegados, brigadianos, promotores, juízes e administrador do presídio de Venâncio Aires. Frequentemente, ele é procurado por essas autoridades. Conforme Pegoraro, a confiança é fundamental para o bom trabalho. Ele cita que, muitas vezes, sabe de fatos, mas não os publica para não prejudicar as investigações.

Há uma problemática nesse bom relacionamento. O repórter pode saber algo negativo dos órgãos de segurança, mas não divulgar por temer perder a fonte, como aponta Traquina (2005). “Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes podem ficar orientados pela fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não o público” (TRAQUINA, 2005, p.196). Shoemaker e Vos (2011) também veem ressalvas nessa maneira de trabalhar com as fontes. Para os autores, essa situação pode privilegiar aqueles que estão no poder, reduzir a diversidade de pontos de vista e reforçar o estereótipo de gênero.

Essa interação dos repórteres setoristas com as autoridades, presidentes de clubes e técnicos agrícolas evidencia de maneira mais clara a hipótese estruturalista citada por Traquina (2005). Essa corrente de estudo defende que os jornalistas, pressionados pela corrida contra o relógio e as exigências profissionais, acabam criando um acesso estruturado com certas fontes, chamados nesse contexto de “definidores primários”. Uma das considerações desse sistema é o fato do jornalista perder a sua independência.

Não há forma de conceber um espaço de manobra por parte dos jornalistas; os jornalistas nunca tomam a iniciativa, nunca desafiam os ‘definidores primários’, por exemplo, através de iniciativas como a reportagem, o jornalismo de investigação, ou os furos (TRAQUINA, 2005, p.180).

Essa afirmação é contestada pela editora Letícia. Ela até admite que os repórteres, classificados por ela como os mais antigos, “construíram uma relação muito mais próxima com a fonte” e que esse relacionamento profissional possa “gerar um comodismo”, entretanto destaca que as fontes não são apenas procuradas para assuntos que lhes interessam.

6.1.2.1 Critérios de noticiabilidade na seleção dos acontecimentos

Para analisar a seleção dos fatos merecedores de virar notícia da Folha do Mate é fundamental evidenciar que essa escolha subjetiva é baseada em um processo complexo que envolve uma série de critérios de noticiabilidade adotados pela empresa e pelos profissionais. Os critérios de noticiabilidade servem de linha guia, agilizam a tomada de decisões e produção de notícias. “Os critérios de relevância não existem apenas porque tornam possível a eficiência; tornam-se relevantes porque são também eficientes” (GANS apud WOLF, 2001, p. 241).

Elenco os critérios de noticiabilidade da Folha do Mate baseando-se em uma análise própria, na entrevista com a editora e na tabela proposta por Wolf (2001). Cito quatro critérios presentes na linha editorial e na grande maioria das matérias da Folha do Mate. Obviamente esse número limitado de critérios não compreende todo o universo de noticiabilidade do meio de comunicação, uma vez que, as possibilidades que tornam um fato noticiável são flexíveis e incontáveis.

O principal fator para um acontecimento ser noticiado pela Folha do Mate, na minha avaliação, é o dele ter ocorrido dentro dos limites geográficos por onde o periódico circula. Exemplificando isso, fatos oriundos em Venâncio Aires, Mato Leitão, Passo do Sobrado, Vale Verde ou Monte Alverne (distrito de Santa Cruz do Sul) são mais importantes que algo que aconteceu em Porto Alegre.

Wolf (2001) cita essa qualidade dentro dos critérios substantivos ao produto, na parte que fala sobre o interesse nacional, mais precisamente a questão de proximidade. “A proximidade geográfica refere-se simplesmente à regra prática da prioridade das notícias internas e que estão à disposição, em relação às notícias externas” (WOLF, 2001, p. 203).

Outros autores como Traquina (2008) e Silva (2014) também enaltecem a importância da proximidade geográfica e do jornalismo local em suas listas de valores-notícias.

A editora Letícia fortalece a constatação de que o periódico de Venâncio Aires opta por notícias dos municípios de abrangência ao dizer que “o mais importante para a Folha do Mate é a proximidade da notícia às pessoas”. O próprio slogan –

Parceria com a comunidade – evidência o interesse da instituição pelo jornalismo hiperlocal.

A opção por assuntos locais é considerada um dos diferenciais da Folha do Mate em comparação com outros periódicos. Como é o único impresso diário de Venâncio Aires, podemos concluir que a Folha do Mate não possui um rival à altura. Desta forma, ao produzir assuntos voltados para os municípios de abrangência, a empresa de comunicação evita uma disputa de mercado com outros impressos.

Essa afirmação vai ao encontro do que percebe Wolf (2001) sobre a influência dos meios de comunicação concorrentes na definição do que é notícia e também é reforçada pela editora. Conforme ela, “quem assina a Folha terá um material exclusivo”. Sustenta ainda que esse é o diferencial e a aposta do meio de comunicação de Venâncio Aires desde que ele foi fundado.

Obviamente, há possibilidades de acontecimentos ocorridos fora da área de abrangência ganharem destaque na Folha do Mate. A maioria dessas matérias era registrada nas páginas do Pelo Mundo – editoria criada exclusivamente para divulgar acontecimentos estaduais, nacionais e internacionais.

Outros casos ocorrem quando não há informações locais para serem divulgadas, entretanto sobra espaço na página. Cito uma matéria divulgada na editoria de agricultura na terça-feira (p. 14) com o título “Fetag reitera pleitos durante audiência pública do Senado”. Essa reunião ocorreu em Ijuí – 240 quilômetros de distância de Venâncio Aires.

dias 18 e 19 de julho) que retrata a falta de sinalização nas ruas de Venâncio Aires. Essa é uma carência passível de prejudicar qualquer cidadão.

Imagem 8 - Ruas sem identificação

Fonte: Folha do Mate (p. 4-5, 18-19 jul. 2015).

Outro critério adotado pela Folha do Mate contesta a lógica de Wolf (2001) e dos demais autores do *newsmaking*. Para eles, as notícias negativas têm tendência de ganharem espaço no jornal. “[...] são noticiáveis, em primeiro lugar, os acontecimentos que constituem e representam uma infração, um desvio, uma ruptura do uso normal das coisas” (WOLF, 2001, p. 201).

Porém no meio de comunicação do Vale do Rio Pardo uma das preocupações era evitar o pessimismo. Essa forma de fazer jornalismo é encarada com surpresa, ao menos, por Ricardo Noblat. “Desconheço se algum jornal tenha tido sucesso de vendas publicando apenas notícias positivas” (NOBLAT, 2004, p. 31).

Entre os vários exemplos esta a matérias das páginas 4 e 5 de terça-feira (dia 14 de julho). Enquanto os rios, córregos e arroios enchiam, a Folha do Mate noticiava “Gabinete é criado para atuar em enchentes e situação de riscos.” Essa era uma forma positiva de ver a situação, pois focava na solução do problema e não no problema em si.

Há outros casos onde a Folha do Mate tenta tranquilizar os leitores ao tornar um fato negativo, menos maléfico para a população dos municípios abrangidos. Essa abordagem anti-pessimista pode ser constatada em duas notícias: Caso de Meningite em Venâncio Aires não é motivo para preocupação (p. 6 de quinta-feira, dia 16 de julho) e Crise na saúde: prefeitos querem evitar o pânico (página 9, sexta-feira, dia 17 de julho).

Imagem 9 - Positivismo nas matérias da Folha do Mate



Fonte: Folha do Mate (p. 6, 16 jul.; p. 9, 17 jul. 2015).

A editora percebe o positivismo como uma das marcas do periódico. Justifica que para “um jornal que é parceiro da comunidade, que quer ajudar a desenvolver a comunidade, vale muito mais gastar tinta com notícias boas e construtivas do que com notícias ruins”.

A quarta característica fundamental para algo ser noticiado na Folha do Mate é a instantaneidade do fato. A editora cita a preocupação da Folha do Mate com os acontecimentos que ocorreram no dia e destaca que a redação possui um arquivo para agrupar os eventos que devem ser cobertos e divulgados com prioridade.

Wolf (2001) classifica esse valor-notícia nos critérios relativos ao produto. Se trata da novidade do acontecimento. Isso quer dizer que quanto mais recente for o fato, mais chances de ser noticiado pelos meios de comunicação. “A produção cotidiana estabelece um quadro diário e os factos noticiáveis devem ter acontecido

durante as 24 horas que medeiam entre um noticiário e o outro” (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 121 apud WOLF, 2001, p. 208).

Nos primórdios do jornalismo, a novidade já era elencada como fundamental, como podemos observar na constatação de Peucer. “Com efeito, o afã de saber coisas novas é tão grande que cada vez que os cidadãos se encontram em encruzilhada ou nas vias públicas perguntam: ‘o que há de novo?’” (PEUCER, 1690, p. 26).

6.1.3 Construindo a matéria na Folha do Mate (a busca pela informação)

O processo de busca pelas informações compreende a etapa onde o profissional sabe qual fato será noticiado, mas precisa se munir de relatos para contar a história. O repórter faz esse trabalho por meio de entrevistas, análise de documentos ou até observações próprias.

Na Folha do Mate constatei que há dois tipos de entrevistas. Primeira delas é a pré-agendada, quando o repórter faz o primeiro contato com o entrevistado, antecipa o assunto e marca um encontro. Esse procedimento é bom para ambos: o repórter por garantir que a conversa vai ocorrer e o entrevistado por poder se preparar às perguntas. Geralmente, esse pré-agendamento ocorre quando o entrevistado é uma autoridade. Um exemplo ocorreu na quinta-feira, quando a repórter Giuliane marcou uma entrevista com o secretário de Planejamento, Orçamento e Gestão, Celso Knies. Neste caso, há um entendimento que ele pode ter uma agenda lotada e necessita de um aviso prévio para estar disponível.

Atual redatora chefe da Veja, Thaís Oyama percebeu essas dificuldades de encontrar as autoridades na época em que era repórter. “As únicas pessoas que parecem ter mantido o hábito de atender telefonemas de jornalistas são professores, cientistas e pesquisadores” (OYAMA, 2008, p. 9).

O segundo tipo de entrevista é a informal. São os casos onde o repórter aborda a pessoa na rua, no trabalho ou em frente à residência e pede a opinião sobre alguma situação. Nem sempre esse tipo de procedimento produz o resultado esperado. O entrevistado pode se negar a dar a entrevista ou simplesmente não ter

condições de opinar. Entre as vantagens, está o fato do entrevistado ser pego de surpresa e dar uma resposta mais “verdadeira”. Também é um processo menos burocrático e mais ágil para o jornalista.

Uma tendência que percebi é que os repórteres não levam perguntas prontas, mas possuíam anotados tópicos importantes. Giuliane argumenta que desta maneira é melhor. “Ao longo da entrevista surgem outras perguntas, então é complicado ter questões engessadas.”

Durante a semana de observação participante, verifiquei que em poucas oportunidades os repórteres saíam a campo para fazer as entrevistas. Na maioria das vezes, eles utilizavam telefones ou e-mail. O jornal possui uma sala reservada para entrevistas onde está localizado um aparelho telefônico com gravador.

Os repórteres também aderem às novas tecnologias, como *whatsapp* e *facebook*, para contatarem as fontes. A repórter Vanessa diz que prefere esta forma de interação. “A gente não sabe se vai atrapalhar a pessoa se ligar. Assim, pelo *whatsapp* ou pelo *face* ele responde quando pode (sic).” As informações para a matéria “Liga Carnavalesca será reorganizada em Venâncio” foram colhidas em entrevistas pela rede social.

O próprio jornal incentiva a utilização das novas tecnologias de comunicação. Possui inclusive uma conta oficial no *facebook* e um número cadastrado no *whatsapp*. Essas ferramentas são utilizadas pelos repórteres de diversas maneiras. No *whatsapp*, os leitores enviam informações e fotos que podem virar futuras matérias. Pelo *facebook*, os repórteres procuram “cases” para as matérias. Um exemplo foi uma postagem registrada no dia 17 de julho com os seguintes dizeres: “PARA REPORTAGEM: Alguma sugestão de dona de casa que está incomodada e está tentando eliminar o mofo formado nos últimos dias com o mau tempo. Alguém?”

São vários os fatores que fazem os repórteres (e empresa) preferirem telefone, redes sociais ou e-mail do que saída a campo. O primeiro deles é o aumento do custo da produção jornalística, elevado pelos gastos com combustível, manutenção do veículo e possíveis pedágios. O segundo é a suposta “perda de tempo”, uma vez que fazer uma ligação, encaminhar um e-mail ou mandar uma

Claro que de maneira geral as entrevistas pessoais tendem a ser mais proveitosas que uma conversa por telefone ou troca de e-mails. Oyama (2008) percebe que em uma entrevista telefônica, o repórter perde a capacidade de persuasão e percepção por não haver o contato “olho no olho”. No caso do e-mail, Oyama é ainda mais crítica. Para ela, o sistema de envio e recebimento de mensagens pelo computador retira a espontaneidade da fala, além de impedir a possibilidade do repórter contestar a resposta, uma das principais prerrogativas do jornalista.

Na opinião da editoria Letícia, os repórteres e as fontes acabaram se acomodando com o telefone e as novas tecnologias. Ela analisa a situação como negativa e afirma que, na Folha do Mate, há um estímulo para que os repórteres saiam mais à rua.

Durante a semana de observação participante também percebi a dependência dos repórteres pelas fontes oficiais. Na maioria dos casos o jornalista procurava primeiro a instituição, autoridade ou especialista em algum assunto para, em um segundo momento, ir atrás dos “cases”.

Cito como exemplo a produção da matéria “Após licença, município contrata dois pediatras” (p. 4 do dia 15 de julho). A pauta surgiu na segunda-feira, entretanto os jornalistas buscaram informações pela fonte oficial – nesse caso a direção do hospital São Sebastião Mártir – que negou irregularidades. A matéria foi divulgada na quarta-feira graças a um projeto aprovado pelo Legislativo (outra fonte oficial) que contratava emergencialmente dois médicos dedicados à saúde da criança. Uma mãe com dificuldades de encontrar atendimento pediátrico (fonte testemunhal) foi entrevistada apenas no último processo de construção da matéria.

Imagem 11 - Sem pediatras em Venâncio Aires



Fonte: Folha do Mate (p. 4, 15 jul. 2015).

6.1.4 A hora do fechamento na Folha do Mate (edição)

Pode não parecer, mas a edição é um dos principais processos dentro da produção jornalística. A edição pode mudar a configuração da matéria, além de dar a “cara” ao impresso, pois é nessa etapa que se monta a capa – página mais visualizada do jornal.

Matérias de primeira página no jornal têm duas vezes mais leitura do que as que aparecem em suas páginas internas. Matérias com ilustrações gráficas atrativas e títulos maiores atraem mais leitores. Muitas outras características do jornal influenciam o alcance do sucesso da comunicação massiva em uma audiência (MCCOMBS, 2009, p. 45).

De uma maneira geral, percebi que a edição do conteúdo jornalístico é feita com o apoio de toda a equipe, inclusive, com a opinião dos diagramadores. Porém a editora possuía mais influência na hora de decidir qual a “cara” que o jornal teria no dia seguinte. Era pelas mãos dela que as matérias passavam antes de chegarem à diagramação final.

Conforme a editora, a confiança no repórter pesa na hora de editar a matéria. “Há repórteres que preciso ler todo o texto e fazer várias alterações. No caso de outros profissionais, essa atenção não precisa ser tão grande.” A editora costuma analisar com mais cuidado o título, linha de apoio e legendas.

calão ditas pelos edis. A editora discordou. No fim, prevaleceu a opinião da editora e a matéria foi publicada com a seguinte frase: “Mentiroso, pedófilo, e safado são adjetivos que puderam ser ouvidos pelos venâncio-aireses durante a plenária”.

Há matérias que podem ter um determinado status na hierarquia do jornal e perde-lo durante o processo de edição. Isso ocorreu com a matéria “Selo incrementa as vendas das agroindústrias”, produzida pelo repórter Etges. Estava previsto que a reportagem iria ser a manchete principal e ficar em página colorida na quinta-feira, dia 16 de julho. Entretanto a editora constatou que faltou informações, diminuindo a qualidade da matéria. Às 18h30min, após conversa com a repórter Carolina Schmidt, ela decidiu que a matéria “Famílias de Mariante são encaminhadas para abrigo” (página quatro) seria a manchete principal. A matéria sobre o selo gaúcho foi relegada à página sete, sem destaque na capa.

Imagem 13 - Mudanças de páginas

Manchete
Folha de Mate
COTIDIAO PERA, 01 DE JULHO DE 2015
Folha de Mate
Cotidiano

PRECAUÇÃO

Famílias de Mariante são encaminhadas para abrigo

Com a cheia do rio Tapera, Defesa Civil, Bombeiros e capacitadas resgataram famílias de zonas de risco

■ Nível 12m88cm

PRECAUÇÃO DE MORADORA É COM DESMORONAMENTO

CERTIFICAÇÃO QUE GERA RESULTADOS





PRECAUÇÃO
Famílias de Mariante são encaminhadas para abrigo com a cheia do rio Tapera. Defesa Civil, Bombeiros e capacitadas resgataram famílias de zonas de risco.

PRECAUÇÃO DE MORADORA É COM DESMORONAMENTO
Moradora em situação de desmoronamento em sua residência.

CERTIFICAÇÃO QUE GERA RESULTADOS
Técnicos realizando certificação em uma propriedade.

Fonte: Folha do Mate (p. 1 e 7, 16 jul. 2015).

Suspender a publicação de uma matéria também pode ser uma das ações na hora da edição. Isso ocorreu em pelo menos uma oportunidade durante o período de observação participante. Na terça-feira, a editora Leticia deixou de divulgar a matéria sobre a falta de atendimento no hospital São Sebastião Mártir por faltar informações básicas.

O material foi divulgado na edição de quarta-feira com o nome “Após licenças, município contrata dois pediatras”. Antes de autorizar a publicação, a editora ainda boicotou uma foto. O repórter Pegoraro havia fotografado uma mulher e filha que necessitavam de atendimento na Unidade de Pronto Atendimento (UPA). Mas a mulher estava rindo na imagem. “É uma mulher negativa. A mulher estava esperando atendimento médico para a filha. Ela não podia estar feliz,” argumenta.

6.1.4.1 Critérios de noticiabilidade na produção da capa

Os critérios de noticiabilidade adotados na produção da capa – página mais nobre do jornal – merece uma análise separada. Em geral, os mesmos valores observados na etapa de seleção das notícias se mantêm no fechamento da edição.

Cito como exemplo a questão do interesse por notícias geograficamente locais. Das 26 chamadas de capa produzidas entre os dias 15 de julho a 18 de julho, 25 tratavam de fatos que ocorreram ou envolviam os quatro municípios abrangidos pelo meio de comunicação impresso. A única exceção foi registrada na terça-feira (dia 15 de julho) quando a Folha do Mate noticiou “Marcel é tetra nos jogos Pan-Americanos” – matéria da página 23.

Imagem 14 - Marcel Stürmer na capa da Folha do Mate



Fonte: Folha do Mate (p. 23, 15 jul. 2015).

O interesse em dar um caráter positivo aos fatos também é constatado na capa. Exemplo é a chamada principal da capa de sexta-feira (dia 17 de julho) “Produtores à espera do sol para retornar ao trabalho”. A matéria da página quatro relatava as perdas dos colonos nas culturas agrícolas devido às chuvas, entretanto no título da página principal essa negatividade não era tão evidenciada.

Imagem 15 - Chamada com caráter positiva na capa



Fonte: Folha do Mate (p. 1, 17 jul. 2015).

Uma das diferenças na produção da capa em comparação com o restante das páginas era a preocupação dos profissionais em ter uma boa foto. Muitas vezes algumas notícias ganhavam destaque no espaço mais nobre do jornal, não pela significatividade do conteúdo, mas pelo fato de ter rendido uma boa imagem.

Wolf (2001) cita a importância de uma boa imagem nos critérios relativos ao meio de comunicação.

A avaliação da noticiabilidade de um acontecimento diz também respeito à possibilidade de ele fornecer bom material visual, ou seja, imagens que não só correspondam aos standards técnicos normais, mas que sejam significativas, que ilustrem os aspectos salientes do acontecimento noticiado (WOLF, 2001, p. 210).

Esse interesse das boas imagens também é destacado por Traquina (2008) dentro dos critérios contextuais de seleção. O autor é contundente ao afirmar que “a existência de boas imagens, de ‘bom’ material visual, pode ser determinante na seleção desse acontecimento como notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 89).

Dentro da rotina da Folha do Mate, foi possível constatar essa obsessão dos profissionais com a foto da capa na reunião de pauta de terça-feira, quando o grupo antecipou que a maior imagem da página principal seria sobre a enchente. A edição de quarta-feira (15 de julho) veio às bancas com uma fotografia estourada de uma

moradora do bairro Battisti andando pelas ruas alagadas, com o acompanhamento da frase: “Mais um alagamento para a história de Nérís”.

Imagem 16 - Foto chamativa na capa



Fonte: Folha do Mate (p. 1, 15 jul. 2015).

Uma característica própria da Folha do Mate foi imposta no projeto gráfico. É o fato da chamada principal do jornal ter que estar na página quatro, ou seja, na editoria Manchete. Essa situação, de certa forma, obrigava o profissional a adequar a matéria principal ao espaço da página quatro.

Abaixo, no Quadro 6, apresentamos um resumo das três etapas do processo de produção da notícia no jornal Folha do Mate observando ‘quem participa’, ‘as fontes’ e os ‘critérios (ou a inexistência deles) estabelecidos’

Quadro 6 - Análise Folha do Mate

	O QUE É NOTÍCIA	CONSTRUINDO A MATÉRIA	A HORA DO FECHAMENTO
Quem participa	Processo coletivo	Processo coletivo	Processo coletivo, mas hierarquizado
Fontes	Assessorias de imprensa são as principais fontes Fontes viciadas nas editorias com repórteres fixos Acesso direto (quando o próprio jornalista se pauta) Agendamento intermídia	Dependência das fontes oficiais	Sem uso de fontes
Crítérios	Proximidade geográfica Impacto do acontecimento Positivismo Novidade (notícia do dia)	Uso dos mesmos critérios da primeira etapa	Mesmos critérios da primeira etapa Boa imagem na capa

Fonte: do autor (2015).

6.2 Jornal Gazeta do Sul

6.2.1 Rotina Gazeta do Sul

A rotina na Gazeta do Sul inicia às 8h da manhã com a chegada dos primeiros repórteres responsáveis por produzir conteúdo para o jornal principal. No período matinal, a produção é muito menor devido ao número baixo de profissionais.

Em suma, nas primeiras horas do dia os repórteres se dedicam à busca por informações e redação de textos. Também ficam atentos às novidades que mereçam cobertura jornalística. O trabalho na manhã finda às 12h.

A redação fecha por 90 minutos, até a chegada dos primeiros repórteres, às 13h30min. Por volta desse período também ocorre a reunião de pauta, momento em que os profissionais discutem os assuntos que podem virar notícia. No período analisado o encontro durou 45 minutos a uma hora.

Após a reunião, o chefe de reportagem Ricardo Düren escala os assuntos por nível de importância e urgência de divulgação. Em um segundo momento, ele repassa as pautas aos repórteres. No período das 13h30min até as 19h se encontra o maior número de profissionais na redação. Eram sempre mais de 15 repórteres, estagiários e jornalistas produzindo para o caderno principal.

A rotina de produção noticiosa funciona da seguinte forma: depois de receber a pauta, o repórter vai atrás das informações por telefone, e-mail ou se deslocando até o local dos fatos. O material é redigido e antes de chegar às páginas passa pelas mãos da editora-chefe Rose Romero ou pelo chefe de reportagem Ricardo Düren. Após, o material é encaminhado até os revisores, que averiguam o português, contrariedades ou carência de informações. Essa é a última análise antes da matéria ser diagramada e ir para a gráfica.

Vale destacar que essas atividades ocorrem de maneira sincronizada, mas sem um horário específico. Isso quer dizer que uma matéria poderia estar sendo produzida pelo repórter, enquanto outra é revisada por um dos chefes e outra está sendo diagramada pelos diagramadores.

Pontualmente, às 20h, um repórter – geralmente o de polícia – liga para Delegacias de Polícia e Brigadas Militares em busca de possíveis acontecimentos que possam repercutir no dia seguinte. Durante a semana analisada, em nenhum dos dias houve novidades que pudessem mobilizar a redação.

O fechamento da edição da Gazeta do Sul ocorre por volta da meia-noite. A edição de quinta-feira foi a que mais atrasou e foi finalizada à 00h27min. Isso

ocorreu devido à divulgação da matéria “Derrota e queda no México”. Falava da desclassificação do Internacional na Libertadores ao perder para o Tigres por 3 a 1.

Imagem 17 - Eliminação colorada nas páginas da Gazeta do Sul



Fonte: Gazeta do Sul (p. 16, 23 jul. 2015).

Durante a semana de observação participante (edições dos dias 21 de julho a 25 de julho), o número de páginas variou de 16 a 28 páginas. Em apenas um dia percebi que a quantidade poderia estar abaixo do número de matérias produzidas pelos repórteres. Foi na segunda-feira, quando o chefe de reportagem Düren avisou a editora chefe Rose que não haveria espaço para a matéria sobre a cobertura da sessão da câmara de vereadores, feita pelo editor Garcia.

O jornal fechava aproximadamente pela meia-noite sem tumultos. Isso demonstra que a equipe conseguia se organizar, vencer a *deadline* e não sofria problemas da hipótese interacionista, citada por Traquina (2005). Conforme esses estudos, o campo jornalístico cria uma estrutura para controlar e impor ordem ao tempo e espaço. “O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana, orientada para cumprir as horas do fechamento” (TRAQUINA, 2005, p. 181).

6.2.2 O que é notícia na Gazeta do Sul? (selecionando os acontecimentos)

O processo de seleção das notícias é o primeiro dentro do trabalho jornalístico até a produção de uma matéria. Ele ocorre pelo fato do jornalista não possuir espaço para divulgar tudo que acontece na área de abrangência.

Há muitos eventos e situações solicitando a atenção dos jornalistas. Uma vez que não há nem a capacidade de coletar informações sobre todos esses eventos nem a capacidade de contar à audiência sobre eles, os jornalistas apoiam-se sobre um conjunto de normas profissionais que guiam sua seleção diária do ambiente. O resultado é que os veículos noticiosos apresentam uma visão limitada do ambiente mais amplo, algo como a visão altamente limitada do mundo exterior disponível através de uma estreita fresta das janelas de alguns edifícios contemporâneos (MCCOMBS, 2009, p. 45).

Na Gazeta do Sul, o processo de seleção das notícias é feito por um grupo restrito de pessoas. Ou seja, nem todos os profissionais que atuam diretamente com a produção de notícias definem sobre o que vão escrever. Para a grande maioria dos repórteres e estagiários, as pautas chegam pré-definidas pelos superiores.

Faço essa constatação ao analisar a reunião de pauta: o momento do dia, onde os profissionais se reúnem para escolher quais fatos cotidianos possuem potencial para virarem matéria. Esse encontro é realizado entre os jornalistas com cargo de chefia e editores.

Claro que o sistema também é democrático e permite a sugestão de pauta dos repórteres ou estagiários. Entretanto, percebo que pelo fato deles não participarem diariamente da reunião se cria dificuldades para os jornalistas subordinados opinarem sobre o que pode vir a se tornar uma matéria.

Esse poder de decisão de um grupo restrito – exclusivamente os superiores – é apontado na teoria organizacional. Wolf (2001) resume desta forma a autoridade imposta pela organização sobre o indivíduo:

[...] essa linha, raramente explicitada e discutida, é apreendida 'por osmose' e é imposta, sobretudo, através do processo de seleção dos jornalistas no interior da redação. A principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais não é o público, mas o grupo de referência constituído pelos colegas ou superiores (WOLF, 2001, p.182).

Sobre a restrição de profissionais na reunião de pauta, Düren destaca que essa decisão foi tomada como uma forma de agilizar o processo de escolha das

notícias. “Tinha uma época em que cada repórter participava e cada um expunha as suas pautas, o andamento e tudo o mais. No entanto, se concluiu que esse procedimento, com o crescimento da equipe de repórteres, a reunião acabava ficando muito extensa e acabava atrapalhando a própria produção dos repórteres,” justifica. Segundo Düren, os repórteres interessados em produzir matéria sobre determinado assunto podem passar a sugestão para os editores e eles as levam para o debate. Desta forma, ele acredita que o fato dos profissionais deixarem de participar da reunião não os impossibilita de influenciar no que é divulgado.

Na reunião de pauta, uma presença incomum – na minha opinião – era do diretor comercial Lau Ferreira. Me causou estranheza pelo fato de Ferreira não redigir matérias, então não estar participando diretamente do processo produtivo. Entretanto sua presença se justifica no momento que reflete a ligação estreita que a redação tem com o setor que cuida dos interesses dos anunciantes. Durante os dias de observação participante, Ferreira, em nenhum momento, interveio sobre a divulgação de algum assunto. Num único dia, na terça-feira, ele sugeriu uma matéria com interesses comerciais sobre a Fórmula Truck. Conforme Ferreira, os organizadores do evento fecharam um contrato com o meio de comunicação e, por isso, era necessário fazer uma boa divulgação do evento. Uma matéria com curiosidade sobre a quantidade de óleos e água no caminhão e intitulada “Truck carrega 400 quilos de líquido” foi divulgada no jornal do fim de semana. Essa preocupação com o fator econômico e comercial é explicada por Pena, também, na hipótese organizacional.

O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro. Por isso, a organização está fundamentalmente voltada para o balanço contábil. As receitas devem superar as despesas. Do contrário, haverá a falência da empresa e seus funcionários ficarão desempregados (PENA, 2005, p.135).

Imagem 18 - Pedido atendido e Fórmula Truck nas páginas do jornal



Fonte: Gazeta do Sul (p. 25, 25-26 jul. 2015).

Além de ser restrito, o processo de seleção de notícias da Gazeta do Sul respeita uma hierarquia. Isso quer dizer que, dentro do seletivo grupo de jornalistas que escolhem o que é notícia, há ainda profissionais que possuem mais poder de decisão. Vale destacar que essa relação de subordinação não ocorre como uma imposição. É um processo automatizado e que acredito estar enraizado na rotina produtiva do meio de comunicação devido à confiança que os profissionais mais experientes passam aos colegas.

Uma das jornalistas mais influentes da equipe é a editora-chefe Rose. De maneira geral, os assuntos que ela sugeria eram elencados como prioridade por Düren na lista de pautas. Cito como exemplo dois casos que demonstram a importância de Rose na hierarquia da redação. O primeiro ocorreu na reunião de terça-feira, quando ela pede que os jornalistas deem atenção à tentativa de homicídio planejada a um morador de Vale Verde pela própria mulher. Essa matéria é vinculada no dia seguinte, edição do dia 22 de julho, com o título “Homem escapa de tentativa de morte armada por esposa.” Outro caso foi sobre os santa-cruzenses que estavam disputando um campeonato de eisstocksport. A matéria foi sugerida por Rose na quarta-feira. No dia seguinte, Düren confirmou a publicação da matéria na edição do fim de semana, quando haveria mais páginas. A reportagem foi

divulgada na página 26 com o título “Bons resultados na Copa América” (dia 25 e 26 de julho).

Imagem 19 - Sugestões da editora-chefe Rose

Gazeta do Sul
26
SABADO 20 DE JULHO DE 2015

Esportes
Assaf busca a sua primeira vitória no retorno ao tênis

Bons resultados na Copa América

Futebol 2015 é na sua Gazeta

16 QUARTA-FEIRA
22 de julho de 2015 **POLÍCIA**

Homem escapa de morte armada por esposa

Auxílio da família

Ronda Policial

Fonte: Gazeta do Sul (p. 26, 25-26 jul.; p. 16, 22 jul. 2015).

Dines (2009) destaca que a criação de cargos de chefia dentre os jornalistas ocorre, na maioria das vezes, quando o proprietário do jornal está mais ligado à atividade política ou econômica. Ou seja, embora comande a empresa de comunicação, não possui certificação na área. O primeiro jornal a adotar esse sistema e criar o cargo de editor-chefe foi o Jornal do Brasil, de Nascimento Brito, em janeiro de 1962. Espelhando-se no Jornal do Brasil, outros periódicos seguiram e popularizaram a medida em todo o país.

Conforme Dines (2009), a função de editor chefe se torna importante, pois é ele quem leva à diretoria o aporte profissional. Em contrapartida, faz também o percurso contrário, levando à redação, em termos devidamente traduzidos, a orientação, concepção e normas dos proprietários (p.129).

Na sexta-feira registrei o caso mais perceptível de hierarquização. Foi quando o diretor presidente Jungblut foi até a sala de reuniões para participar da reunião de pauta e questionar a matéria da página oito “Estado adia a duplicação da 287, mas garante viaduto” (edição 24 de julho). Ele solicitou que a equipe de reportagem

Na sexta-feira registrei o caso mais perceptível de hierarquização. Foi quando o diretor presidente Jungblut foi até a sala de reuniões para participar da reunião de pauta e questionar a matéria da página oito “Estado adia a duplicação da 287, mas garante viaduto” (edição 24 de julho). Ele solicitou que a equipe de reportagem

buscasse mais fontes para confirmar o fato. O pedido foi atendido e no dia seguinte a Gazeta do Sul divulgou na página quatro: “Não quero paralisação de obra’, garante Westphalen” (edição 25 e 26 de julho).

Imagem 20 - Com ou sem obra?

Fonte: Gazeta do Sul (p. 8, 24 jul; p. 4, 25-26 jul. 2015).

A hierarquização deixa de influenciar com tanta intensidade as editoriais com responsáveis definidos. Nesses casos, geralmente as matérias eram escolhidas e produzidas pelos próprios editores. Eles possuíam autonomia para escrever sobre o que lhes convinha, desde que, a pauta passasse pelo aval dos participantes da reunião.

Um dos exemplos disso é a editora de Opinião Ângela. Ela chegava à reunião de pauta com os assuntos que iria abordar nas páginas de Mundo e País confirmados. Em nenhuma reunião que participei, as sugestões de Ângela foram refutadas pelos colegas. Ângela se pauta na Folha Press (agência de notícias paga pela Gazeta do Sul) e nós órgãos gratuitos como a Agência Brasil. “Não tem muito espaço, então pego os assuntos que ganham mais destaque,” conta.

Editor de Esportes José Carlos Ferreira também tem livre-arbítrio para escolher sobre o que quer trabalhar, mas alguns assuntos também são escolhidos ou sugeridos pelos superiores e colegas. Durante a observação participante,

Ferreira destinou a maioria das páginas à dupla Gre-Nal e Pan-Americanos. As informações eram buscadas nas assessorias de imprensa ou agências de notícias.

O agendamento intermediária sugerido por McCombs (2009) na hipótese do agendamento é constatado na Gazeta do Sul. Um exemplo é a matéria produzida na página 5 de terça-feira (dia 21 de julho), “Governo estuda aumentar ICMS sobre o tabaco”. O assunto foi abordado pelo editor Garcia após ele ler essa informação na colunaista da Zero Hora, Rosane de Oliveira.

Imagem 21 - Da coluna ao jornal de Santa Cruz do Sul

GERAL 21 de julho de 2015 5

ECONOMIA • Medida seria parte de pacote criado para turbinar a arrecadação e regularizar as finanças

SANTA CRUZ

Prefeitura reedita o Regularize Cidadão

Governo estuda aumentar ICMS sobre o tabaco

Dr. Caio Rossi - Gastroenterologista
Endoscopia - Colonoscopia
Rua. Lacerdosa - Sala 080 - Tel.: 3713-2907 / 8106-1738

CITY CAR
Estoque Quente

Modelo	Preço	Valor	Preço	Valor
BMW Série 1 1.8i	2015	R\$ 119.900,00	2014	R\$ 119.900,00
BMW Série 1 1.6i	2015	R\$ 109.900,00	2014	R\$ 109.900,00
BMW Série 1 1.4i	2015	R\$ 99.900,00	2014	R\$ 99.900,00
BMW Série 1 1.2i	2015	R\$ 89.900,00	2014	R\$ 89.900,00
BMW Série 1 1.0i	2015	R\$ 79.900,00	2014	R\$ 79.900,00
BMW Série 1 0.9i	2015	R\$ 69.900,00	2014	R\$ 69.900,00
BMW Série 1 0.7i	2015	R\$ 59.900,00	2014	R\$ 59.900,00
BMW Série 1 0.6i	2015	R\$ 49.900,00	2014	R\$ 49.900,00
BMW Série 1 0.5i	2015	R\$ 39.900,00	2014	R\$ 39.900,00
BMW Série 1 0.4i	2015	R\$ 29.900,00	2014	R\$ 29.900,00
BMW Série 1 0.3i	2015	R\$ 19.900,00	2014	R\$ 19.900,00
BMW Série 1 0.2i	2015	R\$ 9.900,00	2014	R\$ 9.900,00
BMW Série 1 0.1i	2015	R\$ 4.900,00	2014	R\$ 4.900,00

Fonte: Gazeta do Sul (p. 5, 21 jul. 2015).

Outro exemplo é a série de matérias “Caminhos do Contrabando”, produzida também pelo editor Garcia e circulante em cinco edições ininterruptas – até a quinta-feira, dia 23 de julho. As reportagens especiais mostravam como funcionavam os órgãos de segurança que controlavam o contrabando na fronteira brasileira. Para isso, o repórter ficou um período em Foz do Iguaçu, no Paraná. A matéria foi produzida graças ao apoio financeiro da Associação dos Diários do Interior do RS (ADI-RS).

Imagem 22 - Série de matérias Caminhos do Contrabando



Fonte: Gazeta do Sul (p.10, 21 jul.; p. 12, 22 jul.; p. 10, 23 jul. 2015).

A maneira como a série de matérias foi elaborada lembra muito a matéria de web produzida pela Folha de São Paulo e intitulada “Crime sem castigo: tudo sobre o contrabando no Brasil” (ARTE FOLHA, 2015, texto digital).

Ciro Marcondes Filho percebe essa interação mútua entre os meios de comunicação e conclui que isso acaba legitimando um fato como autêntico.

[...] quando um jornal, uma emissora de rádio ou televisão dão um furo, todos os outros os acompanham repercutindo a mesma notícia, numa reação orquestrada, continua e geral. E, quanto mais os medias falam da mesma notícia, tanto mais verdadeira ela parece (MARCONDES, 2002, p. 113-114).

O jornal Gazeta do Sul é um dos meios de comunicação do grupo de comunicação Gazeta. Possui ainda quatro emissoras de rádio, o portal de notícias Gaz e a Editora Gazeta Ltda. Nesse sentido é óbvio que as informações recebidas por qualquer um dessas plataformas pode parar no jornal Gazeta do Sul, ocasionando mais agendamentos intermídia.

A experiência pessoal ou constatações cotidianas dos jornalistas também podem render uma pauta. Esse processo é classificado por Traquina (2005) como acesso direto ao campo jornalístico. Resumidamente, o autor reforça que os profissionais da comunicação têm certa autonomia na hora de decidir sobre o que escrever. “Algumas notícias são geradas por jornalistas que vão ‘desenterrar’ as notícias” (TRAQUINA, 2005, p. 188).

A Gazeta do Sul também é pautada pelas assessorias de imprensa. Das 131 matérias produzidas na Gazeta do Sul dos dias 21 a 25 de julho, 31 eram oriundas de releases encaminhados pelas assessorias. O número equivale a 23% das notícias publicadas no jornal de Santa Cruz do Sul.

Os releases não eram divulgados na íntegra. Sempre algum profissional redigia os textos novamente colocando-os nos padrões textuais adotadas pela Gazeta do Sul. Na maioria dos casos, o material da assessoria de imprensa era utilizado como notas para cobrir espaços. Também se destacava o número de releases dos municípios vizinhos de Santa Cruz do Sul nas páginas da editoria regional.

Para concluir esse tópico, vale ressaltar que a seleção de notícias ocorre durante todo o dia, dependendo do horário que o fato acontece ou que ele se torna de conhecimento da redação. Dessa forma, a reunião de pauta é o principal momento de discussão do processo de seleção de notícias, mas não é o único. “À medida que as notícias se desenrolam durante o dia, a probabilidade de que forneçam bom material torna-se cada vez mais importante para a discussão das suas qualidades” (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p.116 apud WOLF, 2001, p. 211).

6.2.2.1 Critérios de noticiabilidade na seleção dos acontecimentos

Analisando a rotina de produção, a entrevista concedida pelo chefe de reportagem Düren e a tabela de valores-notícia proposta por Wolf (2001), apontamos quatro critérios de noticiabilidade classificados como os principais no processo de seleção dos fatos da Gazeta do Sul. Ressaltamos que esses critérios não são únicos, mas predominam no primeiro processo produtivo do jornal de Santa Cruz do Sul.

Na minha avaliação, um dos critérios de noticiabilidade mais presentes é a capacidade do acontecimento possuir alguma característica curiosa. Durante as reuniões de pauta, era costumeiro ouvir os gestores dizerem que determinado assunto iria “dar muita leitura por parecer trama de novela”.

Wolf (2001) enquadra esse critério na relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura. “São interessantes as notícias que procuram dar uma interpretação de um acontecimento baseado no aspecto do ‘interesse humano’, do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção.” (WOLF, 2001, p. 205).

Todos os demais estudiosos abordados nesta pesquisa enaltecem essa qualidade como fundamental. Ambos davam nomes diferentes para essa característica da notícia: Traquina (2008), Galtung e Ruge (1965) chamavam de inesperado, Silva (2014) de raridade, Shoemaker e Vos (2011) de desvio de conduta e Peucer (1695) de acontecimentos insólitos.

Esse gosto dos jornalistas pelo peculiar também é enaltecido pelo jornalista e escritor Noblat (2004):

É que aprendemos, com anos de ofício, que a notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou confunde; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento (NOBLAT, 2004, p. 31).

Para exemplificar o interesse do jornal pelo inusitado, cito três matérias publicadas na edição de quarta-feira, dia 16 de julho de 2015. Primeira delas está intitulada como Conflito entre vizinhos termina na justiça (página 7). É o caso de um casal de idosos que tentou, via justiça, proibir os vizinhos – pai e filho de nove anos – de jogarem bola no próprio pátio, alegando perturbação do sossego alheio. Segundo caso está na página 10 com o título “Após pedalarem por 40 países, ciclistas chegam a Sta. Cruz”. Relata a história de um casal que abandonou os empregos para viajarem o mundo de bicicleta. A última, intitulada “Homem escapa de morte armada por esposa”, está nas páginas policiais, mais precisamente, na página 16.

Imagem 23 - O interesse pelo inusitado nas matérias da Gazeta



Fonte: Gazeta do Sul (p. 7, 10 e 16, 16 jul. 2015).

Chefe de reportagem Düren confirma o interesse pela peculiar e inusitado. Entretanto, na opinião dele, o principal critério de noticiabilidade utilizado pela Gazeta do Sul é da proximidade geográfica. Em outras palavras, existe o interesse em divulgar acontecimentos que ocorreram no Vale do Rio Pardo, região onde o periódico concentra as assinaturas. “Como jornal regional, a Gazeta prioriza o que acontece em Santa Cruz do Sul e municípios vizinhos. É o que diferencia, por exemplo, a Gazeta de uma Zero Hora ou de um Correio do Povo, que acabam pincelando um pouco de notícias de todo o estado.”

Como apontado na análise da Folha do Mate, o interesse pelos assuntos próximos é evidenciado por Wolf (2001) nos critérios substantivos.

Esse interesse pela proximidade geográfica das notícias pode ser evidenciado de maneira distinta na edição de quinta-feira, dia 23 de julho. No primeiro caso, a matéria da página 9, intitulada “Moradores conhecem instalações” divulga informações sobre a mudança dos primeiros moradores no Loteamento Residencial Viver, de Santa Cruz do Sul. Essa é uma notícia que interessa exclusivamente à cidade.

Em uma segunda matéria, da página 12, a Gazeta do Sul noticia “Revisão eleitoral acontece em quatro municípios” Esse é um processo nacional que chega na área de abrangência, e apenas por isso, vira notícia do periódico.

Imagem 24 - Matérias com proximidade geográfica



Fonte: Gazeta do Sul (p. 9 e 12, 23 jul. 2015).

A Gazeta do Sul costuma acompanhar de perto os fatos já noticiados e divulgar possíveis novidades do acontecimento. Isso ocorreu em quase todas as edições analisadas. Cito a da quinta-feira, dia 23 de julho, quando quatro matérias eram continuações de casos que já divulgados anteriormente pela Gazeta do Sul.

A matéria da página quatro, “Conselho aprova passagem a R\$ 2,80” era o desenlace de uma matéria divulgada na terça-feira (dia 21 de julho), também na página quatro, “Passagem de ônibus deve subir”. A notícia de terça-feira dizia que o Conselho Municipal de Trânsito analisava a possibilidade de reajustar o preço das passagens. Na edição de quinta-feira, o jornal confirmava e divulgava o novo valor.

Imagem 26 - Mais suites na Gazeta do Sul

GERAL | quinta-feira | 23 de julho de 2015 | 5 | **Gazeta do Sul**

SANTA CRUZ • Proposta será discutida com os interessados em assumir UPA e Hospitalzinho, locais que podem abrigar a nova modalidade

Atendimento pediátrico deve ser ampliado

Redação
[redacao@gazetasul.com.br]

Um Hospitalzinho e um UPA (Unidade de Pronto Atendimento) em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, devem ser ampliados para oferecer atendimento pediátrico. A proposta é do Hospitalzinho e do UPA, que estão sob a gestão da UPA, com o objetivo de ampliar o atendimento pediátrico em Santa Cruz do Sul.

A proposta é do Hospitalzinho e do UPA, que estão sob a gestão da UPA, com o objetivo de ampliar o atendimento pediátrico em Santa Cruz do Sul.

A proposta é do Hospitalzinho e do UPA, que estão sob a gestão da UPA, com o objetivo de ampliar o atendimento pediátrico em Santa Cruz do Sul.



proposta para apresentar ao Conselho Municipal de Saúde. A expectativa é que o projeto seja aprovado em breve e que o atendimento pediátrico seja ampliado em Santa Cruz do Sul.

A proposta é do Hospitalzinho e do UPA, que estão sob a gestão da UPA, com o objetivo de ampliar o atendimento pediátrico em Santa Cruz do Sul.

TEMPERATURAS FRIAS ESTOQUE QUENTE Confira!

CITY CAR VEÍCULOS

www.citycarveiculos.com.br | 51 3715 1000

FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6	FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6
37.900,00	34.300,00	34.900,00	34.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00
FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6	FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6
37.900,00	34.300,00	34.900,00	34.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00
FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6	FIAT UNO 1.0	FIAT UNO 1.4	FIAT UNO 1.8	FIAT UNO 1.6
37.900,00	34.300,00	34.900,00	34.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00	35.900,00

GERAL | quinta-feira | 23 de julho de 2015 | 7 | **Gazeta do Sul**

SANTA CRUZ • Assembleias gerais entre associados de ambas as agremiações foram marcadas para a noite da próxima segunda-feira, nas respectivas sedes sociais

União e Corinthians cada vez mais perto da fusão

Redação
[redacao@gazetasul.com.br]

OS ENCONTROS

Corinthians

União

Primeiro encontro da nova agremiação deve acontecer em meados de outubro

União e Corinthians estão mais próximos de se unirem para formar uma única entidade. A fusão das duas agremiações está sendo discutida há algum tempo e os dois clubes já realizaram reuniões para discutir o assunto.

A fusão das duas agremiações está sendo discutida há algum tempo e os dois clubes já realizaram reuniões para discutir o assunto.



UM DEFILE DE OFERTAS IMPERDÍVEIS.

10X SEM ENTRADA E SEM JUROS

LIQUIDAÇÃO DE INVERNO

ASAPORRINA

LIQUIDAÇÃO DE INVERNO

UM DEFILE DE OFERTAS IMPERDÍVEIS.

10X SEM ENTRADA E SEM JUROS

LIQUIDAÇÃO DE INVERNO

ASAPORRINA

Fonte: Gazeta do Sul (p. 5 e 7, 23 jul. 2015).

A última matéria que mostra continuidade de um assunto já abordado estava na página 13, destinada à polícia. Com o título “Caso deve ter novidades em agosto”, a reportagem lembrava o assassinato de Ana Paula Sulzbacher, ocorrido em 2012. O crime voltou a ganhar destaque na Gazeta do Sul pelo fato do judiciário dar prazo de três dias para os advogados de defesa e acusação encaminharem as alegações finais.

Esse critério pode ser observado nas notícias referentes ao tabaco. Santa Cruz do Sul abriga as principais fumageiras do país. São essas empresas responsáveis pela maior fatia da arrecadação de ICMS do município, além de terem milhares de funcionários, tanto na indústria, quanto na colônia. Óbvio que qualquer fato que prejudique ou melhore o mercado do fumo será noticiado pelo meio de comunicação.

Sobre a concorrência, a Gazeta do Sul não possui dentro de sua área de abrangência outro meio de comunicação com quantidade similar de assinantes. Desta forma, a empresa jornalística cria uma hegemonia dentro da região de Rio Pardo, em especial, em Santa Cruz do Sul.

Essa situação faz com que a Gazeta do Sul se inspire em meio de comunicação de abrangência estadual e nacional. É possível citar como exemplo a editoria de esporte. A Gazeta do Sul faz uma cobertura diária do Grêmio e Internacional, entretanto as equipes não estão na área da abrangência do meio de comunicação do Vale do Rio Pardo. Durante a semana observante, o repórter de Esportes Ferreira também dedicava uma página ao Pan-Americano, evento que ocorria em Toronto, Canadá e sem participação de nenhum atleta do Vale do Rio Pardo. “A competição tem também como consequência o contribuir para o estabelecimento dos parâmetros profissionais, dos modos de referência” (WOLF, 2001, p. 215).

Imagem 28 - Pan-Americano e dupla Gre-Nal na Gazeta do Sul



Fonte: Gazeta do Sul (p.13-15, 21 jul. 2015).

6.2.3 Construindo a matéria na Gazeta do Sul (busca pela informação)

O segundo processo dentro da produção de uma notícia é a busca pela informação – momento quando o repórter se mune de relatos para escrever a história que será lida no dia seguinte.

A coleta de informações por meio do telefone ou e-mails é a mais comum entre os repórteres da Gazeta do Sul. Essa situação pode ser vista como insuficiente por alguns autores. “O problema é que os repórteres não saem mais da redação à procura de notícias. Eles saem atrás de notícias que nascem dentro da própria redação. Quase sempre as mesmas, em todas as redações” (NOBLAT, 2005, p. 42).

Em nenhum momento, constatei o uso das novas tecnologias como *whatsapp* ou redes sociais para essa finalidade. Saídas a campo e entrevistas pessoais eram raras. Não eram incomuns os casos onde apenas o fotógrafo saía, enquanto o repórter produzia a matéria de dentro da redação.

O repórter que mais produzia na “rua” era o profissional das páginas policiais, Rodrigo Kämpf. Acompanhei ele em três dos cinco dias que estive na empresa de comunicação. Na segunda-feira, acompanhei a repórter Mahara de Brito, enquanto ela cobria o avanço das águas em Santa Cruz do Sul.

Sobre a busca de informações na rua, os repórteres geralmente se deslocam acompanhados de um fotógrafo. Ou seja, raramente eles iam sozinhos para as saídas a campo. A presença do fotógrafo altera a maneira como ocorre a coleta dos dados, uma vez que o profissional, além de tirar fotos, pode interferir diretamente na forma como o jornalista vai se relacionar com o entrevistado e como vai produzir a matéria. Essa referência que os profissionais criam uns com os outros também é constatada por Alfredo Vizeu Jr (2014) durante sua observação participante no Telejornal RJTV1. “[...] a primeira preocupação deles na edição de uma matéria, na redação de uma cabeça, é a opinião dos seus colegas” (VIZEU, 2014, p. 108).

Para exemplificar essa situação, cito o fotógrafo Rodrigo Assmann, profissional com 25 anos de experiência na Gazeta do Sul. Quando Assmann saiu com a repórter Mahara, foi ele quem sugeriu que os dois se deslocassem com o caminhão pelas ruas alagadas do bairro Várzea. Nas saídas com Kämpf, Assmann

costumava fazer perguntas aos entrevistados. Também era ele quem dava dicas ao repórter de onde ele deveria pedir informações para chegar até as fontes.

A Gazeta do Sul tem uma autonomia em relação às fontes oficiais. Em outras palavras, se o órgão ou o profissional competente não passar as informações, a Gazeta do Sul busca outras maneiras de consegui-las por meio de fontes secundárias. Düren chega a afirmar que “muitas vezes a fonte oficial não dá conta do recado.” Essa possível limitação da fonte oficial justifica, para Düren, a utilização de fontes secundárias ou até fontes em off.

Trabalhar dessa maneira pode ser perigoso para o meio de comunicação, uma vez que as fontes oficiais tendem a ser mais confiáveis, como enaltece Wolf (2001). “Do ponto de vista dos procedimentos produtivos jornalísticos, as fontes estáveis, institucionais, acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo [...]” (WOLF, 2001, p. 225).

Por isso, Düren relata que quando o profissional não utiliza as fontes oficiais, ele averigua a informação que colheu com diversas outras pessoas até ter certeza absoluta de que encontrou a “verdade” sobre o fato.

A independência de fontes se manifestou na produção de, pelo menos, duas matérias durante o período pesquisado: “Homem escapa de morte armada por esposa” (p. 16 do dia 22 de julho) e “Desaparecimentos causam mistério” (p. 21 dos dias 25 e 26 de julho). Em ambos os casos, a equipe de reportagem não conseguiu as informações pelos órgãos de segurança e teve de ir até a localidade onde os envolvidos nos acontecimentos moravam para colher relatos.

Lago Dourado. O repórter foi até lá e constatou que ocorreu um atropelamento, mas que não se tratava de “um corpo encontrado”, pois a pessoa estava viva, mas com fraturas graves. O acontecimento virou nota na página 16 (dia 22 de julho).

Na outra situação, registrada na quarta-feira, o portal Gaz foi informado de uma colisão entre um veículo e uma carreta na RSC-287. Kämpf foi até o local com o fotógrafo Assmann e constatou que ninguém se feriu no acidente. No fim, foi divulgada uma nota sobre o acontecido na Ronda Policial, página 13 (dia 23 de julho).

A possibilidade de não conseguir as informações, perder tempo e recursos são fatores que, muitas vezes, desencorajam os repórteres e empresas de comunicação a apostarem na busca por informações na rua. Eles precisam controlar os minutos para que não falem no fim do processo, pois “[...] na corrida pela notícia, o vencedor é facilmente determinado pelo relógio” (VIZEU, 2014, p. 105).

Durante a busca pela informação também constatee um processo de hierarquização. Na figura de superior, o chefe de reportagem Düren instruía os repórteres antes deles iniciarem a coleta dos dados. Era Düren quem eles procuravam quando tinha dúvidas na maneira de “caçar” as informações. Antes de finalizar o material, os jornalistas também se reportavam a Düren e pediam se havia necessidade de aprofundamento o conteúdo.

Esse processo ocorria com os repórteres novatos ou estagiários. No trabalho dos editores e alguns profissionais com mais experiência, percebi que não havia interferência de Düren.

6.2.4 A hora do fechamento na Gazeta do Sul (edição)

A edição do impresso compreende a parte de revisão das matérias produzidas pelo repórter até a confecção da capa – principal página do jornal. Na Gazeta do Sul, esse processo é silencioso. Poucas pessoas participam dessa etapa. É um trabalho restrito ao chefe de reportagem Düren, chefe de redação Goulart, editora-chefe Rose e revisores. Durante a semana analisada, Düren era quem se responsabilizava por produzir a capa que, em um segundo momento, passava pelo

crivo de Rose. Na sexta-feira, Goulart retornou de férias e assumiu o trabalho de Düren na confecção da primeira página do impresso. Em nenhum momento constatei discussões. Esse trabalho era feito individualmente e quase que automaticamente pelos profissionais.

Sobre a revisão dos textos, percebi que o trabalho do repórter precisa passar pelo aval de mais do que um profissional antes de ser diagramado e, posteriormente, chegar às mãos dos leitores. O primeiro profissional que analisa o texto é o revisor. Além dos erros de português, ele também pode solicitar mudanças e corrigir informações que considera equivocadas. Um dos revisores, Luís Fernando Ferreira destaca que lê o texto, no mínimo, duas vezes antes de liberá-lo aos gestores.

Depois de passar pelo olhar do revisor, a matéria chega até Düren ou Rose. Eles têm o poder de mudar toda a ordem textual utilizada pelo repórter sem sequer solicitar o profissional. Geralmente, no dia da publicação, eles conversavam com os jornalistas e explicavam quais eram as mudanças e o motivo de terem sido feitas.

De uma maneira geral, Düren e Rose tomavam mais cuidado com os textos dos repórteres novatos ou estagiários. Essa não é uma coincidência. Os textos dos profissionais com pouca experiência eram os que recebiam atenção redobrada pelo fato deles ainda não estarem habituados com a forma como a empresa produz conteúdo. Dentro da hipótese organizacional, Breed (apud PENA, 2012) descreve que há um controle social na redação, exercido por meio do contexto profissional-organizativo-burocrático. O jornalista é socializado na política editorial da organização através de uma lógica de recompensas e punições. “Em outras palavras, ele se conforma com as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais” (PENA, 2012, p. 52).

6.2.4.1 Critérios de noticiabilidade na produção da capa

Na página mais nobre da Gazeta do Sul são utilizados os mesmos critérios do restante do jornal. Entretanto se destacam dois novos critérios. Um deles é a capacidade de entretenimento do fato. Em outras palavras, são notícias que não

estão ligadas à região onde o jornal está introduzido e nem afetam diretamente a vida dos leitores, mas chamam a atenção dos leitores.

Essa inclinação por assuntos recreativos é explicada devido à necessidade do meio de comunicação despertar o interesse do público pelo produto, nem sempre, informativo.

[...] para se informar um público é necessário ter atraído a sua atenção e não há muita utilidade em fazer um tipo de jornalismo aprofundado e cuidadoso, se a audiência manifesta seu aborrecimento mudando de canal. Desta forma a capacidade de entreter situa-se numa posição elevada na lista de valores/notícia, quer como fim em si próprio, quer como instrumento para concretizar outros ideais jornalísticos (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p.117 apud WOLF, 2001, p. 205).

O entretenimento na capa se manifesta por meio do amplo espaço destinado ao Grêmio e Internacional. Os clubes gaúchos apareciam na principal página da Gazeta do Sul todas as vezes que iriam ou haviam disputado alguma partida nos campeonatos brasileiros e da América do Sul. Outro detalhe: as chamadas de capa, em todos os casos da semana, eram acompanhadas com fotos grandes.

Na edição de quarta-feira (22 de julho) a dupla Gre-Nal ganhou boa parte do espaço da capa. A Gazeta do Sul noticiava “Noite da verdade para o Inter em Monterrey” e “Eficiente nos pênaltis, Grêmio vai às oitavas”. Na edição de quinta-feira (23 de julho), a chamada de capa com a maior foto era “Tigres engole o apático colorado”.

Imagem 30 – Dupla Gre-Nal na capa



Colocar uma imagem esteticamente bonita ou que chame a atenção do leitor também é um dos critérios na página mais nobre do jornal. Isso quer dizer que uma das matérias selecionadas para ganhar destaque na capa, não necessariamente tem um conteúdo relevante, e sim, uma boa foto.

Wolf (2001) explica essa escolha nos critérios relativos aos meios de comunicação. Conforme o autor, um bom material visual pode dar qualidade para matéria ou ser um dos requisitos para ela existir. “Citações como esta ‘essas imagens dizem mais do que qualquer comentário [...] revelam a existência e a importância daquele valor notícia, no próprio noticiário” (WOLF, 2001, p. 210).

No Quadro 7 abaixo apresentamos um resumo das três etapas do processo de produção da notícia no jornal Gazeta do Sul observando ‘quem participa’, ‘as fontes’ e os ‘critérios (ou a inexistência deles) estabelecidos’

Quadro 7 - Análise Gazeta do Sul

	O QUE É NOTÍCIA	CONSTRUINDO A MATÉRIA	A HORA DO FECHAMENTO
Quem participa	Processo restrito e hierarquizado	Processo coletivo, mas hierarquizado	Processo restrito
Fontes	Assessorias de imprensa pauta o jornal, mas não é a principal fonte Agendamento intermídia Editores tem mais autonomia para escolher as fontes Acesso direto (quando o jornalista se pauta)	Menor dependência das fontes oficiais Uso das fontes secundárias	Sem uso de fontes
Critérios	Fatos peculiares	Uso dos mesmos critérios da primeira etapa	Os mesmos critérios usados na primeira etapa

continua

	O QUE É NOTÍCIA	CONSTRUINDO A MATÉRIA	A HORA DO FECHAMENTO
	Proximidade geográfica Continuidade de assuntos já divulgados Impacto do acontecimento em relação ao número de pessoas e financeiro		Foto impactante na capa Entretenimento

Fonte: do autor (2015).

6.3 Comparativo e análise do quadro

A seguir apresentamos um quadro comparativo entre os dois jornais. Em seguida, faremos uma comparação dos dois periódicos utilizando os conceitos apresentados nas hipóteses do *newsmaking*, *gatekeeper*, organizacional, interacionista e estruturalista.

Quadro 8 - Comparação entre os periódicos

	Folha do Mate	Gazeta do Sul
O QUE É NOTÍCIA		
Quem participa	Processo coletivo	Processo restrito e hierarquizado
Fonte	Assessorias de imprensa são as principais fonte Fontes viciadas nas editorias com repórteres fixos Agendamento intermídia Acesso direto (quando o próprio jornalista se pauta)	Assessorias de imprensa pautam o jornal, mas não são as principais fontes Editores tem mais autonomia para escolher as fontes Agendamento intermídia Acesso direto (quando o próprio jornalista se pauta)

continua

	Folha do Mate	Gazeta do Sul
Critérios	Proximidade geográfica Positivismo Novidade Impacto do acontecimento Evita a concorrência	Proximidade geográfica Fatos peculiares Continuidade de assuntos já divulgados Impacto do acontecimento Concorre contra jornais estaduais
CONSTRUINDO A MATÉRIA		
Quem participa	Processo coletivo	Processo coletivo, mas hierarquizado
Fonte	Dependência das fontes oficiais	Menor dependência das fontes oficiais Uso das fontes secundárias e fontes off
A HORA DO FECHAMENTO		
Quem participa	Processo coletivo, mas hierarquizado	Processo restrito
Critérios	Uso dos mesmos critérios da primeira etapa Foto impactante na capa	Uso dos mesmos critérios da primeira etapa Foto impactante na capa Entretenimento

Fonte: do autor (2015)

6.4 Considerações sobre o que é notícia: análise comparativa qualitativa a partir de quem participa, das fontes e dos critérios de noticiabilidade no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul

A primeira grande constatação que chegamos ao analisar a bibliografia e os jornais do Vale do Rio Pardo é que a rotina produtiva bem definida e adesão de critérios de noticiabilidade, de uma maneira geral, servem para rotinizar o processo produtivo e tornar possível a divulgação das matérias no dia seguinte. É impensável,

como sustenta Traquina (2005), o repórter dizer ao consumidor da informação que não haverá notícia, pois não foram registrados acontecimentos para tal.

Segundo Wolf (2001), se o jornalista tivesse de criar novos critérios toda vez que selecionasse um acontecimento, essa tarefa se tornaria impraticável. “A principal exigência é, por conseguinte, rotinizar tal tarefa, de forma a torná-la exequível e gerível. Os valores/notícia servem, exactamente, para esse fim” (WOLF, 2001, p. 197).

Wolf destaca que “[...] a selecção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente” (GANS, 1979, p. 82 apud WOLF, 2001, p. 197). Essa constatação se confirma ao serem analisadas as reuniões de pauta e escolhas de assuntos feitas de última hora nos dois jornais. De maneira geral, as sugestões eram debatidas superficialmente ou nem isso. Desta forma, a aprovação ou exclusão da pauta ocorriam de uma maneira quase que automática.

Para entender como os critérios acabam sendo adotados pelos profissionais, vale destacar a explicação de Shoemaker e Vos (2011). Os autores enaltecem que “os jornalistas internalizam esses valores através de um processo de socialização” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 79).

Ao colocar lado a lado os critérios de noticiabilidade da Folha do Mate e Gazeta do Sul, se percebe que alguns são coincidentes e outros totalmente divergentes. Foi possível observar ainda que os critérios de noticiabilidade estavam presentes até na linha editorial dos periódicos. Um exemplo é o slogan da Folha do Mate: “Parceria com a comunidade”.

Essa frase evidencia o interesse por noticiar fatos ocorridos na área de abrangência, uma semelhança nos dois meios de comunicação. A força da notícia local é enaltecida por Mario Luiz Fernandes (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014). Na opinião dele, “[...] o leitor prefere tomar conhecimento de um fato pequeno, mas próximo, do que outro, mais importante, porém, ocorrido a quilômetros de distância” (NORBERTO, 1969, p. 24 apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 145).

Fernandes constata ainda que aspectos sociológicos, políticos, culturais e mercadológicos fazem com que a notícia local tenha forte apelo junto ao público. “As

temáticas de interesse podem variar, como apontam os leitores, mas a essência é o seu vínculo com a comunidade, com o local” (SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014, p. 154).

Outro critério de noticiabilidade que se assemelha nos dois jornais e do impacto do acontecimento quanto ao número de pessoas e dinheiro envolvido.

Sobre os contrastes, na Folha do Mate há um interesse por abordar assuntos positivos ou dar um caráter mais ameno aos fatos noticiados. Além disso, os profissionais do periódico de Venâncio Aires têm uma preocupação em dar destaque às notícias “do dia”, ou seja, que possuem novidades.

Por sua vez, a Gazeta do Sul prefere surpreender o público leitor com fatos peculiares e curiosos. Tem uma tendência de acompanhar de perto fatos já divulgados, desta forma, repetindo a publicação toda vez que surgir uma novidade.

Nos critérios de noticiabilidade utilizados na capa, se percebe uma semelhança entre os dois meios de comunicação. Ambos se atem à necessidade de divulgar uma foto de capa esteticamente chamativa ou bonita.

Vale destacar que esses critérios de noticiabilidade apontados na pesquisa são mutáveis. Em outras palavras, isso significa que os valores citados acima são tendências seguidas pelos jornalistas, entretanto essas tendências podem variar.

Exemplificando a situação, a preferência da Folha do Mate por assuntos positivos não impede que o meio de comunicação divulgue uma notícia negativa com determinada frequência. Da mesma forma, a preferência da Gazeta por assuntos extraordinários pode ser substituída, vez ou outra, por fatos que fazem parte do cotidiano diário da população, sem nada de peculiar ou curioso.

[...] os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e compatíveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis (WOLF, 2001, p. 197).

Para analisar a pergunta “quem pauta os jornais?”, utilizamos a reflexão feita por Gans (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014). Na visão do autor, a escolha do que é notícia pode ser influenciada por quatro grupos. São eles: o julgamento

subjetivo dos próprios jornalistas, a organização por meio de um controle presente nas rotinas produtivas, as qualidades do fato e as forças oriundas do exterior das organizações jornalísticas (leia-se grupos de interesse, grandes anunciantes, agências de notícia, assessorias de imprensa e órgãos públicos).

Numa análise epistêmica, Gans (apud SILVA; SILVA; FERNANDES, 2014) constata que cada uma das quatro alternativas de explicação do processo de seleção dos fatos possui grau de validade. Nessa queda de braço que ocorre entre esses grupos, alguns acabam ganhando mais poder, dependendo do meio de comunicação.

Na Gazeta do Sul, constatamos que a organização, por meio dos gestores, é a principal definidora do que será divulgado. Os grupos externos, a concorrência e as características da notícia também influem com certa potência. Já os repórteres têm pouco poder de decisão.

Diferenças são percebidas na Folha do Mate. Ao menos na nossa avaliação, os grupos externos, liderados pelos definidores primários e assessorias de imprensa, influenciam diretamente no que será publicado. Se constata ainda que o repórter possui autonomia para definir os assuntos que irá abordar.

Nesta lista de quatro possíveis pautadores dos meios de comunicação, incluímos mais um grupo. É o caso das empresas jornalísticas concorrentes que acabam pautando os demais adversários em um sistema mútuo de compartilhamento de informações denominado de agendamento intermídia. Nos dois periódicos do Vale do Rio Pardo, se constatou, ao menos uma vez, o reaproveitamento de matérias já divulgadas por outros meios de comunicação.

6.4.1 Considerações sobre a Hipótese do *Gatekeeper* e a Hipótese Organizacional no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul

Analisando os dois periódicos, observa-se uma diferença gigantesca na maneira como os profissionais se organizam para selecionar, produzir e editar as pautas. Enquanto a Folha do Mate aposta no coletivismo, a Gazeta do Sul possui um processo restrito.

Em todos os três momentos da produção da notícia na Folha do Mate, há uma participação intensa dos repórteres. Apenas na edição do material jornalístico se constata uma hierarquização. Neste caso, os repórteres são convidados a opinar, mas a decisão final é da editora ou diretor de conteúdo. Dines (2009) defende esse tipo de interação entre os colegas de profissão. “Jornal bem-sucedido é trabalho de uma orquestra de personalidades e ideias diferentes ou mesmo antagônicas, porém complementares, harmonizadas e equilibradas por normas ou metas comuns” (DINES, 2009, p. 77).

Utilizando o conceito de *gatekeeper*, se constata que na Folha do Mate o selecionador do fato pode ser qualquer um dos jornalistas, pois todos têm o poder de, ao menos, repassar uma pauta. No caso da construção da matéria, o repórter pode, inclusive, bloquear alguma informação que acredita ser desnecessária. “Ele é o responsável pela progressão da notícia ou por sua ‘morte’, caso opte por não deixá-la prosseguir, o que significa evitar a sua publicação” (NETO, 2012, p. 50).

Shoemaker e Vos (2011) classificam essa forma de trabalho como fenômeno de pensamento em grupo. Refere-se a uma forma de agir com a qual todos os profissionais se comprometem quando estão envolvidos com o grupo de trabalho.

Pelo fato das decisões jornalísticas serem tomadas, na maioria das vezes, em um âmbito individual, pode se afirmar que o poder da organização – descrito na hipótese organizacional – perde potência na redação da Folha do Mate. A falta de clareza das normas editoriais e a especialização dos repórteres são apontadas por Breed (apud PENA, 2012) como fatores que motivam os profissionais a ganharem mais autonomia na hora de executarem alguma tarefa durante o processo produtivo.

Numa visão inversa, pode se dizer que os jornalistas estão tão socializados com a política editorial da Folha do Mate que os julgamentos tomados por eles seriam os mesmos da empresa de comunicação. Esta adaptação ocorre através de uma sucessão sutil de recompensa e punições.

Diferente do contexto apresentado na Folha do Mate, se percebe uma influência maior da organização, por meio dos gestores, no processo de produção jornalístico da Gazeta do Sul. Os processos de seleção dos fatos e edição são delegados quase que exclusivamente aos profissionais com cargos de chefia ou editores. Até mesmo na hora da construção da matéria, quando o repórter se encarrega de buscar as informações que vão formar a matéria, há um controle do conteúdo feito, em especial, pelo chefe de reportagem Düren.

No estudo sobre o *gatekeeper*, Shoemaker e Vos (2011) percebem que os jornalistas podem ser influenciados por um modelo padrão que faz escolhas por eles. “Quando os *gatekeepers* permitem que as normas – padrões estabelecidos de comportamento – orientem suas seções, eles estão representando a profissão e a sociedade, e não agindo como indivíduos que decidem tudo sozinhos” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 78).

Essa percepção de que o jornalista possui pouca ou quase nenhuma influência no produto que supostamente ajuda a produzir foi percebida também pelo estudioso Ciro Marcondes Filho (2002). “Como anunciar com cuidado a um jornalista, que ele dispõe apenas de um pouco mais de poder sobre a informação que uma caixa de supermercado sobre a estratégia comercial de seu empregador?” (HALIMI, 1997, p.12-13 apud MARCONDES, 2002, p. 71).

Valendo-se da hipótese organizacional, se constata na Gazeta do Sul, de maneira mais marcante, o controle da redação apontado por Breed. Fatores como a autoridade institucional, o sentimento de estima com os superiores e o prazer da atividade promovem o conformismo dos repórteres perante a linha editorial da empresa. “[...] o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo” (TRAQUINA, 2005, p. 152).

6.4.2 Considerações sobre as hipóteses interacionista e estruturalista no contexto das rotinas produtivas de Folha do Mate e Gazeta do Sul

No estudo das fontes, se constata que Folha do Mate e Gazeta do Sul costumam ser pautados da mesma maneira. Em ambas as redações, os jornalistas recebem e utilizam informações das diversas assessorias de imprensa, embora que no periódico de Venâncio Aires, a influência dos assessores é mais intensa que no jornal de Santa Cruz do Sul.

Num dos critérios adotados por Traquina (2005) para a avaliação de uma fonte está a produtividade. Esse pode ser classificado como a qualidade predominante que faz o jornalista se deixar pautar pelos assessores de imprensa. Conforme Traquina (2005), além da qualidade do material, a produtividade se associa a necessidade que o profissional de comunicação tem de limitar o número de fontes a ser procurado com o objetivo de evitar custos demasiados.

Conforme Shoemaker e Vos (2011), outro fator que faz com que os jornalistas utilizem as informações repassadas pelas assessorias de imprensa é a maneira como esses órgãos conseguem tornar as mensagens particularmente atraentes. Na opinião dos autores, “essas mensagens carregam consigo uma força extremamente positiva em frente ao primeiro portão” (SHOEMAKER, 2011, p. 38).

Citando Sigal (1973), os autores afirmam que os repórteres se baseiam em canais rotineiros de coleta de notícias. Citam como exemplo, os releases, coletivas de imprensa e eventos não espontâneos como cerimônias ou discursos. “[...] a dependência de canais de rotina resulta em notícias predominantemente obtidas através de fontes oficiais” (SHOEMAKER; VOS, 2011, p. 81). Os autores relatam que os repórteres podem fugir desses canais de rotina por meio dos canais informais (histórias vazadas nos bastidores, conversas em off) ou os canais de iniciativa (entrevistas, coberturas espontâneas ou pesquisas originais).

Quando analisada a forma como os jornalistas se relacionam com as fontes na hora de buscar as informações, voltam a surgir diferenças nos dois meios de comunicação.

Folha do Mate tende a ser mais dependente das fontes oficiais. Em vários casos, as pessoas procuradas pelo meio de comunicação de Venâncio Aires são sempre as mesmas.

Esse vício é explicado por Traquina (2005) na hipótese estruturalista. Conforme esse pensamento, o jornalista, pressionado pelas horas do dia e pela necessidade de produzir um material imparcial e objetivo, acaba procurando sempre os mesmos profissionais na hora de produzir a reportagem. Com o tempo, esse vínculo se torna estruturado, consolidando a fonte como alguém confiável. Traquina (2005) chama esse seleto grupo de “definidores primários”. “Nesta perspectiva, no momento da produção jornalística, os médias colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos primary definers” (HALL, p. 230 apud TRAQUINA, 2005, p. 179).

Claro que não são apenas a opinião dos definidores primários que aparecem nas páginas da Folha do Mate. Outras fontes e pessoas também são procuradas, mas apenas quando se envolvem em fatos considerados interessantes pelos jornalistas. Wolf (2001) explica essa relação da seguinte maneira:

Aqueles que possuem o poder econômico ou político podem facilmente obter acesso aos jornalistas e são acessíveis a eles; quanto aos que não têm poder, é mais difícil que se tornem fontes ou sejam procurados pelos jornalistas enquanto as suas ações não produzirem acontecimentos noticiáveis, por serem moral ou socialmente negativo" (GANS, 1979, p. 81 apud WOLF, 2001, p. 235).

A Gazeta do Sul também é, de certa forma, refém dos definidores primários e fontes oficiais. Isso ocorre pela confiabilidade que esse restrito grupo possui perante a sociedade. “Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na autoridade” (TRAQUINA, 2005, p. 191).

Entretanto ela utiliza fontes testemunhais e presenciais para elaborar a notícia, quando os órgãos competentes se negam a passar as informações. Traquina (2005) atesta essa maneira de trabalhar ao dizer que “uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que forneça informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto” (TRAQUINA, 2005, p. 190).

Utilizando os conceitos da hipótese interacionista, é possível averiguar que ambos os periódicos criam uma rede noticiosa capaz de impor ordem ao tempo, ao espaço e facilitar o acesso às fontes. Entre os mecanismos visíveis nos dois meios de comunicação estão a criação de seções jornalísticas divididas por assuntos (as populares editoriais) e a colocação de profissionais “sentinelas” em organizações que tendem a produzir acontecimentos (câmaras de vereadores, Delegacias de Polícia e clubes esportivos, por exemplo). Na Folha do Mate se constata ainda um terceiro mecanismo: a divisão de repórteres em áreas territoriais. O jornal venâncio-airense possui profissionais específicos para cuidar das cidades de Mato Leitão, Vale Verde e Passo do Sobrado.

Em ambos os meios de comunicação também se constata o fenômeno do agendamento intermídia. Conforme Silva (2012), a incapacidade que os jornalistas têm de observar o mundo, a validação de um fato como noticiável e a tentativa de imitar empresas jornalísticas mais “categorizadas” justificam essa relação de troca de pautas entre os impressos.

Outra semelhança é o fato dos jornalistas utilizarem experiências próprias para definir pautas. Ou seja, os profissionais, visando a sua competência e poder, observam o meio onde estão inseridos e escolhem assuntos que podem virar notícia sem precisarem de uma fonte para lhes indicar a pauta.

6.5 Cruzamento de Dados – as avaliações do presente trabalho e a perspectiva dos editores de Folha do Mate e Gazeta do Sul

Como último objetivo proposto na pesquisa, produzimos um cruzamento de dados entre as observações feitas nas duas semanas de análise e as perspectivas observadas na entrevista semiestruturada, realizada com os editores de Folha do Mate e Gazeta do Sul.

6.5.1 Folha do Mate

A editora da Folha do Mate concorda plenamente com os apontamentos referente aos critérios de noticiabilidade presentes no meio de comunicação. Em contraste, ela discorda parcialmente da maioria das constatações sobre o relacionamento dos repórteres com as fontes e organização.

Ela confirma o critério de proximidade geográfica como o mais relevante no periódico de Venâncio Aires e destaca que, desde a fundação do jornal, em 1972, a proposta era fazer um jornalismo para que a “própria comunidade pudesse se ver”. Na opinião de Letícia, a valorização do jornalismo hiperlocal se fortaleceu com os anos até se tornar uma das marcas da Folha do Mate. “Nós acreditamos que quem realmente vai sobreviver é o jornalismo hiperlocal, pois aquilo que está acontecendo mais próximo das pessoas é o que realmente as pessoas querem saber.”

Da mesma forma que o pesquisador, ela enaltece que a propensão em divulgar acontecimentos ocorridos na área de abrangência é uma forma de se evitar a concorrência com meios de comunicação de âmbito estadual, pois os conteúdos divulgados pela Folha do Mate serão exclusivos da área de abrangência e, em casos raros, despertarão a atenção da grande imprensa gaúcha.

Letícia também ratifica o interesse do jornal nos acontecimentos positivos – critério inverso ao apresentado pelos pesquisadores do *newsmaking*. A editora justifica que para um jornal parceiro da comunidade, é mais importante gastar tinta com as notícias boas e construtivas do que com tragédias ou fatos ruins.

A editora aponta ainda a novidade como uma das qualidades procuradas pela Folha do Mate nos acontecimentos. Ela possui um arquivo onde anota eventos que precisam ser noticiados com urgência. Conforme Letícia, o jornal nem sempre consegue um assunto classificado como novo em Venâncio Aires e arredores. “Tem dias que a gente quebra a cabeça.”

Ao ser questionada se a assessoria de imprensa e órgãos oficiais são as principais fontes da Folha, a editora confirma, mas com ressalvas. Para ela, as assessorias de imprensa são atuantes e, por isso, ganham espaço nas páginas do jornal.

Embora perceba certo vício dos repórteres setoristas com algumas fontes oficiais, Letícia descarta que o jornalista escreve para as fontes – possibilidade constatada pelo pesquisador ao analisar o relacionamento próximo que alguns repórteres possuem com os órgãos ou pessoas que lhes passam pautas seguidamente.

Para a editora, os repórteres procuram as fontes em diversas situações, inclusive, quando isso pode ser prejudicial para quem passa a informação. Na entrevista, ela sai em defesa de editorias específicas e repórteres específicos, embora não tenham sido apontados nomes pelo pesquisador.

Sobre a relação do repórter com a organização, Letícia explica que os profissionais, ao serem contratados, são orientados a se basearem nos princípios adotados pela empresa. Para ela, o profissional tem liberdade para definir o que é notícia – fato constatado durante a observação da rotina do jornal.

Ela aponta uma problemática dessa autonomia. “Por causa disso muitas vezes a Folha do Mate também pecou em alguma informação do dia, alguma informação relevante, porque eles se acostumaram a programar uma matéria por dia sem levar em conta a novidade do dia.”

Para finalizar, a editora reconhece a necessidade dos jornalistas saírem mais para a rua na hora de buscarem o material ou entrevistarem as pessoas. Como aponta a análise, a maioria dos profissionais produz de dentro da redação, por meio de ligações ou troca de e-mails. Letícia acredita que essa forma de se fazer jornal é mais ágil, porém, se perde a essência do jornalismo.

6.5.2 Gazeta do Sul

Principal discordância entre pesquisador e chefe de reportagem da Gazeta do Sul é quanto à liberdade do repórter perante a organização. Sobre os critérios de noticiabilidade, há sutis divergências, entretanto os apontamentos feitos na pesquisa são reconhecidos pelo chefe de reportagem. Unanimidade ocorre nas constatações feitas sobre a relação dos repórteres com as fontes.

Para Düren, o principal critério adotado pela empresa jornalística é o fator regional e a relevância que o fato tem na vida das pessoas. Na entrevista, ele usa o exemplo das enchentes que assolavam o Vale do Rio Pardo. “É uma situação calamitosa e o jornal tem que acompanhar até no sentido de ver o que está se fazendo pelas pessoas atingidas. Então temos um caráter social muito forte.”

Na análise feita a partir da observação participante, elencamos a peculiaridade como a qualidade principal buscada pela Gazeta do Sul. Porém, para Düren, essa é uma premissa básica do jornalismo, sendo levada em consideração pelo meio de comunicação de Santa Cruz do Sul, mas não sendo a mais relevante.

Quando se fala sobre o interesse de acompanhar a evolução dos fatos já noticiados, há um consenso. Para exemplificar essa inclinação, Düren usa o exemplo das matérias policiais. “[...] quando ocorre um crime ou um assassinato, de tempos em tempos, o repórter vai lá e cutuca o delegado para ver como tá a investigação, se tem novidade ou não.”

Sobre a busca por informações em outras fontes que não sejam as oficiais, Düren confirma que os repórteres da Gazeta do Sul tendem a fazer entrevistas em off quando “a fonte oficial não dá conta do recado”. Para ele, essa forma de trabalhar não é perigosa, mas exige do profissional uma relação de confiança com a fonte e checagem do material recebido.

Düren explica que cada editoria tem as fontes principais e as fontes estratégicas – pessoas que não aparecem, mas que, às vezes, passam pautas importantes.

A maior das divergências entre as constatações da pesquisa e visão de Düren é sobre a liberdade dos repórteres na hora de definir o que é notícia. A pesquisa aponta que os repórteres possuem pouca autonomia, uma vez que sequer participam da reunião de pauta – principal momento para se escolher os fatos que serão noticiados.

Em contraste, para o chefe de reportagem, o repórter tem sim possibilidades de sugerir pautas por meio dos editores que os representam na reunião de pauta. Düren justifica que nem todos os profissionais participam do encontro, pois desta

forma seria gasto muito mais tempo na reunião, prejudicando o andamento do trabalho.

Düren também refuta a possibilidade dos jornalistas escreverem para os superiores, ao invés, dos leitores. Ele destaca que os repórteres são sempre orientados a escreverem pensando no consumidor final do produto jornalístico. Na pesquisa, chegamos à conclusão que o controle dos gestores sobre os repórteres – principalmente os estagiários e novatos – pode fazer com que eles acabem produzindo com o pensamento voltado para os superiores. O interesse ou necessidade de controlar a produção dos repórteres é enaltecido em diversos pontos da entrevista por Düren.

7 CONCLUSÃO

Após duas semanas e quase cem horas de observação participante, após a leitura de diversos autores da comunicação e após as conversas com os gestores, entendemos ser possível comparar os processos produtivos da Gazeta do Sul e Folha do Mate.

As diferenças na maneira como os jornalistas se relacionam com a organização, como eles escolhem as pautas ou como abordam as fontes são visíveis e escancaram a universalidade possível das formas de se produzir conteúdos informativos. Todas essas tendências e preferências acabam dando a “cara” do jornal e o diferenciando dos demais concorrentes.

Com base na nossa análise, podemos concluir, de maneira concisa, que a Folha do Mate é um jornal que noticia fatos novos e positivos, que impactam na vida do leitor e que tenham ocorrido na área de abrangência. Os órgãos oficiais e assessorias de imprensa são os principais “pauteiros” do jornal de Venâncio Aires e que geralmente os repórteres têm vínculos estruturados e muito próximos com as pessoas que lhes passam informações.

Já na Gazeta do Sul há uma tendência em se divulgar assuntos peculiares que tenham ocorrido, preferencialmente, na área de abrangência e que impactam na rotina dos leitores. Esses assuntos passam a ser acompanhados de perto pelo periódico e são lembrados quando houver novidades. Os repórteres, em geral, são submissos aos gestores, mas têm certa autonomia com as fontes, optando por

conversas informais quando os órgãos competentes tentam esconder ou camuflar alguma informação.

Mesmo com as visíveis diferenças, é possível constatar um padrão nos dois meios de comunicação. Momentos como a reunião de pauta, estratégias para controlar o tempo e o espaço e uma tentativa de hierarquização são algumas das características semelhantes dos jornais.

Vale ressaltar que nem todas as observações feitas nesta pesquisa coincidem com a visão dos gestores da Gazeta do Sul e da Folha do Mate sobre a própria forma de trabalhar. Essas divergências podem ser fruto do senso comum enraizado nas redações que não possibilitam um olhar amplo sobre o processo produtivo ou até limitações na análise do pesquisador.

De uma maneira geral, com esta pesquisa, acreditamos ter adquirido uma compreensão mais apurada dos motivos e fatores que fazem as notícias serem como são. Essa percepção é importante, uma vez que tendo o entendimento do trabalho prático, é possível aprimorá-lo e, conseqüentemente, melhorar a qualidade das informações divulgadas à sociedade.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009

CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015

CHINEM, Rivaldo. **Assessoria de imprensa: Como fazer**. São Paulo: Summus: 2003.

CRIME sem castigo. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo/>>. Acesso em: 12 set. 2015.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. 9. ed. São Paulo: Summus. 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

FOLHA DO MATE, Venâncio Aires, edições 14 jul. 2015 a 18 jul. 2015.

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, edições 21 jul. 2015 a 25 jul. 2015.

GIL, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas S.A., 1997.

HOHLFELDT, Antônio. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da agenda: A mídia e a opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, Lima Gerson. **Releasmania: uma contribuição para o estudo do press-release no Brasil.** São Paulo: Summus, 1985.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem.** São Paulo: Contexto, 2008.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre jornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

PEUCER, Tobias. **Relatos Jornalísticos.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>>. Acesso em: 12 out. 2015.

SHOEMAKER, Pâmela; VOZ, Tim. **Teoria do gatekeepink: construção e seleção da notícia.** Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES Mario Luiz. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Rodolfo P. Agendamento intermediático na era do cidadão produtor de conteúdo, 2012. **Biblioteca Online de Ciências da Computação – Bocc.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-rodolfo-agendamento-intermediatico-na-era-do-cidadao.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2008.v.II.

_____. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teoria hipodérmica à teoria do agendamento: análise e textos da teoria do agendamento.** Coimbra: Minerva, 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIZEU Jr., Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista semiestruturada com a editora do Jornal Folha do Mate, Letícia Wacholz

Entrevista semiestruturada com a editora do Jornal Folha do Mate, Letícia Wacholz. A conversa de 30 minutos e 47 segundos ocorreu na manhã do dia 9 de outubro.

Fale sobre a rotina, o dia a dia da Folha do Mate.

Temos uma equipe dividida em dois horários com repórteres de diferentes idades. Isso inclui universitários. Eles não estão pela manhã, pois estudam. Basicamente, meia equipe começa os trabalhos ainda às oito horas da manhã. Então esses são os responsáveis para adiantar o seu conteúdo. Logo, são as primeiras matérias que a gente espera. São as editoras de esporte, polícia e rural. Essa mesma equipe que chega na primeira hora é responsável por atualizar o site. Cada repórter atualiza a sua própria matéria.

Se acontece algo novo, por exemplo hoje, estamos em uma greve de bancários e mais um banco aderiu a greve, alguém que está na redação e responsável por ficar antenado. De manhã costuma ser bem tranquilo.

Já à tarde, à uma e meia, todos os dias a gente faz uma reunião de pauta com exceção da sexta-feira que é uma edição mais longa e a gente vai organizando durante a semana. Todos os repórteres devem estar presentes e participar da reunião de pauta. Ali a gente decide o que vai ser divulgado, o que vai ser a capa e o que vai ser a contracapa.

Em relação à contracapa, a gente sempre dá preferência ao esporte ou para algum fato policial. Não é uma regra, mas foi algo que foi se criando ao longo da história da Folha. Se você vai buscar as edições do jornal, mais de 90% das contracapas são do esporte ou da área policial. A capa sempre é o maior desafio, como em qualquer jornal. Se nós não temos um fato relevante da cidade, que é o nosso objetivo número um, a gente busca trazer um tema com gancho local. Então a gente sai da reunião basicamente definidos. Dai depende o que tiver durante o dia.

Mais ou menos por volta das oito, nove horas da noite é o nosso prazo máximo para fechar a edição. O jornal é impresso na Gazeta do Sul.

Fale um pouco mais do *deadline*. Como é a hora do fechamento na Folha do Mate?

Depende dos dias, o *deadline* é um pouco tumultuado. Embora não seja um horário certinho, a gente trabalha com esses prazos que a Gazeta nos pede. Ele pode ser estendido caso aconteça alguma coisa e uma página fica para trás. Por exemplo, quando joga a Assoeva, a gente costuma segurar uma página e finalizar a edição por volta das 23h.

Quais são os critérios adotados na hora de definir o que é notícia?

Primeiro lugar, nós temos uma agenda de pautas que é um arquivo onde definimos aquilo que é do dia. Por exemplo, eu sei que hoje vai vir o secretário de Transportes. Já tenho isso na minha pauta. Então tudo aquilo que é do dia, já tem prioridade e precisa sair na Folha.

Basicamente o critério é sempre o microrregional. Além de Venâncio Aires, abrangemos Passo do Sobrado, Mato Leitão e Vale Verde. Também damos espaço para Monte Alverne, que é um distrito de Santa Cruz do Sul, e eventualmente Boqueirão do Leão. A filosofia, a linha editorial do jornal é sempre trazer informações locais. Não que a gente não possa trazer um assunto estadual ou nacional, mas diferente de outros jornais, a gente aposta no local.

Como é a relação dos repórteres com as fontes? Quem são elas?

Percebo que quem tem alguma editoria fixa de trabalho, que são principalmente os repórteres mais antigos, eles construíram uma relação muito mais próxima com suas fontes. Exemplos: nós temos um repórter policial há 25 anos, um repórter da área rural há quase 20 anos, um repórter de esporte há 25 anos na empresa. Então, a gente percebe que essas figuras mais antigas da casa têm uma maior credibilidade com as fontes e também uma maior proximidade.

Claro que isso pode gerar, em algum momento, um comodismo por parte deles. Há figuras (fontes) carimbadas dos três. Delegado de Polícia é quase todos os dias nas páginas da Folha. O responsável da Emater é quase todos os dias nas páginas da Folha. O presidente da Assoeva e algum dirigente do Guarani, que são

os dois principais times profissionais de Venâncio, são figuras que aparecem quase todos os dias.

Agora os repórteres mais novos, tentamos não engessar tanto em editorias. A gente trabalha com prioridades. Então vai muito da pauta do dia para a fonte aparecer. Muitas das matérias envolvem prefeituras ou câmaras de vereadores. Outra preocupação, e que fica a altura do slogan da Folha do Mate, que é Parceria com a Comunidade, a gente busca trazer pessoas anônimas para dar voz às matérias.

Como é a relação dos repórteres com a organização?

O jornal tem uma linha editorial adotada. Sempre quando a gente contrata alguém, explicamos mais ou menos os princípios e os repórteres se baseiam por isso.

Sobre a liberdade de definir o que é notícia, embora eu como editora eleve uma pré-pauta, todos os repórteres têm liberdade de criar assuntos e fazer matérias. Claro que elas vão ser avaliadas depois. Mas todos já conhecem muito bem a filosofia, a identidade da Folha, então eles já criam e sugerem matérias todos os dias.

A Folha do Mate costuma abordar os temas pelo lado positivo?

Sim. A Folha, principalmente na capa, busca trazer assuntos positivos. Tanto é que a página policial dificilmente vai ser capa. Já aconteceu, mas aqueles assuntos que são relevantes. Não vai ser um simples caso, na esquina, uma batidinha de carro, que vai virar uma manchete da Folha do Mate.

A gente tinha até um consultor que dizia assim: 'um jornal que é parceiro da comunidade, que quer ajudar a desenvolver a comunidade, vale muito mais gastar tinta com notícias boas e construtivas do que notícias ruins'. Tem muito aquilo que o diretor (de conteúdo), Sérgio Klafke também fala do assinante receber o jornal de manhã, durante o seu café da manhã, é ver uma boa notícia para ele sair pra trabalhar. Ele associa isso ao café da manhã: 'essa notícia foi difícil de engolir'.

Mas a gente também não esconde o cenário ruim. Por exemplo, estamos numa crise desde o início do ano. A gente não escondeu que tem a crise. Mas tentamos também apontar caminhos. Será que a crise sempre é ruim? Enquanto todos os jornais estão dando só o lado ruim, nós fizemos uma manchete questionando será que existe só crise ou tem oportunidades nesse momento?

A maioria dos autores do newsmaking aponta o negativismo como sendo critério de noticiabilidade. A Folha do Mate faz o oposto. Como surgiu esse conceito?

Acredito muito que isso não é algo pensado e colocado no papel. Acho que essa identidade foi construída pelo próprio diretor de conteúdo (Sérgio Klafke), que foi repórter, foi editor e trouxe essa linha. Acho que muito se atribui a ele e ao proprietário do jornal que também teve essa preocupação em assuntos positivos.

A Folha do Mate opta por fatos ocorridos na área de abrangência?

Sim, sempre foi nossa prioridade trabalhar, em primeiro lugar, com Venâncio Aires. Claro que, eventualmente, a gente dá espaço pra outras cidades. Temos uma editoria chamada Pelo Mundo, onde tentamos resumir os principais acontecimentos do estado e do país.

Por que escolheram esse critério?

Primeiro lugar porque a gente acredita no jornalismo local. Foi uma aposta desde o início da Folha do Mate. Quando surgiu, em 1972, não tinha outro jornal. Era uma proposta para que a própria comunidade pudesse se ver. Ao longo dos 43 anos da Folha surgiram outros jornais. Nós percebemos que outros jornais da região que nasceram estritamente locais, mas mudaram o jeito de perceber a notícia. Por exemplo, a Gazeta do Sul é um jornal de Santa Cruz do Sul, mas que quase todos os dias dá uma notícia nacional, que talvez é a mesma notícia que a Zero Hora vai dar na sua capa, e a mesma notícia que a Folha de São Paulo e o Estadão vão dar. Agora a notícia que a Folha do Mate vai dar na capa, é só Venâncio Aires e as pessoas de Venâncio Aires que vão querer saber.

Poderia se dizer que esse critério é adotado para se fugir de uma concorrência com outros jornais de âmbito estadual, como Zero Hora ou Correio do Povo?

Sim. Além de ser uma visão da Folha de valorizar o hiperlocal, é um diferencial no momento de comparar os jornais. Quem assina a Folha terá um material exclusivo. Também é uma visão de mercado. A gente vive ouvindo e se questionando até quando vai existir realmente jornalismo impresso. Nós acreditamos que quem realmente vai sobreviver é o jornalismo hiperlocal, pois aquilo que está acontecendo mais próximo das pessoas é o que realmente as pessoas querem saber. Essa é uma aposta da Folha desde que ela foi criada. E esse é o diferencial da Folha, no meu ponto de vista.

Durante a segunda pergunta (quais são os critérios adotados na hora de definir o que é notícia?), você falou das notícias do dia, ou seja, da novidade e instantaneidade que o fato traz consigo. Esse também pode ser considerado um dos principais critérios de noticiabilidade da Folha do Mate?

Sim. A gente sempre tenta trazer ou antecipar algum assunto que vai ser debatido. Por exemplo, Venâncio Aires faz muitas audiências públicas e a gente vê uma baixa adesão das pessoas. Então a gente antecipa e faz a consulta com a população pedindo o que elas acham sobre o assunto.

Mas é claro que uma cidade que não é tão grande como Venâncio, nem sempre se tem o assunto do dia, o tema do dia, a notícia da hora. Nós temos dificuldades sobre isso. Tem dias que a gente quebra a cabeça.

Na tua opinião, qual seria o critério mais relevante da Folha do Mate: positivismo, o fator local ou o ineditismo da notícia?

O mais importante para a Folha do Mate é a proximidade e a abrangência da notícia às pessoas, mesmo que ela seja negativa. Embora a Folha veja a importância da notícia positiva, não podemos inventar notícias positivas.

Pode se afirmar que as principais fontes da Folha do Mate são as assessorias de imprensa e órgãos oficiais?

Não digo que principais fontes, mas eles têm uma contribuição bem grande. Eu sempre falo que temos uma assessoria de imprensa na prefeitura que é muito atuante. Às vezes alguns jornalistas têm algum receio com as coisas que vieram da assessoria de imprensa. Nós, como jornalistas formados, temos que saber filtrar informação e avaliar. Não é por que veio da assessoria de imprensa que temos que desprezar. O que a gente buscar fazer é pegar a informação que veio e ampliar o assunto.

Claro que a gente briga bastante, briga entre aspas, com os repórteres para que eles tragam as suas informações. Então, a gente percebe que os repórteres que trabalham em editoras conseguem trazer assuntos exclusivos com muito mais frequência, independente da informação que receberam. Exemplo: não vai vir uma informação por assessoria sobre em que momento está o plantio do tabaco. É o repórter Edemar (Etges) que está constantemente acompanhando e que sabe o calendário de todos os produtos e as culturas agrícolas. Mesma coisa o esporte. Abrimos seis, sete páginas por edição ao esporte e não nos prendemos a uma Eliminatória da Copa do Mundo ou Dupla Gre-Nal. A gente tem mais de 20 modalidades esportivas da região que vão desde futebol amador até torneios de canastra e a Folha do Mate dá visibilidade para todos eles.

Outras fontes seriam as testemunhais, as que vivenciam os eventos?

Sim, por exemplo, se a gente vai acompanhar um evento, a gente busca trazer algum case de alguém, algum depoimento. No último projeto gráfico a gente teve um recurso que é a linha destaque. Vemos muito valor nisso, em trazer as frases de pessoas desconhecidas. Talvez seja a primeira vez que essas pessoas saem no jornal.

Os jornalistas da Folha do Mate escrevem para as fontes?

Essa questão é sobre o repórter dar mais importância para a fonte do que ao leitor?

Isso.

Eu acho que em primeiro lugar a gente vai avaliar. Pode ser que vai ser interessante para a fonte que vai dar entrevista, mas ela não é só procurada para

aspectos positivos, que sejam interessantes para ela. Até por que o repórter tem várias formas de contato. Ele pode ligar e perguntar se tem alguma novidade acontecendo, algum envolvimento da Emater por exemplo. Ou pode ir com uma matéria pensada sobre, por exemplo, quanto o granizo castigou a cultura do tabaco. A Emater pode dar alguma opinião técnica sobre algum assunto que nem seja tão positivo para ela.

Teve uma discussão agora sobre a greve dos policiais civis. O Álvaro (Pegoraro) cobre a polícia há 25 anos. O governo Sartori já tinha pagado todos os salários integrais, mas a polícia civil de Venâncio Aires continuou em greve. Mais do que isso, o próprio delegado estabeleceu que eles não iriam fazer atendimentos diários. Só os mais graves seriam atendidos. As outras queixas que as pessoas geralmente iam ali, sentavam, faziam o boletim de ocorrência iria ser feito só pela internet. Então eles estão trabalhando menos, já ganharam os salários deles e ainda estão parcialmente em greve. Talvez pela comodidade e proximidades que o Álvaro (Pegoraro) tem com os delegados, ele poderia se acomodar e não ter dado essa informação, mas pelo contrário, a gente destacou essa informação e ele teve que dar uma resposta sobre isso. Pode ter essa relação próxima que vai contribuir muitas vezes para ter informações exclusivas, mas vão chegar esses momentos, talvez, de conflito, que é ruim ter tanta proximidade.

É possível afirmar que a Folha do Mate dá liberdade aos repórteres na hora deles definirem o que será notícia?

Eu acho que sim, mas agente vem trabalhando para mudar um pouco isso. Por muito tempo acho que eles foram muito livres, sabe. Como vou te dizer. Eles já tinham a agenda na cabeça, a pauta pronta, principalmente os mais velhos. Eles vinham e diziam: 'eu tenho isso, isso e isso para hoje'. Mas será que eles verificaram tudo que está acontecendo no dia? Por causa disso muitas vezes a Folha do Mate também pecou em alguma informação do dia, alguma informação relevante, porque eles se acostumaram a programar uma matéria por dia sem levar em conta a novidade do dia. Isso a gente tá mudando.

Principalmente agora com a crise que atingiu o papel por causa do aumento do dólar, tem dias que tem algumas editorias que se elas não trazem alguma

informação relevante, não digo que a gente não vai usar, mas orientamos para fazer alguma matéria que seja mais factual.

Os jornalistas produzem mais dentro da redação ou na rua?

A maioria mais dentro da redação.

Por que isso acontece?

Acho que o telefone, a internet, as redes sociais acomodaram muito os repórteres. E isso é uma das coisas que a gente mais discute. Que lugar de repórter é na rua. É uma coisa que vem de muito tempo e aprendemos até na faculdade. Temos que ter um equilíbrio. A gente critica os que estão aqui dentro. O fato deles estarem aqui dentro faz com que eles percam coisas que estão lá fora. Eles não circulam e não percebem. É claro que quando tem um evento marcado e agendado, eles vão lá. Não esperam a notícia chegar aqui. Também não acompanhamos tudo, pois não é possível.

Então, o e-mail, o telefone e a rede social, até facilitam e agilizam. Mas eu percebo que perde um pouco a questão de humanizar as matérias, de fazer uma foto melhor, de não esperar que alguém encaminhe uma foto, um depoimento por e-mail. Percebo que isso vai viciando as fontes. Isso é ruim, pois as fontes se acomodam.

Mas, ao mesmo tempo, às vezes, a gente quer marcar uma entrevista com secretários, médicos, mas eles estão com a vida tão corrida e não têm mais paciência para receber o repórter e fazer a entrevista. Tem fontes que acontece com frequência de pedirem para mandar por e-mail ou responderem por telefone. Se perdeu a essência do jornalismo e não é só por causa do repórter acomodado com a tecnologia. Mas as próprias fontes preferem aquela relação por e-mail, o que no meu ponto de vista não é certo.

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com o chefe de reportagem do Jornal Gazeta do Sul, Ricardo Düren

Entrevista semiestruturada com o chefe de reportagem do Jornal Gazeta do Sul, Ricardo Düren. A conversa de 23 minutos e 51 segundos ocorreu na tarde do dia 14 de outubro.

Fale sobre a rotina, o dia a dia da Gazeta do Sul.

Bom, a Gazeta começa a ser planejada cedo. Na realidade, uma edição, por exemplo de uma quarta-feira, ela começa a ser planejada na noite de segunda. Então a gente trabalha mais ou menos assim. Nas noites do dia da semana a gente planeja a edição de dois dias seguintes. Ao longo do dia, tudo aquilo que foi planejado vai sendo monitorado pelos gestores. Os repórteres vão a campo, vão apurando. Alguns fazendo matérias quentes, outros fazendo matérias frias.

Ai uma série de gestores entra em ação monitorando como tá o andamento da produção dessas matérias pra também começar com certa antecedência a programar quais assuntos têm chances de ser manchete ou foto de capa. O que não significa que fatos ocorridos de última hora, fatos ocorridos na noite, fatos não previstos, como fatos policiais, não venham a se tornar a foto de capa do dia seguinte. De certa forma se trabalha com muito planejamento, mas ao mesmo tempo com uma capacidade de ajuste caso a pauta exija isso. Caso comecem a surgir fatos imprevistos que exijam reorganização das equipes de reportagem e de conteúdo dentro do jornal.

O que são as matérias quentes e as matérias frias?

A matéria quente é aquela que obrigatoriamente tem que sair no dia seguinte. Envolvem fatos que são, como a gente chama, factuais. Ou seja, um fato que aconteceu num dia e tem que obrigatoriamente ser notícia no dia seguinte.

E nós também temos o que a gente chama de matérias frias que são assuntos interessantes, mas que necessariamente não têm obrigatoriedade de sair no dia seguinte, na medida em que muitas vezes são pautas exclusivas da Gazeta. Ou seja, não existe o risco do furo, o risco de outro veículo dar antes. Essas matérias ficam a disposição para quando existir o espaço dentro do jornal ou para

enriquecer algumas edições, quando as notícias do dia não são lá muito interessantes.

Como é o deadline, a hora do fechamento na Gazeta do Sul?

Na realidade depende muito dos fatos do dia. Tem dias que têm futebol à noite, jogos da Seleção Brasileira, jogos da dupla Gre-Nal. Nesses casos, se espera o final do jogo para colocar a resenha na página de esportes. Então, são dias que o jornal fecha mais tarde. Via de regra, tenta-se fechar o jornal por volta da meia-noite.

Ai, por exemplo, não se espera o repórter terminar uma matéria fria. O que acontece muitas vezes são fatos imprevistos. Um fato de modo especial da área de polícia que pode vir a ocorrer de última hora. Dai se segura a edição para divulgar o fato.

Quais são os critérios adotados na hora de definir o que é notícia?

Basicamente são os critérios que se trabalha universalmente no jornalismo. A repercussão do fato sobre uma comunidade, o impacto que esse fato tem, a possibilidade dele ser atípico.

A proximidade é um fator que a Gazeta leva muito em consideração. Então a Gazeta prioriza muito a notícia que acontece na região, na nossa área de cobertura. Como jornal regional, a Gazeta prioriza o que acontece em Santa Cruz do Sul e municípios vizinhos. É o que diferencia, por exemplo, a Gazeta de uma Zero Hora ou de um Correio do Povo, que acabam pincelando um pouco de notícias de todo o estado.

Como é a relação dos repórteres com as fontes? Quem são elas?

Cada editoria tem as suas. Por exemplo, na polícia, as fontes principais são as autoridades policiais, oficiais da Brigada (Militar), o delegado das polícias civil ou federal. Mas também têm fontes que são estratégicas. São fontes que não aparecem, mas que às vezes passam informações importantes. No caso da polícia, têm muitos pms (policiais militares) na rua que informam o repórter a cerca de ocorrências que estão acontecendo. É o tipo de informação que a fonte oficial não procura o repórter para passar e esse tipo de fonte, em off, procura.

Ai na política tem todas as lideranças da região. Prefeitos, vereadores, deputados na assembleia e na câmara. No esporte tem a cobertura da dupla Grêmio, onde não há uma relação muito forte entre repórter e treinadores ou jogadores, mas há uma relação muito forte, por exemplo, com lideranças das práticas esportivas regionais.

Como é a relação dos repórteres com a organização?

Por uma questão de controle, a gestão tem que sempre saber o que cada um está fazendo. Ninguém produz uma reportagem camuflada ou sem que algum gestor saiba.

E mesmo quando surge uma pauta de última hora, o gestor precisa saber qual o repórter que tem mais condições de pegar aquela pauta. Nesse sentido essa organização é fundamental. O que não significa que o repórter não tenha liberdade de elaborar uma pauta, procurar fontes. Mas sempre deixando o gestor avisado acerca do que ele está produzindo.

Pode se afirmar que um dos principais critérios da Gazeta do Sul é a peculiaridade?

Eu acho que em todo o jornalismo se procura o curioso, o diferente, aquele caso do homem que morde o cachorro, aquilo que difere do normal. Agora, no caso da Gazeta do Sul, pesa muito o fator regional e a relevância que o fato tem na vida das pessoas.

Por exemplo, agora a gente está às voltas com a enchente. Em Rio Pardo são várias pessoas que estão desabrigadas. Então, a equipe regional está em contato constante com Rio Pardo. A equipe esteve lá ontem, entrevistou pessoas e tirou fotos. É uma situação calamitosa e o jornal tem que acompanhar até no sentido de ver o que está se fazendo pelas pessoas atingidas. Então temos um caráter social muito forte.

Você apontaria a proximidade como o principal critério da Gazeta do Sul?

Eu penso que sim. O principal critério é o local. Isso não significa que a Gazeta não dá noticiário internacional, noticiário de país, noticiário de mundo ou mesmo sobre fatos pitorescos ocorridos em outras regiões. Agora, o caráter local e regional pesa muito forte.

A Gazeta do Sul costuma acompanhar a evolução dos fatos já divulgados?

A questão da abertura de suítes?

Isso.

Sim, sem dúvida alguma. É o caso desse exemplo do temporal. Todo o dia está se vendo como tá. Se o rio está descendo, se o rio está subindo. Se o número de desabrigados aumentou, diminuiu. Também no caso, por exemplo, da polícia, quando ocorre um crime ou um assassinato, de tempos em tempos, o repórter vai lá e cutuca o delegado para ver como tá a investigação, se tem novidade ou não. Então, sempre se busca dar continuidade.

A Gazeta do Sul busca informações em outras fontes que não sejam as oficiais?

Olha, muitas vezes a fonte oficial não dá conta do recado. Então, nesse sentido, se busca muitas vezes informação em off, até no noticiário político, na coluna Panorama, que é uma coluna de bastidores da política. Às vezes é necessário consultar uma fonte em off pra você poder confirmar uma informação.

Às vezes na polícia isso também acontece. O off, o fugir da fonte oficial para se dar uma notícia ou que a fonte oficial desconhece ou que ela não tenha interesse em divulgar.

Você acredita que possa ser perigoso trabalhar com as fontes em off?

Cada caso é um caso. O primeiro cuidado que o jornalista tem que ter é de confiar na fonte em off que ele tem. De alguma forma tem que haver uma relação de confiança e o jornalista precisa, dentro do possível, checar aquela informação para ver se a fonte não está mentindo.

O jornalista da Gazeta do Sul escreve para os leitores?

Sim, penso que sim. Se leva em conta vários critérios. Se tenta escrever tanto para aquele leitor mais refinado, que tem algum grau de instrução mais alto, quanto para o leitor que talvez não tenha um grau de instrução mais elevado. Então sempre se preza pela clareza do texto, sem abrir mão de um texto de qualidade.

Em algumas ocasiões, poderia se dizer que o jornalista escreve para os superiores?

Olha, se orienta que isso não ocorra. E geralmente o editor detecta isso, pois se vê que é um linguajar mais difícil. Então a tentativa, ao nosso ver, é que se pense no leitor. Mas o leitor é aquilo que se diz em linguística. Quem escreve um texto e publica não é mais dono daquele texto. Cada um vai interpretar de seu modo. Dai que é importante um grau de clareza para que todo tipo de leitor possa entender.

É possível afirmar que os repórteres da Gazeta do Sul tem pouca liberdade na hora de definir o que será notícia?

Eu penso que não. Todo repórter tem a liberdade de sugerir pauta. O que se pede é isso, que ninguém produza uma pauta sem informar o gestor. Daqui a pouco, o repórter tá fazendo uma pauta boa e o gestor não sabe. Daqui a pouco, o gestor vai passar outra pauta para esse repórter e ele vai ter que se dividir. Então importante, por uma questão de organização, o gestor saber o que cada um está fazendo. Mas isso não restringe a liberdade criadora, a liberdade de elaborar pauta por parte do repórter.

Faço essa análise pelo fato de nem todos os repórteres participarem da reunião de pauta. Por que isso acontece?

Isso foi uma decisão que se tomou há algum tempo. Se optou por fazer a reunião só com editores, mais por questões operacionais e de agilidade do que necessariamente de restrição da participação. Tinha uma época em que cada repórter participava e cada um expunha as suas pautas, o andamento e tudo o mais. No entanto, se concluiu que esse procedimento, com o crescimento da equipe de repórteres, a reunião acabava ficando muito extensa e acabava atrapalhando a própria produção dos repórteres. A reunião começava uma e meia (da tarde) e

terminava lá pelas três (da tarde). Ai o pessoal ia começar a apurar e escrever. Atrasava a vida de todo mundo.

O que se faz hoje. Cada gestor de área conversa com sua equipe, tanto distribuindo pauta, quanto colhendo sugestões. E ai apresenta nessa reunião, que é uma reunião de editores. Então a gente entende que o fato da não participação dos repórteres na reunião de pauta não impeça a participação deles na confecção das pautas, na medida em que cada um tem a liberdade, junto com os editores, de sugerir e ele levar para debate entre os demais editores e gestores.

Os jornalistas produzem mais dentro da redação ou na rua?

Depende de cada caso. Costumo dizer que lugar de repórter é na rua apurando. Então dentro do possível, a orientação é que cada um vá para rua para apurar, pra entrevistar pessoas e dar voz a quem está na rua. Mais muitas vezes, dependendo de graus como distância ou necessidade de agilidade, se puxa pelo telefone.

Na tua opinião, hoje os repórteres poderiam trabalhar mais na rua?

Acho que estamos trabalhando com uma porcentagem bem interessante de externas, vamos chamar assim, numa forma que não compromete a agilidade do jornal e também não o deixa engessado como se tivesse sido feito todo por telefone. Estamos num grau satisfatório.